

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

JOSÉ SOARES DE JESUS

A RENOVACÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E A ELABORAÇÃO DA
IDENTIDADE RELIGIOSA DOS SEUS SEGUIDORES: DESAFIOS E
LIMITES DENTRO DO CATOLICISMO

RECIFE

2012

JOSÉ SOARES DE JESUS

A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E A ELABORAÇÃO DA
IDENTIDADE RELIGIOSA DOS SEUS SEGUIDORES: DESAFIOS E
LIMITES DENTRO DO CATOLICISMO

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestrado em
Ciências da Religião pela Universidade
Católica de Pernambuco.

Área de conhecimento: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Degislano Nóbrega de
Lima

RECIFE

2012

JOSÉ SOARES DE JESUS

A RENOVACÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E A ELABORAÇÃO DA
IDENTIDADE RELIGIOSA DOS SEUS SEGUIDORES: DESAFIOS E
LIMITES DENTRO DO CATOLICISMO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, por banca examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Péricles Andrade (UFS)

1º Examinador

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos – UNICAP

2º Examinador

Prof. Degislando Nóbrega de Lima – UNICAP

3º Examinador (Orientador)

RECIFE

2012

AGRADECIMENTO

Ao Deus de misericórdia, que na sua imensa sabedoria conduziu-me por caminhos paradoxais a esse trabalho. Cássio e Isaías que me incentivaram e se postaram como luzeiros críticos. Lembro de Ernandes e Sasa. Carmen, Irene, Zé, Rui, e sua contribuição tecnológica. Aos companheiros (as) das C'eb's: resistentes, persistentes e sonhadores. Izailde e D. Ofenísia prontas a colaborar nas horas de “aperto”. Aos amigos (as) da comunidade eclesial Pio X que me acompanharam com as orações. Aos professores (as) que de forma crítica despertaram o gosto pela pesquisa e a tantos amigos e amigas que me ajudaram financeiramente a percorrer esse caminho.

RESUMO

A Renovação Carismática Católica tem uma presença marcante no catolicismo brasileiro durante o século XX. Trata-se de um movimento eclesial que provocou diversos desdobramentos na configuração do catolicismo depois do Concílio Vaticano II. A RCC se tornou espaço de elaboração e de encontro da *identidade religiosa* para muitos católicos. Esta pesquisa procura entender como se processou esse fenômeno a partir do conceito tipológico de “Convertido” proposto por Danièle Hervieu-Léger. Neste percurso abordam-se questões concernentes à RCC, passando pelo seu embate inicial com a pluralidade do catolicismo transformador esboçado pelas CEBs, além do catolicismo institucional, e com o catolicismo devocional muito forte no Brasil, pelo seu surgimento e expansão, com destaque para a significação do advento das Novas Comunidades no interior da RCC, bem como da relação entre as características de elaboração da identidade religiosa, cultivada na RCC e a modernidade. A metodologia usada é preponderantemente bibliográfica, conjugada com o manuseio de questionários que foram aplicados entre membros da RCC.

Palavras Chave: Catolicismo – Concílio Vaticano II – Renovação Carismática Católica – Conversão – Identidade Religiosa.

ABSTRACT

The Catholic Charismatic Renewal has an outstanding presence in the Brazilian Catholicism during the century XX. It is an ecclesial movement that led to several deployments in the configuration of the Catholicism after the Council Vatican II. RCC became elaboration space and of encounter of the religious identity for many Catholic. This research seeks to understand how this phenomenon takes place from the typological concept of "Convert" proposed by Danièle Hervieu-Léger. In this course concerning subjects are approached RCC, going by his/her initial shock with the plurality of the Catholicism transformer sketched by CEBs, besides the institutional Catholicism, and with the Catholicism very strong devocional in Brazil, for his/her appearance and expansion, with prominence for the significance of the coming of the New Communities inside RCC, as well as of the relationship among the characteristics of elaboration of the religious identity, cultivated in RCC and the modernity. The methodology used is preponderantly bibliographic, coupled with the handling of questionnaires that were applied between members of the RCC.

Key words: Catholicism – Vatican II – Catholic Charismatic Renewal – Conversion - Religious Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A EMERGÊNCIA DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA (RCC)	16
1.1 As origens da Renovação Carismática Católica	26
1.1.1 A Organização da Renovação Carismática Católica	30
1.1.2 As atividades que compõem a Renovação Carismática Católica	32
1.2 A espiritualidade que nasce do laicato	38
1.3 A Renovação Carismática no Brasil: conflitos com a hierarquia e com as Comunidades Eclesiais de Base.	43
1.3.1 A relação da RCC com a CNBB e o clero	46
1.3.2 A RCC e sua relação tensa com os teólogos da libertação e as CEBs	50
1.3.2.1 As Cebes e os contrastes com a Renovação Carismática Católica	53
2. AS PROPOSTAS E OS DESAFIOS DA RCC NO FINAL DO SÉC. XX	59
2.1 Catolicismo e “Catolicismos”: qual o chão da RCC?	61
2.1.1 A proposta de “Catolicismo” na ótica da RCC	66
2.2 Os traços da emoção e da subjetividade no catolicismo da RCC	71
2.2.1 A subjetividade como traço identificador	74
2.2.2 A emoção como traço identificador	77
2.3. A resposta das “Novas Comunidades”	83
2.3.1 O carisma das Comunidades de Vida e de Aliança	89
3. A IDENTIDADE RELIGIOSA DO CONVERTIDO E SUA RELAÇÃO COM A MODERNIDADE	95
3.1 A conversão como elemento histórico dentro do cristianismo	102
3.1.1 A conversão como enfoque próprio da RCC	108
3.2 O reafiliado como tipologia do convertido	113
3.2.1 As novas posturas do reafiliado	117
CONCLUSÃO	124
ANEXOS	126
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Depois do Concílio Vaticano II, o catolicismo sofreu diversas transformações. Tais mudanças ocorreram tanto por impulsos internos como externos, destacando-se aí o papel da configuração plural que a fé foi ganhando.

O momento atual é de crise, ou como chama Faustino Teixeira de “esvaziamento” (TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p. 8) das instituições religiosas, até pouco tempo hegemônicas. Há sinais do religioso por toda parte, mas não de instituições com normas rígidas e dogmáticas. O espaço para crer é outro. Tem-se agora o traço subjetivo e pessoal, onde as escolhas acontecem e norteiam a vida das pessoas. Por isso, no Brasil, o campo religioso¹ está em ebulição e as escolhas pessoais também. Faustino Teixeira assevera:

Há um aumento de adesão a formas de religiosidade que não necessariamente implicam no pertencimento a uma igreja (entendida aqui como um aparelho institucional), ou pela aceitação de uma doutrina comum definida com clareza e rigor. Multiplicam-se, como diz Novaes (2001), ‘os religiosos sem religião’, os que “buscam símbolos e crenças em vários espaços e tradições espirituais para tecer suas sínteses religiosas pessoais” (TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p. 8).

A abordagem da pesquisa tem como fio condutor a busca de compreensão de como a RCC se tornou o espaço privilegiado de elaboração da identidade católica pós-conciliar no Brasil. A questão não esgota o tema na sua complexidade, contudo, serve para que os leitores e demais interessados nesse assunto, possam de maneira ampla, situar a origem e expansão da

¹ A expressão campo religioso possui um alcance incomensurável, sobretudo na área da pesquisa sociológica. Enquanto conceito a ser estudado, a contribuição do francês Pierre Bourdieu foi fundamental (1930-2002). A perspectiva na dissertação não é esgotar a aplicação e abrangência do sentido de “campo” e nem de “religioso”; mesmo porque seria uma tarefa impossível. A idéia que se depreende ao tomar contato com essa categoria, “campo” religioso é de que ela está imersa na grande obra de Bourdieu, e dentro do Capital cultural, ele, o campo, designa um dos “nichos da atividade humana nos quais se desenrolam lutas pela detenção do poder simbólico, que produz e confirma significados” (FERRARI, 2012, p. 2). Por isso, se existe interesse em aprofundar o pensamento de Bourdieu e dentro dele o conceito de “campo” como instrumento teórico, faz-se necessário tomar alguns cuidados ou aceitar o desafio de: “pensar com Bourdieu, o que implica uma apropriação séria de seu legado; pensar contra Bourdieu, o que significa uma avaliação rigorosa dos seus conceitos, e não simplesmente uma repetição sem fim e despropositada de seus tiques de linguagem, seu estilo de escrita e seus raciocínios preestabelecidos e, por fim, pensar diferente de Bourdieu, o que significa prolongar o seu pensamento de maneira crítica, submetendo-o a novos objetos, fazendo-o ranger, como diria Foucault, e liberando a imaginação sociológica” (NERIS, 2012, p. 3). No caso do trabalho, o que se deseja é encontrar uma luz sobre seu conceito e perceber o quanto a religião enquanto bem simbólico pode conduzir a uma relação social de manipulação.

Renovação Carismática, vendo-a como fenômeno religioso no contexto de mudanças sociais e religiosas ocorridas a partir do Vaticano II.

O itinerário de nossa exposição vai do levantamento de dados sobre o nascimento da RCC e de sua expansão, incluindo o advento das Novas Comunidades até uma reflexão acerca do significado da conversão na construção da identidade religiosa e sua relevância na modernidade. Sempre com o intuito de situar as pessoas interessadas no tema sobre o desdobramento da RCC, e como o Brasil se tornou no século XX um campo propício para a multiplicação das várias denominações religiosas.

Na lógica do trabalho, vários autores da área de sociologia da religião e teologia, oferecerão suporte para que o tema possa ser apresentado com fundamento. A Metodologia levou em consideração dois caminhos que se entrelaçaram: a pesquisa bibliográfica e a utilização de questionários concernentes ao tema da RCC. Foram distribuídos mais de quarenta questionários e retornaram vinte e um. O critério de escolha foi de pessoas ligadas a grupos de oração e comunidades de vida e aliança, para contemplar o processo de conversão e também o impacto de suas respostas na identificação com o Movimento Carismático.

No âmbito bibliográfico, buscou-se embasar boa parte da temática com as categorias retiradas da obra de Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Também foram cruciais as ideias sobre pluralismo, diversidade e identidade “no campo religioso”, por parte de Brenda Carranza e Faustino Teixeira, ambos, pesquisadores e escritores na área das Ciências da Religião; dos teólogos Clodovis Boff, Pedro Rubens de Oliveira, João Batista Libânio, além de outros. Com uma intensidade tão variada de autores, a intenção foi abrir, o maior possível, o leque de discussão sobre o aparato religioso e cultural que a RCC representa, sem fechá-lo para outras vertentes.

A preocupação com o catolicismo não foi por acaso, contudo deveu-se a uma sequência de fatos ocorridos no decorrer da metade do século XX, que marcou a sociedade moderna. Escolhemos alguns deles na análise da socióloga Brenda Carranza, pois contextualizam a relação da Igreja Católica com a sociedade e as respostas que surgiram dessa “imbricação”. Relata Brenda Carranza:

No contexto sócio-econômico, cultural e político internacional no qual nasce a RCC destacam-se: uma transnacionalização do capital; a acentuação do anticomunismo, gerando uma interpretação das relações nacionais e internacionais na perspectiva de análise de oposição Leste-Oeste (Guerra Fria); o endividamento do Terceiro Mundo, até hoje não resolvido [...] e, na China, a Revolução Cultural (CARRANZA, 2000, p. 25-26).

Essa relação entre a Igreja, a sociedade e a modernidade toda permeada de intempéries constituiu um marco para o catolicismo brasileiro: “[...] torna-se interessante mergulhar no catolicismo, pois ele, sem dúvida, revela algumas das tendências dos fenômenos sociais que

estão presentes na sociedade atual” (CARRANZA, 2000, p. 19). Diálogo ou imposição, descoberta e transição, pluralismo ou negação do diferente compõem a estrutura de vários discursos. As opiniões diversas sobre a temática fizeram com que surgissem rebentos posteriores ao citado Concílio Vaticano II.

Surgiram então, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e surgiu o Movimento da Renovação Carismática Católica (RCC). Portanto, cabe investigá-la em um momento de crise para o catolicismo no Brasil, tomando-se por base o Concílio, e, levando em consideração a sua força como Movimento religioso. Como também focar a figura do “convertido”, em busca de uma identidade religiosa, ameaçada pela crise das instituições religiosas. Essa compreensão dará embasamento para que se conheça o que de fato é a RCC e como ela tem propiciado ao “convertido”, um retorno à sua religião de origem, só que agora de maneira acentuada e com motivações ligadas à emoção. Todo esse caminho levará a um desafio: como a RCC enfrentará as provocações dentro e fora do âmbito católico? O que dizem os teólogos sobre a RCC? E como serão analisados os desdobramentos oriundos das “Novas Comunidades”?

A Renovação Carismática Católica é um Movimento com características ligadas ao Espírito Santo. Fala-se muito em dons e carismas e tudo isso provocado por uma forte vida interior de oração. Georgette Blaquièrre, embasada na experiência dos apóstolos, expõe o seguinte: “Seja qual for sua importância, um grupo de oração é, antes de tudo, um lugar de expectativa explícita da passagem de Deus que se processa na oração e na comunhão fraterna” (BLAQUIÈRE, 1993, p. 21). E, para os simpatizantes do Movimento há o entendimento de que a RCC não nasceu para ser mais um apêndice do catolicismo romano. Entendida como “sopro do Espírito” (HÉBRARD, 1992), ela tem como objetivo realizar uma tarefa de renovoamento ou de redescoberta da vida espiritual em sacerdotes, bispos e, sobretudo nos leigos, que antes eram apenas coadjuvantes do clero, dentro do catolicismo oficial. Trata-se então, de um fenômeno religioso, pois capacita os fieis a travarem sua experiência de modo espontâneo e associado a uma forte vida de oração pessoal. “Não foram previstos por ninguém. Brotaram espontaneamente da vitalidade interior da fé. Despertam o zelo missionário, a vida de oração, a alegria de uma fé contagiante” (LIBÂNIO, 2002, p. 34). E ainda, a RCC, não pode ser alijada do processo religioso do século XX, seja dentro ou fora da Igreja Católica. “A Renovação Carismática é um acontecimento religioso que já não se pode desconhecer. Nascido na Igreja e para a Igreja, em apenas vinte anos assumiu proporção tão expressiva que se estendeu ao mundo inteiro” (JUANES, apud LIBÂNIO, 2002, p. 35).

Desse modo, cabe analisar, noutra vertente, como a retomada dos chamados movimentos eclesiais, gerou sérios conflitos no interior da Igreja, sobretudo no Brasil e na América Latina, que como continente, foi acostumado a enxergar a religião como “proposta libertadora” do ser humano e sempre ao lado das classes populares. “Na década de 70, a Igreja católica brasileira mostrou-se como a mais progressista de toda a América Latina” (PRANDI, 1998, p. 31). Os papas, na época pediam cautela ao episcopado, e documentos arrefecedores surgiram e se consolidaram. Logo apareceu a RCC e com ela o desgaste e a disputa interna, ocasionando também um redirecionamento pastoral nas escolhas da Igreja em suas estruturas de decisão, como aparece no documento 53, aprovado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

O Espírito Santo anima e sustenta a vitalidade da Igreja em sua dupla dimensão fundamental de comunhão e missão. Ele sustenta também toda a grande obra missionária no mundo. É o mesmo Espírito que faz brotar sempre novas iniciativas no seio do povo de Deus. Entre os vários movimentos de renovação espiritual e pastoral do tempo pós-conciliar, surgiu a RCC que tem trazido novo dinamismo e entusiasmo para a vida de muitos cristãos e comunidades (CNBB, 53, 1994, 2).

No primeiro capítulo, será destacado o contexto social, cultural e religioso no qual surgiu o Movimento da Renovação Carismática Católica. Levando em consideração a visão profética do papa João XXIII², que ao convocar o Concílio Vaticano II, criou expectativas e ajudou no processo de diálogo entre Igreja-Sociedade, que foi uma significativa mudança para a época. Todavia, foi na esteira do Vaticano II que muitos movimentos eclesiais encontraram expressão e provocaram uma reviravolta no seio do catolicismo, além dos seus muros institucionais.

No caso da Renovação Carismática Católica, pode-se afirmar que sua origem em 1967, decorrente das experiências de jovens universitários americanos, gerou certa perplexidade no seio do catolicismo, pela aproximação histórica com o estilo pentecostal. As atividades do Movimento foram se desenvolvendo rapidamente no país, e se configuram basicamente em três: grupos de oração, que “[...] são marcados por uma intensa carga emocional [...]” (PRANDI, 1998, p. 61); os Cenáculos e os Seminários de Vida no Espírito Santo. As atividades são conduzidas por leigos, que desempenham um papel fundamental na espiritualidade carismática. Eles apostam nos frutos que a oração traz e também na recepção dos dons carismáticos (HÉBRARD, 1992, p. 20-21).

² Ele governou a Igreja Católica de 1958-1963 e será muito lembrado no capítulo primeiro.

Já o traço abordado de “Pentecostalismo Católico” decorre do modo como o Movimento nasceu, de como trabalha sua metodologia e de como tem se manifestado nos seus encontros pelo mundo afora. O ímpeto de enfatizar abundantemente os dons do Espírito Santo – cura, falar em línguas, profetizar e etc – e com eles, o uso dos braços erguidos para orar e louvar, deu ao Movimento da RCC um caráter pentecostal. Blaquièrre aponta para o fenômeno reconhecendo-o na vida da Igreja – referindo-se à Católica – e das Igrejas, já que o Espírito Santo não tem dono. “Creio que, em seu conjunto, a Renovação foi suscitada na Igreja e nas Igrejas – pois é fenômeno mundial – para representar, isto é, para tornar presente hoje a experiência de Pentecostes” (BLAQUIÈRE, 1992, p. 19).

O segundo capítulo terá como suporte os desafios da RCC no final do séc. XX, bem como os traços bem destacados da *emoção e da subjetividade*. Eles fornecerão um caminho bastante diversificado na construção desse ideário católico que a RCC se propõe a fazer. Caminho marcado pelo pluralismo religioso e pelo relativismo de ideias. Por isso, a proposta será focar a quantidade de experiências oriundas desse Movimento e de outros dentro do catolicismo.

Para trilhar esse caminho os dogmas estabelecidos serão colocados sob o crivo da decisão pessoal. O fiel se encantará muito mais pelo que sente e pelos sinais visíveis da religiosidade – como terço, cantos, testemunhos em grupos e eventos programados para multidões – do que pelas normas religiosas estabelecidas pelas “instituições tradicionais”, dentre elas, a Igreja Católica. Daí, uma ponte efervescente para se tentar rever a importância do catolicismo, serão as experiências das novas comunidades. Elas apontam como chave de leitura para um catolicismo mais acirrado em termos de compromisso no século XXI.

Nascidas na efervescência da RCC, as Novas Comunidades Católicas têm um perfil praticamente definido. Tem um espaço singular que foi conquistado dentro da Igreja, uma forte presença nos meios de comunicação, e um caráter identificador na formação de seus membros; dão destaque para a figura do leigo e, sobretudo, apresentam mecanismos pelos quais intentam renovar a fé católica, colocando-a como o centro da sociedade. Brenda Carranza descreve esse intuito:

Assim, no vasto horizonte carismático, as Novas Comunidades vislumbram-se junto ao catolicismo midiático, no epicentro de novo gênero religioso orientado pela emoção. Elas percorrem o tecido social católico com as bandeiras da neocrisandade, quer motivadas com a defesa dos conteúdos morais, quer motivadas com a proposta de ressocialização totalitária dos seus membros (CARRANZA, et al., 2009, p. 50).

Isto posto, as “Novas Comunidades” ocuparão lugar privilegiado para associar fiéis em busca de conversão. Serão indispensáveis para se compreender as facetas do catolicismo, impregnado a sociedade com sua disciplina, coerção em alguns casos, e, modo de vida ascético destoando do consumismo e do hedonismo que marcam a sociedade moderna.

Já no terceiro capítulo, seguem-se os elementos da conversão e o da identidade católica, tendo em vista as categorias apresentadas por Danièle Hervieu-Léger: “desregulação da religião, o fim das identidades herdadas, o modo socializante do peregrino existir e as figuras do religioso em movimento” (LÉGER, 2008). Na paradoxal relação entre modernidade e religião, traços históricos do cristianismo e, sobretudo, da RCC nos ajudarão a compor o universo religioso altamente subjetivo que impregna a sociedade atual.

Esse traço de acentuado crescimento do sujeito não é dispensável. Ele possui força motriz na discussão em curso, a ponto de Hervieu-Léger apontá-lo como um dos fatores cruciais da modernidade. Aponta assim, para a relação sujeito-mundo, com base em uma construção individual. “Este se resume numa afirmação fundamental: a da autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de “fazer” o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido a sua própria existência” (LÉGER, 2008, p. 32).

A religião não é um apêndice da história humana como se pensou na modernidade. A religião sempre esteve presente na vida do ser humano. A razão científica não consegue sozinha explicar o significado das mudanças ocorridas na sociedade moderna. O volume de questionamentos é imenso; passa pela sociologia permeia a teologia, entra pela história, pela antropologia e desemboca na curiosa necessidade de se saber qual o sentido verdadeiro da existência humana.

Em meio a tantas interrogações, o ser humano carece de uma identidade e esse pressuposto se confirmará por uma escolha religiosa que necessariamente passará pelo campo da “subjetividade”, ou então da “re-afiliação” (LÉGER, 2008, p. 111), que tem no agir pessoal, as motivações para saber o porquê de retornar ao berço de sua religião, quais as possibilidades de um reencantamento e porque no momento atual é tão crucial ser religioso? Retornar agora implica o reforço à sua conversão, o reconhecimento que a figura do convertido pode não ser nova, todavia o contexto cultural desafiador. O tipo de reação desse convertido e o “[...] modo específico de construir a sua identidade religiosa [...]” (LÉGER, 2008, p. 113) garantem a extraordinariedade. “Em todas as épocas, ‘grandes convertidos’ ilustraram a experiência da re-apropriação pessoal intensiva de sua própria tradição religiosa

ou da entrada em uma outra tradição, reconhecida, geralmente, como aquela que se havia sempre desejado ter abraçado” (LÉGER, 2008, p. 113).

O assunto não foi esgotado. Sua capilaridade é inconteste e abre possibilidades para um novo tipo de estudo dentro da própria RCC, dando ênfase, no entanto ao elemento “midiático” que tem feito de muitos padres, seminaristas e pastores, verdadeiros artistas do “louvor”. Ou seja, o incremento no uso dos meios de comunicação pela Igreja Católica, pode ser uma tentativa de se recatolizar a sociedade, ou acirrar ainda mais o pluralismo religioso que se encontra bem destacado no catolicismo – pluralismo católico com as CEBs, as devoções populares, a força do lado institucional – e fora dele.

1. A EMERGÊNCIA DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA (RCC)

A situação da Igreja Católica no século XX ganhou nova expressão com a convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965). Ele foi gestado, tomando-se por base, a coragem profética do papa João XXIII e das vozes corajosas que dentro e fora da Igreja perceberam a necessidade de rever o papel e a missão do catolicismo frente à modernidade. Homem antenado com os problemas de seu tempo, acostumado com as lutas e as transformações sociais do século XX, o patriarca de Veneza, Ângelo Roncalli, vislumbrou uma nova concepção de Igreja, abrindo-a para o diálogo com a sociedade e, porque não afirmar, com as religiões cristãs e não-cristãs. Atitude desbravadora e cheia de desafios que custaram muitos dissabores ao seu pontificado.

Na elaboração eclesiológica, desde as suas origens, não é raro encontrar uma visão modelar que mostre a Igreja como porto seguro para a vida espiritual de seus fiéis. “Na teologia dos Padres da Igreja, mas também no misticismo da alta Idade Média, a Igreja não era tanto objeto de reflexão teológica, mas, sobretudo de meditação espiritual” (KEHL, 1997, p. 23). Essa imagem sempre foi forte e fundamentada na Sagrada Escritura. Uma Igreja que figura com o destemor de uma mulher corajosa (Apocalipse 12, 1-6) ou de uma esposa fiel e amorosa onde não se corre o risco da ruptura esponsal (Efésios 5, 28-32).

No decorrer da história, essa figura amorosa e mística deu lugar a uma estrutura de poder que durante a Idade Média cresceu e se consolidou. “Todos os poderes da Igreja estavam nas mãos do Papa. Ele era a Igreja, pois a Igreja era poder e ele tinha a plenitude desse poder” (COMBLIN, 2005, p. 65). Um período de desgastes e alianças, de um modelo dominador, um “casamento” entre trono e altar, pois “[...] a relação da Igreja com o mundo era a luta entre o poder do Papa e o poder do imperador – ou o poder dos reis católicos.” (COMBLIN, 2005, p. 65). Já antes da aurora do Vaticano II, ela configurou um modelo hierárquico forte e dominador para consolidar-se “[...] como a ‘instituição salvífica’ perfeita (*societas perfecta*), que por Deus foi ornada com todos os ‘meios salvíficos’ necessários (e, portanto, especialmente seus ministérios e sacramentos)” (KEHL, 1997, p. 28, Grifo do autor). Nesse momento, ela, a Igreja, via-se como detentora da salvação para a humanidade. “Somente a Igreja católica, fundada por Cristo, fixamente configurada e fechada em si e autárquica, transmite aos seus membros, por meio da hierarquia, a salvação sobrenatural.”

(KEHL, 1997, p. 28). Nesse modelo, ela se manterá protegida até a chegada do século XX, e as disputas mais acirradas com os modernistas³.

Já no começo da época moderna, o desgaste tornou-se visível com a Reforma Protestante (1517) e a ruptura da realidade eclesial. Uma contra ofensiva foi colocada em prática, e o Concílio de Trento (1545-1563) respondeu por essa tarefa. Com a Contra Reforma, nasceu “[...] uma nova piedade católica que tentou, sobretudo, recuperar espiritualmente o aspecto institucional da Igreja” (KEHL, 1997, p. 28).

Todavia, esse não foi o modelo que o Vaticano II desejou ampliar. Sua dinâmica, sua percepção da realidade e sua concepção eclesiológica foi outra. Sua maneira de enxergar a realidade emerge com a possibilidade de abrir suas portas à renovação de suas estruturas. “O Concílio ajudou a irromper uma nova experiência de Igreja, que volta a se orientar, de forma mais vigorosa, pelas *origens bíblico-patristicas* e também quer ao mesmo tempo, fazer jus à realidade da Igreja em nosso mundo secularizado” (KEHL, 1997, p. 31, Grifo do autor). Ele não aboliu o dogma da Infalibilidade Pontifícia que o Vaticano I (1869-1870) tinha promulgado. Seu foco era pastoral e, por isso, ele abandonou a idéia de “Sociedade Perfeita” que foi tomada de Aristóteles e, que, um papa da Idade Média soube na época como bem adequá-lo: “O conceito de Igreja ‘sociedade perfeita’ estava já implícito nas afirmações de Gregório VII, o papa que ligou o seu nome a uma das mais poderosas reformas da Igreja, realizadas no século XI” (ZAGHENI, 1999, p. 59). Essa imagem que perpassou o período moderno alimentou uma concepção notadamente hierárquica e “[...] esse tornou-se então um traço fundamental da eclesiologia oficial no período entre o Vaticano I e o Vaticano II” (ZAGHENI, 1999, p. 60).

Na chegada do Vaticano II, essa mentalidade eclesiológica não podia mais se sustentar e, uma nova concepção foi sendo modelada com o surgimento do termo povo de Deus. No documento final do Vaticano II, ele se tornou oficial e redundou no segundo capítulo da *Lumen Gentium*⁴, assumindo a imagem de Igreja como Povo de Deus, conforme salienta José Comblin: “O Concílio quis explicitamente destacar o tema do povo de Deus, escolhido como

³O modernismo foi uma corrente composta por diversos pensadores que defendiam uma total interpretação do catolicismo (religião) e seus dogmas à luz da ciência. Essa corrente apareceu no final do séc. XIX e teve no Papa Pio X seu tenaz adversário. “Algumas personalidades de destaque, sem chegar a formar um movimento organizado, elaboraram uma cultura atenta à modernidade e aos problemas sociais, com o objetivo de abrir cristianismo às exigências filosóficas e históricas do mundo moderno.” (ZAGHENI, 1999, p. 254). Entre outros modernistas destacamos os seguintes: Alfred Loisy (1857-1940), J. Tyrrel (1861-1909) e E. Buonaiuti (1881-1946) (ZAGHENI, 1999, p. 257).

⁴ É a primeira Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II e significa Luz dos Povos.

prioritário para expressar a realidade da Igreja” (COMBLIN, 2005, p. 56-57). Foi uma luta para introduzir essa perspectiva que amadurecia no século XX, posto que “Os temas do Corpo de Cristo ou do templo do Espírito Santo já haviam sido integrados na eclesiologia tradicional” (COMBLIN, 2005, p. 57). É partindo desse caminho que João XXIII anuncia o Vaticano II e o transforma num marco para toda Igreja e sociedade do século XX.

Alguns fatores marcaram essa nova posição da Igreja Católica frente ao novo modelo desafiador de sociedade. Saiu da competência de João XXIII e de outros bispos do mundo – como o brasileiro D. Hélder Câmara e o D. Manuel Larraín de Talca no Chile, que foram na época vozes sintonizadas com os apelos de mudança que grupos da sociedade e da própria Igreja faziam – a necessidade de se trabalhar com diálogo, respeito e renovação perante um mundo secularizado. O leigo já esboçava uma participação mais ativa na vida eclesial. Portanto, não era mais tolerável conceber o leigo de maneira passiva na eclesiologia atual e o Vaticano II abriu esse espaço (COMBLIN, 2005, p. 57). Não se admitia mais o silêncio e a omissão dos fiéis batizados, já que na Europa muitos já estavam engajados em sindicatos, partidos políticos e associações, defendendo os mutilados pela revolução industrial que aconteceu, a princípio, na Inglaterra em meados do século XVIII. Nesse caso, os leigos com tarefas próprias e o clero com sua atividade específica formando uma Igreja em estado de transição. Eis a constatação de Brenda Carranza:

Dentre as propostas do Vaticano II encontravam-se: enfatizar a renovação litúrgica e bíblica, procurar novas relações entre a Igreja e a sociedade moderna e entre outras religiões, rever a função do leigo no mundo e na Igreja, o que implicou na reorientação pessoal do fiel para um engajamento nas lutas sociais em nome do Evangelho e na sua participação dentro da estrutura institucional (CARRANZA, 2000, p. 15).

Essa reviravolta institucional é assinalada por muitos teólogos como um marco fundamental para se compreender as ações pastorais da Igreja católica no século XX. E ela não tardou na visão de João Batista Libânio: “A virada se deu na linha da concepção da Igreja como povo de Deus, como sinal e sacramento do reino de Deus, na valorização de sua base batismal [...]” (LIBÂNIO, 2005, p. 74). Foi uma grande mudança na própria natureza da Igreja, na sua estrutura outrora tão restrita ao domínio hierárquico. E ela apostou mais com o Concílio.

Por isso o Concílio, testemunhando e expondo a fé de todo o povo de Deus congregado por Cristo, não pode demonstrar com maior eloquência sua solidariedade, respeito e amor para com toda a família humana, à qual esse povo pertence, senão estabelecendo com ela um diálogo sobre aqueles vários problemas, iluminando-os à Luz tirada do evangelho [...] (GS, 3).

Percebe-se até mesmo mudança na ótica mais realista e encorajadora, com que olha a pessoa como um todo, dando-lhe mais credibilidade e admiração e menos condenação. “É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada” (GS, 3). É claro que não se postula aqui, já nesse momento, uma mudança imediata de todas as estruturas que compõem o catolicismo. O que se registra é o espírito de transição que entrou no mundo católico, com o anúncio do Concílio que vinha amadurecendo, e acabou arrancando elogios de alguns e críticas severas de outros. Guido Zagheni assinala:

Esse anúncio suscitou reações diferentes: no mundo eclesial da Europa norte-ocidental, as experiências pastorais e uma rica pesquisa teológica ofereciam o material para a hipótese de um concílio não só de atualização, mas também de renovação; nos ambientes mais conservadores, sobretudo italianos, alguns cardeais viam o concílio como um meio de ‘aggiornamento’ da centralização da Igreja em torno da Cúria romana [...] (ZAGHENI, 1999, p. 345).

O que se pode perceber é que a partir da década de 50 do século XX, adentrando para os anos de 1960, o mundo mudou inexoravelmente. A teologia e o pensamento católico estavam saindo em definitivo de um contexto europeu hegemônico e se abria para outras perspectivas. A Conferência de Medellín (1968) confirma esse fato com a teologia da libertação em processo de maturação. O traço de abertura passou pela chegada de uma nova concepção teológica – como a Teologia da Libertação – e estendeu-se até o laicato que podia imprimir um rosto mais “novidadeiro”; isto é, com os novos movimentos na vida eclesial do catolicismo. A constatação de Reginaldo Prandi mostra essa mudança:

Na década de 60, no seu processo de adaptar-se aos novos tempos, no *aggiornamento*, a Igreja se encontrou num caminho de mão dupla: de um lado fermentou as ações de esquerda e liderou uma importante mudança institucional que foi confirmada pelo Concílio Vaticano II e que significou importante passo na direção de uma elaboração teológica mais voltada para os problemas sociais, a Teologia da Libertação; de outro, tomou a trilha mais conservadora que veio a dar na Renovação Carismática (PRANDI, 1998, p. 30. Grifo do autor).

A imagem dessa mudança acentuada ganhou força com uma expressão que definiu a fisionomia do Concílio Vaticano II, já desde sua preparação. Ela se chama “*aggiornamento*”. É uma “palavra italiana que significa “colocar-se em dia”, “atualizar-se” e marcou de maneira singular a proposta inovadora de João XXIII. Na perspectiva de Aloísio Lorscheider, o caráter do “*aggiornamento*” estava visível na fisionomia do papa João XXIII e a própria Igreja sentia-se necessitada de profunda renovação. “*Aggiornamento* exprime o aspecto encarnacionista do mistério da Igreja, a sua historicidade, acentuando a necessidade de atenção aos sinais dos tempos” (LORSCHIEDER, 2005, p. 41. Grifo do autor).

Toda essa renovação causou uma profunda inquietação no meio eclesiástico católico e fora dele também. Os lugares de celebração litúrgica, de convivência com outras religiões e culturas, os espaços de discussão bíblica, o diálogo necessário com o mundo exterior e a perspectiva de se redescobrir e voltar às fontes do cristianismo puseram o sistema católico todo em alerta.

Motivado também por mudanças no âmbito da sociedade, pode-se observar como a Igreja vai sendo sacudida por aspectos externos ao seu controle. Assim, cabe ressaltar que os “*fatossociais*” influem decisivamente na construção dos valores e significados religiosos de uma época. Cabe ressaltar que o homem é um ser religioso e não se pode deixar de abordar essa tendência natural e dinâmica na história da humanidade.

A religião que para pensadores como Durkheim, possui um sistema de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, exerce forte incidência sobre o contexto social e ao mesmo tempo é fruto da ação social. Por isso, seria oportuno descrever alguns fatos que na linha das mudanças sociais e econômicas provocaram na Igreja sérias interrogações. Brenda Carranza aponta alguns:

“a acentuação do anticomunismo, gerando uma interpretação das relações nacionais e internacionais na perspectiva de análise de oposição Leste-Oeste (Guerra-Fria), o endividamento do Terceiro Mundo, até hoje não resolvido; as grandes movimentações políticas e sociais dos Estados Unidos, como os movimentos contra a guerra do Vietnã e o da *contracultura*;” (CARRANZA, 2000, p. 25).

Impulsionados pelo ambiente questionador da sociedade, muitos teólogos vislumbraram acenos de mudança na interpretação de algumas constituições do Concílio, que ora avançava e ora parecia recuar. Dentro e fora da vida eclesial viam-se sinais de modificação. Na verdade, uma dialética necessária, guardada as devidas proporções do contexto altamente temerário da época. É preciso ler nas entrelinhas o que um desses documentos aponta como abertura:

Da liturgia, portanto, mas da Eucaristia principalmente, como de uma fonte, se deriva a graça para nós com a maior eficácia é obtida aquela santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, para a qual, como a seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja (SC, 10).

O Vaticano II iniciou um processo de mudança que devia influenciar internamente e de forma direta o catolicismo. Não como algo automático, mas nascendo e renascendo de suas

raízes históricas e celebrativas, como no caso da eucaristia⁵. Vê-se no texto acima que a própria expressão fonte não permite exclusão de ninguém. Ademais, fica claro com o desdobramento do Concílio que os homens e as mulheres são protagonistas da obra missionária e da vida desafiadora que o século XX impôs a Igreja. Destarte, não se pode deixar de interpretar de forma mais aberta a redundante expressão “santificação dos homens em Cristo”, para não impedir a inclusão de todos – inclusive, além fronteiras do catolicismo – no caminho da salvação ou libertação integral do ser humano.

Também nos debates acalorados sobre o ecumenismo, várias interpretações condicionam o entendimento dos textos. Naquele momento do Concílio Vaticano II, se postulava um caráter diferente na relação do catolicismo com outras confissões religiosas. Para isso, fazia-se necessário unificar e ao mesmo tempo destravar as tendências conflitantes, as quais apostavam em esquemas personalistas durante as sessões do Concílio. Não foi nada fácil, basta ver o jogo das comissões na visão de José Oscar Beozzo:

[...] a Comissão Teológica preparou um estudo que constituía o capítulo XI do esquema sobre a Igreja; a Comissão das Igrejas Orientais, um segundo, voltado exclusivamente para as relações entre a Igreja católica e as Igrejas orientais não em plena comunhão com a Sé Romana; finalmente, o Secretariado para a União dos Cristãos redigiu um terceiro esquema, em que eram enunciados os princípios gerais do ecumenismo e se tratava mais das relações com as Igrejas saídas da Reforma e com o anglicanismo” (BEOZZO, 2005, p. 21).

O tema ia-se delineando e as responsabilidades eram assumidas. Não se concebia mais uma posição religiosa hegemônica por parte do catolicismo. Os pressupostos que se originaram de vários pronunciamentos deram uma nova direção ao assunto como no caso do *Decreto Unitatis Redintegratio*. Fica evidente que já havia rumores de uma abertura tolerante e respeitosa entre cristãos e até não cristãos, caracterizando um estudo necessário do fenômeno religioso, o qual veio se configurando nesses anos. Um caminho longo, que deu oportunidade a diversos momentos de encontro como na cidade de Assis – Encontro de Oração pela Paz – entre o papa João Paulo II e vários líderes religiosos em 1992, e que demonstra um desejo de real aproximação mesmo nas diferenças. O decreto sobre a realidade ecumênica preconiza,

Todos na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas têm pareceres diversos e andam por caminhos diferentes, como se o próprio Cristo

⁵Eucaristia é o sacramento por excelência, também chamado pelos católicos de sinal, que faz e torna viva a Igreja. E ela se torna mais visível na celebração da missa, quando o pão e o vinho são consagrados pelo sacerdote e, transforma-se no Corpo e Sangue de Cristo.

estivesse dividido. Esta divisão, sem dúvida, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e se constitui em escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda criatura (UR, 1).

Os temas, que antes era motivo de profunda divisão, começam a fazer parte da agenda comum entre as Igrejas. É o caso da Soteriologia e Cristologia⁶, do pecado e da graça – apesar de suas controvérsias⁷ que já tinham se delineado no período da Reforma Protestante e depois com as afirmações dogmáticas do Concílio de Trento (1545-1563). O entendimento dentro do cristianismo revela a necessidade de aproximação e uma urgente necessidade de diálogo e respeito numa sociedade deveras plural. E ainda notemos o que diz o Concílio Vaticano II: “Os irmãos separados de nós realizam, também, não poucas ações sacras da religião cristã. Estas podem, sem dúvida, por vários modos, conforme a condição de cada Igreja ou Comunidade, produzir realmente a vida da graça” (UR, 3). Nesse caso, é bom analisar como essas abordagens teológicas influenciarão diretamente na origem e na vida de muitos movimentos eclesiais pós-conciliares. A própria Renovação Carismática Católica, na perspectiva de elaborar a identidade religiosa de seus seguidores, nasceu mergulhada nesse contexto de profundas tensões. Seu traço pentecostal foi acentuado com acuidade desde o início do Movimento. “Essa nova forma de espiritualidade cristã ficou conhecida como *pentescotalização ou pentecostalismo católico*” (CARRANZA, 2000, p. 25. Grifo da autora). Essa postura da RCC foi permeando o tecido eclesial católico, e assemelhando-se com grupos evangélicos, devido a seu ambiente de origem e metodologia. Edênio Valle esclarece,

Na primeira metade do século XX, o pentecostalismo havia se destacado como sendo o mais eficiente instrumento de revitalização da fé no protestantismo norte-americano. Os primeiros grupos de católicos carismáticos talvez tenham experimentado o mesmo que os crentes com quem conviviam nos aglomerados urbanos de classe média [...] (VALLE, 2004, p. 100).

Muitas questões vão surgindo a partir do aparecimento dos novos movimentos pós-conciliares, que entrarão em vigor com seus modos peculiares de compreender a fé católica. Um deles, a RCC, está sendo abordado nessa pesquisa. Na linha do trabalho, uma indagação se impõe: *quais são os mecanismos utilizados pela RCC para que seus seguidores elaborem sua identificação religiosa?* Os indícios de uma relação aberta entre a Igreja e a RCC

⁶ Soteriologia e Cristologia são dois tratados da área da teologia. O primeiro discute a questão da salvação. O segundo apresenta a pessoa de Jesus Cristo como o ungido e Filho de Deus.

⁷ Esses temas foram compreendidos de maneira diferente com o rompimento promovido por Lutero em 1517. A salvação para católicos vem pelas obras e no caso dos reformadores se constata uma adesão ao salvador pela fé, conforme se lê no texto de Tiago 2, 14-26.

apareceram. Pedro Rubens Oliveira destaca: “De fato, a Igreja pós-conciliar não hesitou em confessar sua esperança no movimento nascente, vendo nele um ‘fruto do Vaticano II’, um sinal do Espírito” (OLIVEIRA, 2008, p. 118). E outras questões começaram a surgir: como superar os limites de certa letargia dentro do próprio catolicismo? O que fazer com a famosa evasão de fiéis católicos das fileiras da Igreja? A preocupação estatística tornou-se objeto de estudos de vários documentos eclesiais pós-concílio e ver-se-á adiante como ficou delineada essa impetuosidade do Concílio Vaticano II. E como muitos padres e bispos se comportaram querendo atenuar esses avanços e como a Renovação Carismática Católica participou desse processo.

Nesse momento histórico a linguagem e a forma da Igreja falar ao mundo começaram a mudar. A preocupação de dialogar com a humanidade não fragilizou a Igreja, mas tornou-a mais compreensiva e misericordiosa. Um exercício místico e carregado de desafios que alguns papas puderam enxergar na visão de Comblin. “O Papa não usou a palavra diálogo, mas essa palavra recebeu apoio claríssimo por parte de Paulo VI, e, desde então, ela faz parte do vocabulário eclesiástico” (COMBLIN, 2005, p. 63). Foi postulada uma nova relação com a sociedade e ela veio mais acessível e próxima dos dilemas humanos. Já não se podia mais falar com autoritarismo, colocando-se como proprietária da vida e consciência das pessoas. Numa citação eloqüente e preocupada o Vaticano II expõe: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). Um novo tipo de convivência e um desejo de permear todas as estruturas eclesiais e até fora da Igreja com profundo amor; quem assevera é Comblin,

Deve haver diálogo entre a Igreja e o mundo: com os irmãos separados, com os judeus, com os não-crentes, com todos os homens, entre a hierarquia e os leigos, entre bispos e sacerdotes. O diálogo é uma arte que deve ser cultivada e treinada nos seminários” (COMBLIN, 2005, p. 64).

É fato que eclodia uma nova e alvissareira forma de se relacionar com os homens e mulheres no século XX, marcada pelo diálogo e pela disposição em colaborar com a construção do mundo sem, necessariamente, pretender dirigir o mundo.

O Vaticano II tornou-se um fenômeno eclesial e religioso de muita riqueza. As perspectivas que se abriram com o Concílio delinearam um novo rosto para o catolicismo. Essa insistência na transição de mentalidade já era fruto de um desejo contido que estava no coração do povo e no discurso de muitos padres e bispos. Percebe-se que, sobretudo no Brasil,

se aguardava com profunda ansiedade a chegada dos lampejos conciliares. E a expectativa se confirma nas palavras de um bispo atuante,

Ora, o Concílio Vaticano II acaba de apresentar-nos uma imagem completa e atual da Igreja, e os bispos brasileiros, reunidos em assembléia extraordinária durante o último período conciliar, votaram um plano de pastoral de conjunto que tem como objetivo geral criar meios e condições para que a Igreja no Brasil se ajuste o mais rápida e plenamente possível à imagem da Igreja do Vaticano II (RIBEIRO, 2005, p. 21).

A história da Igreja mostra que em variadas épocas – como na Idade Média– surgiram grupos e segmentos religiosos com a proposta de mudar a maneira de agir dos seguidores de Jesus. O aparecimento de Francisco de Assis e as Ordens Mendicantes⁸ foi um exemplo de coragem mística para questionar e mudar, tanto a teologia como a vida espiritual, no seio da Igreja Católica.

A sociedade vinha passando por transformações significativas há muito tempo. A própria Reforma Protestante, no período moderno marcou fortemente a relação do crente com Deus e com sua Igreja, dotando-o de maior liberdade perante sua fé e os próprios sacramentos celebrados pela Igreja.

Concernente ao que está sendo abordado, a RCC, surgiu como um caminho de orientação para a vida espiritual do povo de Deus. O ideal desse Movimento e de outros que surgiram ainda não estava claro. Mas havia um forte desejo de se repensar a vida pastoral do catolicismo que, desde o Concílio de Trento delineou um perfil mais defensivo e autosuficiente.

O Concílio Vaticano II removeu obstáculos da Igreja e criou mecanismos corajosos de abertura e diálogo com a sociedade ocidental em ebulição. Uma maneira necessária e corajosa de posicionar de novo a Igreja católica frente às decisões importantes para toda a humanidade. Homens corajosos sugeriram revisão nas relações da Igreja com a sociedade a partir do próprio corpo hierárquico. E durante as sessões do próprio Concílio Vaticano II, vozes se destacaram na profecia e na condução de uma política religiosa mais conciliadora e menos punitiva. Uma das vozes foi a de Dom Helder Câmara, que mesmo sem ter feito pronunciamento no Concílio, teve um papel profético forte e incontestável. “O trecho de uma carta, escrita por pessoa altamente responsável no Episcopado brasileiro, a D. Manuel Larraín,

⁸ Grupo de homens e mulheres que no século XII iniciaram um movimento radical de pobreza, simplicidade e renúncia dos bens materiais, provocando as estruturas da Igreja a retornar as suas origens. Por exemplo, o franciscanismo.

bispo de Talca no Chile, exprime bem a preocupação dos mais lúcidos à véspera do Concílio, em agosto de 1962 [...].” (BEOZZO, 1993, p. 73-74). Tudo leva a crer que as palavras da carta, a seguir foram escritas por D. Hélder,

Vejo o Concílio aproximar-se. Até hoje nem sequer o temerário chegou. Humanamente, não há muito como esperar. (...) Mesmo assim, irei ao Concílio. Será a suprema oportunidade, porque o Santo Padre nos mandou falar como bispos (BEOZZO, 1993, p. 74).

Uma estrutura, tão codificada e organizada como a Igreja Católica, sentiu-se incomodada com as reviravoltas ocorridas na sociedade moderna. Uma demonstração clara de que a solidez das instituições religiosas, também depende da sensibilidade de como se coloca frente à sociedade do seu tempo. Afinal de contas, quem pode chamar para si a responsabilidade de organizar sozinha a família humana – usando expressão da *Gaudium et Spes*⁹ – tomando-a pela mão? Ou, quem pode se arvorar em responder a todas as inquietações que pululam no coração e na mente do homem e mulher modernos?

A proposta do Vaticano II veio ao encontro das angústias e esperanças daqueles que sofrem profundas discriminações e são tolhidos em sua liberdade. O Concílio veio em favor de uma nova demanda sócio-política. E seus documentos expressam essa luta de forma inadiável. A *Gaudium et Spes*¹⁰, por exemplo, afirma:

Os homens nunca tiveram um sentido de liberdade tão agudo como hoje, mas ao mesmo tempo aparecem novas formas de escravidão social e psíquica. Enquanto o mundo percebe tão vivamente sua unidade e mútua dependência de todos numa necessária solidariedade, e ei-lo contudo gravemente dividido em partidos opostos que lutam entre si (GS, 4).

A partir do Vaticano II floresceu na Igreja uma concepção mais servidora que diminuiu a distância entre seus ministros e o povo de Deus. Uma atitude mais misericordiosa em face das dores e sofrimentos do homem moderno. “De acordo com o Vaticano II, a Igreja existe para servir e não para ser servida. Ela não reclama para si nenhuma autoridade senão a de servir os homens” (COMBLIN, 2005, p. 66). E, por isso, Clodovis Boff, destaca, com traços de sensibilidade e acolhida, o caráter maternal que aos poucos vai caracterizando a Igreja católica. Um esforço repartido entre todos a começar de seus ministros para estabelecer uma forma mais amena de convivialidade.

⁹ A Igreja deve se preocupar com o ser humano individualmente e, demonstrar também, [...] “respeito e amor para com toda a família humana” [...] (GS, 3).

¹⁰ Constituição dogmática do concílio Vaticano II: A Igreja no mundo de hoje (aprovada em 7 de dezembro de 1965). Já foi citada anteriormente dentro do texto.

Falamos de uma Igreja aberta, larga, magnânima e generosa. Uma Igreja que seja verdadeiramente “mãe”, que acolha em seu regaço toda a diversidade que a vida traz. Uma casa em que todos possam ‘se sentir em casa’. Um arco-íris feito de todas as cores do céu (BOFF, 1998, p. 19).

O texto acima mostra uma análise atual e um desejo mais operante de uma Igreja pós-conciliar projetando um novo tipo de convivência com o mundo. Pode-se também acrescentar que o Concílio despertou, ou pelo menos ofereceu condições para a utilização de uma linguagem mais compreensível da Igreja para com a sociedade, amenizando a predominante atitude condenatória de outrora. Uma Igreja que passe a acolher e transpareça o agir de Jesus. Que seja capaz de abrir caminhos de inclusão a partir dos movimentos oriundos de sua fonte.

Nesse contexto de abertura aos novos tempos, a Igreja viu-se contemplada por novos movimentos e dentre eles, a Renovação Carismática Católica que tratou de colocar seus pilares de espiritualidade centrada no Espírito Santo. Ela vislumbrou o alcance do Concílio e se colocou como proposta de vida eclesial. “A RCC tornou-se, sem dúvida, um fenômeno mundial. No Brasil, converteu-se em um estilo difundido em todos os meios eclesiais” (OLIVEIRA, 2008, p. 122). Assumiu talvez uma concepção própria de igreja que quebrou paradigmas e ao mesmo tempo ofereceu possibilidades de reencontro no meio dos fiéis que se encontravam alheios à mudança pós-conciliar.

A RCC ofereceu uma identidade eclesial focada na experiência do Espírito Santo e passou também a criar condições para que os fiéis católicos pudessem viver sob seu impulso. Havia toda uma procura espiritual e, tanto adultos como os jovens buscavam um sentido para suas vidas. “Pois eles não se contentavam com uma vida de estudos em uma “torre de marfim”; ao contrário, sentiam-se bastante tocados pela situação da Igreja depois do Concílio e partilhavam os anseios de sua transformação” (OLIVEIRA, 2008, p. 105).

1.1 As origens da Renovação Carismática Católica

Um movimento religioso possui estilo próprio de ação e uma natureza que configura todas as suas atividades. Na Renovação Carismática Católica, toda sua estrutura está vinculada ao modo como concebe o Espírito Santo e como o mesmo leva o fiel até o encontro com a pessoa de Jesus Cristo.

A RCC tem como berço os Estados Unidos, e foi um início avassalador com o nome de “católicos renovados ou pentecostais” porque foram jovens universitários americanos que iniciaram essa proposta dentro de um contexto protestante, já que o livro do pastor David

Wilkerson, A Cruz e o Punhal¹¹ influenciou o precursor Steve Clark e os demais jovens na época. O Movimento dá muita importância ao caráter individual da fé, e a expressão muito utilizada que destacaremos aqui na dissertação é a experiência pessoal com Deus-Pai e com seu Filho Jesus Cristo.

Esse itinerário escolhido pela RCC demonstra – uma posição bem conservadora – que sendo um Movimento religioso de traço intimista e conservador, reforça os elementos de dominação sobre os fiéis. Esse seria um elemento bem claro no estilo da RCC com base nos estudos que Weber aponta em seus escritos. Se ela nasceu com perspectivas de novidade, essa, no entanto, não esconde seu caráter manipulador. “Ao apontar para a possibilidade de mudança social através do carisma e da religião, Weber não nega o papel conservador da religião.” (MARIZ, 2007, p. 86). Trata-se de uma interpretação sobre sua sociologia da religião na qual Mariz aponta um entendimento para “motivações religiosas” que podem conduzir a sociedade a ter atitudes paradoxais. Cecília Mariz corrobora:

Em suas análises históricas de diferentes grupos e movimentos religiosos se pergunta em que circunstâncias as motivações religiosas levam a rupturas com o modo de vida e sociedade dominantes e em que outras apenas os reforçam (MARIZ, 2007, p. 86).

Os primeiros a sentirem a força do Espírito Santo descrevem bem como foi particular e emotiva essa ação. A manifestação de um fenômeno bem particular e que leva a pessoa a vivenciar e fortalecer o dom dentro do grupo. A partir dos jovens de Duquesne a redescoberta do Espírito Santo passa a ser compreendida como explosão de graça a nível pessoal e depois será também eclesial. “O RC não produz uma categoria particular de cristãos, mas melhora os católicos, preparando-os melhor para que tenham uma parte ativa na Igreja, considera Ken Metz [...]” (HEBRÁRD, 1992, p. 54).

Uma das jovens, que deu início e corpo a esse estilo ou fenômeno religioso, no século XX, foi à americana Patti Mansfield. E ela mesma retrata: “Eu cheguei a escrever num papel ‘quero presenciar um milagre’, relata Patti Mansfield, quero sentir a presença do Senhor!” (MANSFIELD, apud CARRANZA, 2000, p. 23). Trata-se pelo contexto de uma experiência indescritível, uma espécie de arrebatamento. Dá-nos a entender que o crente tomado por uma força espiritual superior recebe revelações e penetra no mistério de Deus. Tudo isso

¹¹O referido pastor ficou notadamente conhecido pelo seu trabalho “[...] com membros de gangues e jovens viciados em drogas conforme relatou em seu best-seller “A Cruz e o Punhal”. As informações foram colhidas no site: <http://www.odiarior.com/blogs/inforgospel/2011/04/28/morre-david-wilkerson-autor-de-a-cruz-e-o-punhal/>

demonstra o que foi descrito acima, no contexto de uma Igreja Católica carente de abertura, que encontra nesses sinais uma espécie de renovação e também de transição. E a novidade continua sendo descrita na vida do catolicismo por Brenda Carranza,

Esse é o relato da experiência de um dos membros fundadores da Renovação Carismática Católica (RCC), nos Estados Unidos, vivenciada num retiro espiritual realizado na Universidade de Duquesne, Pittsburg, em fevereiro de 1967. Esse retiro constituir-se-ia numa referência histórica para os membros da RCC e é identificado como o momento do nascimento do Movimento (CARRANZA, 2000, p. 23-24).

A estrutura do Movimento Carismático aposta de início numa visão de retomada do catolicismo ante a chamada evasão de fiéis, que na década de setenta, do século XX, começava a se delinear. Ela também move nossa reflexão para enxergar uma nova fisionomia da sociedade moderna que carece de significados e valores estáveis. Não é a toa que cresce nesse período o descrédito pelas instituições tradicionais – como o próprio catolicismo romano – e aparece um novo comportamento social e uma nova maneira de se relacionar com a religião que, ora beira o indiferentismo, ora demonstra o apego das pessoas por soluções imediatas para resolver seus problemas mais urgentes. Uma sociedade cheia de ambigüidades que revela traços plurais e mostra o lado tênue da credibilidade entre as pessoas. Uma forma muito clara de despolitização social que enfraquece as instituições e coloca em relevo a condição frágil do ser e do agir humano. Nessas condições, a sociedade que “emerge do novo caldo cultural, altamente provisório e extremamente líquido já mostra certo “[...] esgotamento da modernidade [...]” (LYON, 1998, p. 16) e coloca em xeque a razão, mostrando o desencanto pelas promessas oriundas do racionalismo clássico que apregoava a substituição da religião. A modernidade que fincou seus alicerces após o Iluminismo pregando um “[...] poder excessivo da razão humana e de uma liberdade” sem restrições, sente o abalo total de seus pilares” (LYON, 1998, p. 35). Tanto a razão como a religião, carece de reinvenção e nada melhor que esses movimentos espirituais para preencher o espaço vazio que delineia o século XX. Por mais que se explique tamanha contradição, ela acaba gerando espaços para novas formas de pertença social e grupos religiosos que emergem, acabam por criar identidade de pertença aos seus fiéis que agora já não se apegam tanto às suas confissões de origem.

Para isso, a RCC aposta numa profunda transição. Ela quer ocupar espaços abertos pelo Vaticano II e apresenta alguns elementos para manter sua identidade na vida da Igreja e da sociedade plural. Seus seguidores têm que tomar conhecimento desses passos, e seguir determinadas orientações. Desde suas origens, o Movimento carismático prima por explicitar

seu caráter antagônico com o pentecostalismo de cunho evangélico. Essa tarefa foi sendo passada para os coordenadores e animadores do Movimento, dando destaque no Brasil para uma mentalidade de obediência irrestrita aos membros da hierarquia eclesiástica. Em meio ao terreno plural e muito diversificado do catolicismo brasileiro, Brenda aponta,

Por ora basta analisar que desde seus primórdios a RCC manifestou algumas diferenças com o pentecostalismo protestante, tais como: a concepção de autoridade, de obediência e de pertença à Igreja Católica. (CARRANZA, 2000, p. 25).

Claro que essa diferenciação deu rumo próprio ao Movimento e o direito de ser ambíguo em alguns momentos. Em muitas instâncias da estrutura católica – como nas paróquias – a Renovação Carismática Católica encontra apoio constante e irrestrito, sobretudo, quando o vigário ou pároco faz parte do Movimento, ela dita o direcionamento eclesial daquela porção do povo de Deus. Há casos, na lógica dos seguidores da RCC, em que o grupo de oração consegue atrair muitos fiéis e essa situação confirma certa ambigüidade na relação do Movimento carismático com os demais movimentos e grupos inseridos numa paróquia ou em uma diocese, já que o Código de Direito Canônico confirma o poder dessa estrutura eclesial:

A diocese é uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério, de modo tal que, unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica (CDC, 1987, Cân. 369).

A RCC prova que mesmo dentro da estrutura eclesial no Brasil passou a ser capaz de aglutinar os fiéis com sua pregação voltada para momentos de oração. Sua chegada demarca bem um território eclesial e aponta para um caminho bem diversificado daquele vivido pelas CEBs, o que será visto adiante quando forem mencionadas as disputas no interior do catolicismo. E, quando se trata de acentuar sua paradoxalidade, os carismáticos sabem utilizar as características que permeiam o mundo católico. Péricles Andrade acentua alguns dos seus traços: “A emergência da *Renovação Carismática* – assim como da *Teologia de Libertação* – deu-se a partir da renovação litúrgica e bíblica; da revisão da função do leigo no mundo e na Igreja; da procura de novas relações entre a Igreja, sociedade moderna e outras religiões” (ANDRADE, 2007, p. 207. Grifo do autor).

Essa busca de afirmação que a RCC faz, destacando a obediência irrestrita ao papa e uma leitura zelosa da bíblia (ANDRADE, 2007, p. 207) não apaga sua identificação com os

dons e carismas que apontam sua origem carismático-pentecostal. Ela na verdade, alicerça sua distinção na prática, para poder organizar suas atividades no Brasil e consolidar sua permanência numa Igreja bem diversificada, da qual ela deseja confirmar-se como baluarte.

1.1.1 A Organização da Renovação Carismática Católica

O Movimento carismático católico chegou ao Brasil entre o final da década de sessenta e o início da década de setenta, do séc. XX (BRENDA, 2000, p. 30-32) e foi trazido por padres jesuítas que começaram a aplicar encontros conhecidos como "Experiência do Espírito Santo", depois "Experiência de Oração", em diversas cidades do Brasil, sendo Campinas a pioneira. Flávio Munhoz descreve:

Sua primeira raiz fincou-se na experiência dos cursos de Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC), sendo que a segunda raiz finca-se nos Cursilhos de Cristandade. Junto com Pe. Haroldo, Pe. Edward John Dougherty (conhecido como Pe. Eduardo) deu à RCC o impulso necessário para seu crescimento. O livro *Sereis Batizado no Espírito Santo*, representou uma alavanca para a difusão do movimento e significou a legitimação da RCC no Brasil (MUNHOZ, p.2, 2011. Grifo do autor).

Como era o mais novo e o mais desconhecido, seus “patronos” cuidaram de escrever textos, artigos e livros que difundiram a forma de rezar ao Espírito Santo. Na época, pouco se sabia sobre essa renovação. Dessa forma, o seu caráter fenomenológico foi se consolidando como algo alvissareiro dentro da Igreja. O caráter era intimista e recomendava que as pessoas pedissem fortemente os dons do Espírito Santo, para auxiliá-las na vida. Se durante muitos séculos, o Espírito foi o grande desconhecido na história da Igreja, agora ele estava sendo redescoberto e tornava-se ponte de relação entre os fiéis e Deus.

Com ênfase no uso da Bíblia, os pioneiros do Movimento lembraram o que os cristãos falaram a respeito dessa ação divina e como foi sendo conhecida através de Paulo e dos primeiros missionários. Em Atos encontra-se o texto: “Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou o planalto e chegou a Éfeso. Ai encontrou alguns discípulos e perguntou-lhes: “Vós recebestes o Espírito Santo, quando abraçastes a fé? “Eles responderam: Nem sequer ouvimos dizer que existe Espírito Santo” (Atos dos Apóstolos 19, 1-2). A forma de citar com frequência os textos bíblicos caracteriza a vida da RCC desde seu nascedouro. Tudo isso implica numa forma de dar corpo e conteúdo ao fenômeno que se inicia e valoriza o advento do Movimento “para dentro” e “para fora” da Igreja.

Tomando-se por base essa contextualização bíblica que influencia muito na RCC, podemos assinalar que o Brasil recebe e acolhe o Movimento Carismático, parece tomado por uma intensa vida espiritual e sua “[...] organização começa a funcionar com o primeiro Congresso Nacional, em 1973 na cidade de Itaicí-SP e depois o segundo em 1974 com a coordenação do Padre Silvestre Scandian” (BORGES, p. 1, 2011). Aí vieram retiros, aprofundamentos e a estruturação do trabalho que se espalhou com diversas coordenações em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, Brasília e outros lugares. A imagem da Igreja católica começa a mudar. Surgem os conselhos nacionais, comissões e diretorias. Na RCC, há um planejamento amplo a nível nacional que denota sua capilaridade laical: são as secretarias para acionar projetos nas dioceses. E, nesse caso, a RCC é muito exigente com seus coordenadores e demais colaboradores. Analisando sua organicidade B. Carranza conclui:

Para efetivar a Ofensiva Nacional em todas as dioceses do país a RCC conta com a organização de 15 secretarias que respondem pela execução específica desse projeto. Merece especial atenção a descrição, o nome, a função e os destinatários de cada projeto ou secretaria porque eles mostram claramente a burocratização dos dons e carismas na RCC: A secretaria Ágape, centrada no atendimento das famílias; Projeto Fraternidade, que presta orientação para formação de grupos de oração; [...] Projeto Matias, que responde à necessidade de articular todas as iniciativas de ação política partidária” (CARRANZA, 200, p. 59-60).

Trata-se de uma tarefa que é preciso organizar, pontuar e oferecer bons resultados. Um traço que é bem destacado por Cecília Mariz e que denota pluralidade e consistência na vida do Movimento; ele é bem dotado de organismos que o faz se estabelecer. Mariz sublinha:

De fato a organização da RCC no Brasil e no mundo é hoje ampla, complexa, plural e tem chamado a atenção de diversos autores que estudam o movimento no Brasil, tais como Brenda Carranza (2000), Ari Pedro Oro (1996), Reginaldo Prandi (1997, p. 34-37), Júlia Miranda (1999), entre outros. Em seus trabalhos esses autores já enumeraram as instâncias organizativas internacionais e nacionais, secretarias, projetos que se assomam à redes de grupos de oração e comunidades de aliança e de vida (MARIZ, 2011, p. 181-182).

Também no interior da Igreja, bispos, padres e religiosos que detinham o domínio da doutrina católica ficaram espantados com a força organizacional da RCC, que ganhou corpo e logo se transformou na responsável pelo aumento de grupos de oração e outras atividades da Renovação na Igreja. Para se ter uma idéia dessa força, tomemos como ilustração apenas quatro secretarias de ação que são apontadas por Brenda Carranza,

Projeto Moisés, responsável pela criação de uma rede de intercessores (pessoas que rezam enquanto outros trabalham em todas as dioceses).

Projeto Marcos, que é a estrutura que atinge os jovens. Projeto Marta, divulga e orienta a iniciativa de assistência social. Projeto Pedro, tem como objetivo a formação de *pregadores* – visa homogeneizar doutrina e estilo das pessoas que fazem pregações no Brasil em nome da RCC (CARRANZA, 2000, p. 60. Grifo da autora).

Percebe-se logo a abrangência dos trabalhos e até outros grupos católicos (e diria até empresas) gostariam de poder contar com tanta estruturação desse nível. O trabalho da RCC ganha corpo com essas secretarias, e claro que com as atividades próprias que elencaremos abaixo. Os projetos da RCC são bem alicerçados na Igreja e acabam capitaneando uma série de investidas no campo religioso e também sócio-político. Brenda descreve sua ampliação,

Em Campinas o Pe. Eduardo Dougherty, preocupado em fazer do Brasil um Brasil cristão, confirmou em 1982 a vocação ao ministério da política a Salvador Zimbaldi, que se candidatou, mas sem sucesso, a vereador de Campinas; no entanto conseguiu ficar como administrador local por dois mandatos, para logo depois candidatar-se novamente, dessa vez com sucesso, em 1988 e 1994 (CARRANZA, 2000, p. 157).

A RCC expande sua organização e passa a cultivar tarefas, ou seja, atividades que demonstram seu domínio conservador sobre a situação pessoal, religiosa e até financeira dos seus membros. “Em confronto com outras concepções religiosas, a RCC é reacionária, pois propõe um retrocesso tanto no campo da intimidade, quanto na esfera da vida pública” (ANDRADE, 2007, p. 210-211). Na verdade, a RCC cria uma categoria social e religiosa que retoma ideologias do período de crmandade. “Dessa forma, a RCC se constitui numa sociedade dentro da sociedade e uma Igreja dentro da Igreja, o que poderia ser caracterizado como uma sociedade inclusiva” (CARRANZA, 2000, p. 61). Um grupo que esboça poderes além dos limites institucionais da Igreja; poderes que atraem, prendem e segura seus seguidores, tornando-os radicalmente fiéis ao movimento e a espiritualidade.

1.1.2 As atividades que compõem a Renovação Carismática Católica

A Renovação Carismática comporta várias atividades de cunho espiritual e também formativo como Cenáculos¹², Encontros¹³, SVES (Seminário de Vida no Espírito Santo)¹⁴ e

¹² São encontros que reúnem milhares de pessoas por dioceses. Tem como objetivo reavivar a fé dos católicos e frequentadores da Renovação Carismática. São organizados em qualquer data do ano a depender do calendário dos seus dirigentes. “O cenáculo é uma experiência de oração que dura um dia, constituindo-se em verdadeiro megaevento, tanto pela inversão de tempo e recursos, quanto pela quantidade de pessoas que se concentram em estádios de futebol, ginásios, sambódromos ou em locais descampados” (ANDRADE, 2007, p. 211).

¹³ Acontecem por paróquias ou regiões de uma diocese e tem uma proporção menor que os Cenáculos. Por exemplo, encontros de carnaval.

festivais de música. Mas a força motriz são os famosos grupos de oração. Eles “[...] representam a base social da estrutura do Movimento” (CARRANZA, 2000, p. 45). São espontâneos, não exigem muita racionalidade e também se percebe neles uma mistura de classe social. Nesses grupos o que conta é a identificação com a espiritualidade e não se o fiel possui escolaridade, por exemplo. Sempre destacando a bíblia enquanto palavra de Deus revelada, cada membro é obrigado a portar a sua, dando um caráter confessional a sua busca. Os adeptos se espalham pelo mundo “[...] são cerca de 40 milhões no mundo, com 270 mil grupos de oração” (BRENDA, 2000, p. 28-29). Há fontes que falam “[...] em mais de duzentos grupos de oração e uma estrutura nacional organizada” (OLIVEIRA, 2008, p. 109). Segue depoimento de um participante do grupo de oração:

Dentre os principais motivos que me levaram a escolher a RCC, destaca-se: A minha experiência pentecostal foi dentro do grupo de oração. A credibilidade que o grupo de oração me concedeu e o engajamento na vida comunitária. O relacionamento fraternal com os santos incentivados pelo grupo de oração (SRLB)¹⁵.

Os grupos de oração fortalecem a RCC e apontam para um redimensionamento da questão religiosa na modernidade. Esse traço fica claro devido ao clima emotivo, festivo, alegre e altamente subjetivo que eles reúnem; sem preocupação dogmática ou demasiadamente solene como em algumas missas oficiais do catolicismo institucional. “É no grupo de oração que o ponto alto da vida carismática é experimentado: nele as pessoas podem vivenciar as mais diversas formas de adoração e louvor. E é louvar o que realmente interessa” (PRANDI, 1998, p. 36). As pessoas no grupo se esquecem dos problemas. A condução que é realizada por um carismático preparado para esse fim, tem o poder de conduzir as pessoas ao louvor, ao canto, e a oração com palavras em voz alta. Elas no grupo dão testemunho de sua conversão. Uma avalanche de subjetividade que traz conforto momentâneo. Muitos dirigentes carismáticos insistem na questão de que a comunidade está reunida e nela acontece a efusão do Espírito Santo. Sim, talvez pela acolhida que a RCC sabe trabalhar muito bem, mas, o que leva o participante a uma constância, é saber que sua dor e seu grito pessoal são ouvidos nesse tipo de atividade. No grupo, ninguém está preocupado com o tempo, com as horas que passam; existe um “bálsamo espiritual” no grupo, que pode ser pequeno – com vinte ou trinta pessoas – e isso acaba aproximando as pessoas e seus problemas. Um pequeno núcleo de fé,

¹⁴ Eles podem acontecer tanto a nível paroquial como diocesano. “[...] tem a função de iniciação e de formação dos novos [...]” (OLIVEIRA, 2008, p. 112) membros que geralmente saem desses momentos dizem que saem cheios da força e da Vida no Espírito Santo. Eles ajudam a fortalecer os grupos de oração.

¹⁵ Às letras maiúsculas a partir desse ponto indicam que foi utilizado o questionário na pesquisa; e também a sigla é para preservar o anonimato das pessoas.

um ambiente de louvor coletivo, conforme anuncia a participante: “Fui convidada para ir ao grupo de oração e na hora da acolhida do grupo fui tocada pelo Senhor” (JSO).

No desenrolar do grupo de oração uma questão se impõe: o fiel religioso quer ser escutado e para isso ele reveste-se de coragem, encontra um espaço para viver sua subjetividade e transforma sua oração em remédio espiritual, porque crê na presença de Deus quando o grupo está reunido. Tanto é assim que os dirigentes incentivam a famosa oração em línguas apesar das restrições da CNBB¹⁶ em seus documentos: “Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete” (CNBB, 53, 1994, 62). O fiel quer ser ouvido é por Deus. Prova disso é que ele volta e semanalmente ou quinzenalmente solta sua reza e seu louvor.

Dentro da Igreja católica, os grupos de oração revelam um rosto diferente se comparado com outras atividades da mesma Igreja. Há um clima de autonomia “no que concerne a vida daquele grupo”. Se o padre está presente, ótimo; se ele segue a espiritualidade da RCC melhor ainda. Também o padre pode cantar e louvar. No clero existem aqueles que aderem e isso é claro pela paradoxalidade que o Movimento apresenta no Brasil. Afirma Péricles Andrade:

A RCC é um movimento de leigos, iniciado e liderado por eles. O laicato controla os cargos de coordenação em âmbitos paroquial, diocesano, regional e nacional; coordenam os grupos de oração, organizam os encontros, seminários e congressos que reúnem membros de vários grupos de oração. Porém, deve se destacar que o clero também sempre teve um papel importante (ANDRADE, 2007, p. 209).

Os grupos formam um espaço que podemos chamar de autônomo e acolhedor. Em pleno século XX, a instituição católica é sacudida por uma metodologia diferenciada. A presença do leigo ganha destaque. Ele possui tarefas próprias no grupo de oração: animador, palestrante, músico e cantor, etc. Ela é distinta do papel do clero, que evoca para si as tarefas próprias do sacerdote como: assessor espiritual, confessor e de certa forma legitimador da hierarquia católica. Nos grupos da RCC o leigo vislumbra apoio, discernimento e alimento espiritual. “Os *grupos de oração* são a base da vida carismática e constituem-se em grupos semanais que procuram a renovação espiritual dos participantes, complementando a vida sacramental dos fiéis” (ANDRADE, 2007, p. 211. Grifo do autor). No âmbito da pesquisa, um casal se pronunciou assim, através de um depoimento:

¹⁶ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Sim, a RCC é livre para desempenhar suas atividades, visto que temos observado que Dom Henrique tem acolhido a RCC com muito carinho. Assim como no pontificado de João Paulo II a RCC foi reconhecida pelo Conselho Pontifício para os Leigos, o Papa João Paulo II sempre acolheu amorosamente a RCC. Em 1992 João Paulo II disse aos líderes da RCC: Na alegria e na paz do Espírito Santo, dou as boas vindas ao Conselho Internacional da RCC. Uno-me de bom grado a vós, na ação de Graças a Deus pelos inúmeros frutos que ela deu à vida da Igreja (M.J).

No que tange a sua relação com a Igreja, o dirigente do grupo carismático passa a doutrina que, via de regra, é ditada pela hierarquia. Só que ele coloca muito em relevo que o Espírito Santo age na vida dos que o procuram, abrindo brecha para atitudes de autonomia e credibilidade. Uma boa dose de ousadia para um povo que vivia dependente e colado no ministério dos padres há pouco tempo. Seria uma resposta aos apelos do Vaticano II? Uma maneira de identificação religiosa? É o que abordaremos quando tratarmos da expansão das novas comunidades.

No tocante a sua metodologia, conteúdo e forma de rezar, os grupos da RCC lembram o modo pentecostal e neopentecostal¹⁷. Esta comparação, mesmo não sendo aceita pelos carismáticos católicos, revela o lado triunfalista do Movimento. Eles preferem ser chamado de grupo de oração e vida – apesar dos gestos, louvor, oração em língua como os pentecostais – porque se sentem católicos. Dá-se muito valor a devoção mariana e até consagram muitos grupos a Mãe de Jesus Cristo. Como se vê, esse traço mariano traz à tona a fisionomia de um Movimento Pós-Conciliar que herdou da Tradição Católica uma forte veneração a Virgem Maria. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ela é contemplada com o capítulo 8 que fecha o documento conciliar. Mesmo assim, o foco referente à história do Concílio não anula o caráter ou sementes pentecostais que dão a RCC o título de pentecostalismo católico. Edênio Valle coloca algumas premissas:

Foram esses universitários que ‘inventaram’ o pentecostalismo católico. Ao buscarem novas vias para a renovação pedida pelo Concílio, passaram a copiar os reavivamentos (*revivals*) que, àquela altura, eram um apanágio das Igrejas pentecostais, que o usavam com o fito de reconquistar cristãos que haviam se desgarrado de suas igrejas de origem porque perdidos no anonimato das ‘multidões solitárias’ (D. Riessman) das grandes cidades. Na primeira metade do século XX, o pentecostalismo havia se destacado como sendo o mais eficiente instrumento de revitalização da fé no protestantismo norte-americano. Os primeiros grupos de católicos carismáticos talvez

¹⁷ Os pentecostais formam um movimento renovador dentro do cristianismo e destaca nos seus cultos a experiência pessoal com Deus no Espírito Santo. As primeiras igrejas no Brasil foram: Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil. Já os neo-pentecostais, provém do evangelismo com denominações que surgiram do pentecostalismo. Dá muita ênfase na sua doutrina a batalha contra o demônio e a busca da felicidade. Ex: Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Renascer em Cristo.

tenham experimentado o mesmo que os crentes com quem conviviam nos aglomerados urbanos de classe média e puderam, assim, perceber que o ‘batismo do Espírito’ não só reanimava a fé individual como liberava energias para uma poderosa ação evangelizadora (VALLE, 2004, p. 100. Grifo do autor).

Outra atividade que compõe o Movimento são os Seminários de Vida no Espírito Santo. Neles existe uma metodologia própria e os coordenadores fazem questão de divulgá-lo na paróquia e comunidades próximas, onde aquele trabalho vai se realizar. Muitos fiéis descobrem nele os seus dons e até sinal vocacional. É o caso de uma depoente que segue seu itinerário espiritual numa comunidade de aliança:

Creio muito mais numa escolha primeira de Deus, do que minha mesmo, pois sempre fui de ir a missa dominical com minha família e lá fui abordada a participar de um seminário de vida no qual aceitei por educação e por uma necessidade urgente que havia na época na minha família. No início tinha medo, mas percebia uma ação de Deus em tudo que se ia vivendo no grupo de oração e fui me identificando com o novo da Igreja (CMS).

Já os famosos Cenáculos são de uma estrutura grandiosa. Na origem da palavra vê-se relação com o sentido do lugar, onde os apóstolos e Maria estavam reunidos e sobre eles veio o Espírito Santo (Atos dos Apóstolos 2,1s). Eles se diferenciam das outras atividades porque representam uma demonstração de força e poder da Renovação Carismática. São encontros de um dia e neles todo o aparato da RCC é usado como: rádio, TV, mídia impressa, blogs, e internet. Procuram trazer figuras de impacto para esses Cenáculos já que elas garantem o maior número de participantes, e torna o encontro um sucesso. De padres e religiosos cantores até bispos e arcebispos que são alinhados com o projeto da RCC. Por meio desse caminho, a RCC mostra “*ad-intra*¹⁸” que é forte e estabelece “*ad-extra*¹⁹” um aviso para os evangélicos como se dissesse: nós também sabemos organizar eventos e arrebanhar o povo. Sem dúvida uma demonstração clássica de triunfalismo e que faz da RCC uma bênção para a Igreja, no pensamento de alguns bispos. Mostra que ela pode superar seus próprios desafios e ser vista com respeito e sem temor pela hierarquia. O depoimento é do arcebispo Dom Alberto Taveira,

Ao acompanhar a RCC, percebo que existe seriedade, busca de maior conhecimento teológico em suas lideranças e docilidade. Sugiro que a Comissão Episcopal de Doutrina promova um estudo sobre os Carismas e as práticas da RCC, com seus representantes. Pode até surgir uma nova e mais atualizada orientação pastoral (TAVEIRA, 2011, p. 4).

¹⁸ Expressão latina que significa por dentro.

¹⁹ Expressão latina que significa por fora. Para ressaltar as relações de um grupo ou movimento eclesial com grupos ou tendências religiosas que estão fora da Igreja Católica.

Nos Cenáculos, as palestras, o louvor e os cantos emocionam. Têm também muitos testemunhos e o público se sente tocado e arrebatado na sua fé. Tudo o que é dito ali se encara com veracidade e se assemelha ao que o público enfrenta, e a proporção dos participantes é gigantesca. “Vários pregadores se apresentam, há momentos emocionantes de testemunhos, há momentos de cura e de júbilo. Não faltam a celebração da missa e a entrada triunfal de Maria” (PRANDI, 1998, p. 68). Do primeiro Cenáculo realizado em 1973, passando pelo quinto, décimo e no décimo sétimo, por exemplo, a expectativa sempre foi de mais de 50 mil pessoas. Uma engenharia no campo da fé. Os temas trabalhados nesses encontros são de ordem moral, religiosa, fala-se de proibições e como um católico deve se comportar. São clichês e aulas de moral e pouco de espiritualidade. É nos moldes da RCC que o fiel encontra Jesus Cristo e Maria Santíssima²⁰. O 17º Cenáculo conforme mencionado acima, foi realizado de modo inusitado e diferenciado dos outros encontros. Realizado em 11 de junho de 1995, no Pacaembu em São Paulo, teve entraves. “O estádio do Morumbi muito maior e onde comumente se realizam os cenáculos em São Paulo, encontrava-se interditado por falta de segurança. Sua divulgação foi restrita às regiões da Grande São Paulo e da Baixada Santista” (PRANDI, 1998, p. 78). Mesmo se a divulgação foi restrita não importa; para o carismático, o Cenáculo ajuda a reavivar a fé e o compromisso com a Igreja. Nele, o fiel redescobre o ser cristão e para participar do evento vale qualquer sacrifício. “Para ser carismático não precisa ‘se isolar do mundo, basta colocar Jesus no centro de tudo’” (PRANDI, 1998, p. 79).

Fig. 1



Encontro Nacional de Formação 2012.

²⁰ Mais um dos títulos dados a Maria de Nazaré. Título carinhoso – Santíssima – que esboça uma dependência do fiel à Mãe de Jesus e como ela é tratada com carinho e docilidade.

Fonte: <http://www.rcbrasil.org.br/album-detalhes.php?album=189>.

Depois que essas atividades (cf. foto acima) se firmaram, a RCC, não deixou mais de realizar grandes encontros. Entrou no século XXI atraindo fiéis e se consolidando como um espaço religioso no cenário brasileiro que é multifacetado e plural.

1.2 A espiritualidade que nasce do laicato

O Vaticano II provocou ampliações no conceito de Igreja que prevalecia no passado. A impressão imediata que se tem, é de que nem os próprios padres conciliares estavam plenamente advertidos das mudanças, as quais o capítulo IV da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* daria na relação dos leigos, com a própria hierarquia eclesiástica e com a sociedade como um todo.

O modelo que surge é muito paradoxal com o que existia antes. O Vaticano II provocou rupturas com a concepção de Igreja que havia no passado. A nova concepção eclesiológica permite a Igreja se ver “[...] como sinal e sacramento do Reino de Deus [...]” e que o sacerdócio comum dos fiéis, do qual os leigos se originam pelo batismo são sinais de esperança e revitalização eclesial. (LIBÂNIO, 2005, p. 74). A própria inserção do leigo na sociedade expressa o valor de sua missão e de como ele pode acrescentar com suas decisões a partir do evangelho e da doutrina social da Igreja na vida do catolicismo.

Passou a época de cristandade²¹, seriamente questionada pelas idéias modernistas. A Igreja terá agora um modelo dialogal que dará maior visibilidade as suas palavras sem necessitar de nenhum aparato autoritário. Sua consciência histórica, seu papel animador que emana do Espírito de Cristo e sua atitude caritativa farão a diferença na nova relação com a sociedade. “Trata-se de uma Igreja que, internamente, se entende mais consciente de sua igualdade fundamental em contraposição à organização clerical e que, externamente, age na atitude humilde de serviço ao mundo” (LIBÂNIO, 2005, p. 74).

O Vaticano II permitiu que a Igreja lesse, com olhar renovado, os sinais dos tempos e encontrou espaço na sua teologia para que o leigo pudesse agir como apóstolo na sociedade. “Os leigos, porém, são especialmente chamados para se tornarem a igreja presente e operosa

²¹ Modelo político e religioso adotado pela Igreja na Idade Média. Do ponto de vista histórico, foi um sistema de boas relações entre o Estado e a Igreja, através do qual ela exercia seu domínio sobre a sociedade. Ela sob a égide da Igreja estava protegida em ordem a salvação. É bom recordar que no cristianismo esse modelo teve início com o Edito de Milão promulgado por Constantino em 313.

naqueles lugares e circunstâncias onde apenas através deles ela pode chegar como sal da terra” (LG 33).

O Concílio também vai redescobrir a força do tríplice *múnus*²² do Cristo e o leigo encontrará de maneira prodigiosa, campo para atuar como profeta dos novos tempos. Portanto, apostolado e vida profética se unem, o que mais tarde daria muita discussão na prática pastoral da Igreja. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sublinha,

Por conseguinte, mesmo quando se ocupam com as tarefas pastorais, os leigos podem e devem exercer preciosa ação para evangelizar o mundo. Porque se já alguns deles, na falta de ministros sacros, ou estando os mesmos impedidos no regime de perseguição, suprem na medida do possível os ofícios sacros; e se muitos dentre eles dedicam todas as suas forças ao labor apostólico: todos, contudo, devem cooperar na dilatação e incremento do Reino de Cristo no mundo (LG 35).

É nesse contexto conciliar que os Novos Movimentos Eclesiais²³ formados de leigos na sua origem vão despontar como força para a missão evangelizadora – Shalom, obra de Maria e outros. Tais ações possuem embasamento no Magistério e na Sagrada Escritura, portanto, não se trata de uma inovação dos padres conciliares. A retomada da missão do leigo com abertura e nova metodologia só vem fortalecer a missão da própria Igreja. Outro documento do concílio que trata do leigo aponta:

Pois o apostolado dos leigos, decorrente de sua vocação cristã, nunca pode faltar na Igreja. As Sagradas Escrituras provam abundantemente quão espontânea e fecunda foi esta atividade nos primeiros tempos da Igreja (cf. At 11, 19-21; 18,26; Rm 16, 1-16; Filip 4,3). Nosso tempo exige dos leigos um zelo não menor pois as circunstâncias atuais reclamam deles um apostolado mais intenso e mais amplo (AA, 1).

O leigo agora conhece seu papel eclesial e se coloca na dimensão do apostolado para vencer e superar alguns sinais de desconfiança que ainda pairam no interior do tecido eclesial. A nova ordem política e social, que emerge também cobra da Igreja maior presença e os

²² Uma expressão teológica que significa as três tarefas ou os três ministérios que no batismo recebemos do Cristo que é: Rei, Sacerdote e profeta. Uma missão a ser desenvolvida no mundo.

²³ Os Novos Movimentos Eclesiais despontaram como desdobramento da abertura conciliar para os leigos. São formados por fiéis católicos (homens e mulheres) e possui estatuto próprio segundo rege o Código de Direito Canônico. Depois do concílio os papas trataram de apoiar e conceder vários direitos a esses movimentos. Segundo estudo de João E. Terra, o papa Paulo VI na audiência pública de 16 de outubro de 1974 assim se pronunciou: “Há, hoje, uma efusão, uma grande chuva de carismas para fazer maravilhosa e fecunda a Igreja, capaz de impor-se à atenção do mundo profano e laicizante” (TERRA, 2004, p. 16). E foi no pontificado de João Paulo II que esses Novos Movimentos se intensificaram. Tanto é assim que em vários encontros mundiais se sucederam: 1981, 1985 e 1991. No mundo católico, os teólogos afirmam que o acontecimento grandioso que deu aos NME dinamismo e vigor foi em 1998 com o referido papa. Praça de São Pedro, 50 movimentos diferentes e seus respectivos fundadores. Mais de 300 mil fiéis e eles foram chamados de “[...] programa da Providência para o terceiro milênio” (TERRA, 2004, p. 17).

leigos serão essa ponte fundamental para o diálogo ente religião e sociedade. “Sinal desta múltipla e urgente necessidade é a ação manifesta do Espírito Santo, tornando os leigos de hoje mais e mais cômicos da própria responsabilidade [...] (AA, 1).

Na RCC essa presença é expressiva pelo número de atividades que os leigos desempenham. Basta averiguar como num grupo de oração, a música, o louvor que dela procede, a oração da noite que eles realizam, a condução dos trabalhos é sempre realizada por um leigo. Eles objetivam chegar ao amadurecimento da fé e todos sentem que Deus oferece a salvação ao seu povo. Do leigo, que à frente comanda o grupo, até o mais humilde participante, todos estão inebriados nessa busca. “Vamos ver no grupo de oração pessoas de toda espécie, jovens e velhos, ricos e pobres. Mas todos, homens e mulheres, gritam, de alguma parte de seu íntimo, gritam pela salvação de Deus e o esperam na fé” (BLAQUIÉRE, 1993, p. 22). No trabalho em curso, pretende se deixar claro que desde as origens até o momento atual com o alargamento provocado pelo Vaticano II, os leigos têm tomado a dianteira do processo. Em nenhum momento, se nega a presença histórica do clero. Como afirma Pedro Rubens Oliveira:

No entanto, se as origens da Renovação Carismática no Brasil são, por causa das circunstâncias, ligadas a esses dois jesuítas, a evolução e a expressão crescente do movimento só se podem explicar considerando a importante adesão e participação dos leigos. Porque apesar da influência e da participação do clero e de religiosos, a Renovação continua sendo um movimento predominantemente leigo (OLIVEIRA, 2008, p. 107).

Quando o grupo de universitários americanos resolveu propagar a experiência inicial que tiveram, chamando-a de carismática – e depois a levaram pelo mundo inteiro – as desconfianças eram gigantescas. No Brasil sempre existiram querelas até com o nome ou “denominação”. O depoimento é de Brenda Carranza,

Além da denominação *pentecostalismo católico* ter sido considerada um entrave para definir o Movimento como católico, o nome Renovação Carismática Católica também foi objeto de crítica. Assim, no estudo realizado por Pedro Oliveira (1978), propôs-se aos bispos que evitassem falar de Renovação Carismática dado que “*este adjetivo sugere certa institucionalização do que precisamente não pode ser institucionalizado* (CARRANZA, 2000, p. 36. Grifo da autora).

Também se pode sublinhar que a organização do Movimento – com forte incidência laical – e a noção de seu comando e abrangência preocupa a hierarquia católica. Não se pode negar a situação paradoxal. “A dimensão e a força da organização do MRCC também têm chamado a atenção da hierarquia da própria Igreja Católica. Alguns setores dessa hierarquia se revelam

preocupados com o que lhes parece ser a criação de estruturas paralelas de poder por parte desse movimento” (MARIZ, 2011, p. 183). Mesmo com essa disputa a espiritualidade foi crescendo no Brasil. Os pesquisadores do tema deixam evidente essa dualidade. Péricles Andrade, por exemplo, reconhece a liderança dos leigos: “A RCC é um movimento de leigos, iniciado e liderado por eles. O laicato controla os cargos de coordenação em âmbitos paroquial, diocesano, regional e nacional [...]” (ANDRADE, 2007, p. 209). Se muitos hoje ainda não possuem uma elaboração tão racional e sistemática do conteúdo doutrinário e teológico do catolicismo, isso não impede sua prática avassaladora e, a manutenção do princípio de autonomia mexendo com a hierarquia do catolicismo. “Desde o seu início, a RCC tem-se mostrado como um movimento leigo e independente em relação à estrutura da Igreja” (PRANDI, 1998, p. 52). É como se fosse uma disputa entre os dois grupos que começa do lado externo e depois passa para o interno da Igreja Católica, colocando a RCC no caminho da “quase” oficialidade. E dentre as discordâncias sobre uma maior ou menor participação do clero, Péricles Andrade apresenta posição diferente de Prandi, o que enriquece o texto: “Porém, deve se destacar que o clero também sempre teve um papel importante. Bispos e padres foram sempre assessores, coordenadores adjuntos ou responsáveis pelo *Movimento* perante a igreja. Ou seja, de alguma forma, sempre houve tutela” (ANDRADE, 2007, p. 209. Grifo do autor).

Nesse contexto de pluralidade dentro do próprio catolicismo, seja pelo traço institucional ou derivado de outra vertente, como a carismática, o paralelismo fica evidenciado. Na verdade, a grande marca da RCC enquanto fenômeno religioso é conquistar seu espaço com grande rigidez dentro da Igreja Católica no séc. XX. Ela se postou bem no começo. E mesmo dentro de uma religião tão antiga como o catolicismo, a Renovação Carismática chamou atenção pelos desdobramentos de suas práticas; mas insiste-se que o caráter laical de aparente autonomia foi um dos traços mais perturbadores; têm outros, é claro na visão de Prandi,

Com toda essa força, a Renovação apresenta-se como uma alternativa significativa e perigosa para a Igreja. Significativa por constituir uma resposta à crise do catolicismo. Perigosa segundo setores da própria Igreja, pelo seu fácil relacionamento com movimentos e teologias exteriores e estranhos à própria Igreja (PRANDI, 1998, p. 52).

Já no contexto brasileiro a RCC é de explosão, mas não tanto religiosa; a questão era sim política por causa da ditadura militar iniciada em 1964. “A transformação política vivida pelo Brasil no início da década de 60 e, especialmente, em 1964, coincidiu com mudanças que a Igreja Católica passava a experimentar, a partir do Concílio Vaticano II [...]” (ARNS, 1985,

p. 147). Vê-se que o Vaticano II é sempre colocado como referência. Foi um período de agitação social e que mexeu com a identidade do povo brasileiro. Dentro da própria Igreja Católica as posições frente à ditadura eram diversas. Muitos padres, religiosos e até religiosas²⁴ – freiras de ordens que trabalhavam com o povo – bispos e leigos que esboçavam reação foram perseguidos porque defendiam abertamente os procurados pelo regime militar. Uma onda de terror. “Com a implantação do Regime Militar, entretanto, especialmente a partir de 1968, a trajetória da Igreja foi de constante evolução em suas preocupações sociais, resultando disso um distanciamento crescente das autoridades governantes [...]” (ARNS, 1985, p. 147-148). Os atritos e contrastes só aumentavam, gerando torturas violentas e expulsões do País. Não se olhava o gênero e nem a condição de saúde das religiosas e padres. Dom Paulo assinala:

É, por exemplo, o caso da repressão sofrida pelos dominicanos, em 1969, focalizada no estudo referente à ALN; da prisão do padre Gerson da Conceição, vinculado a processo da VAR-Palmares; das torturas ignominiosas sofridas pela Madre Maurina, ré no processo contra a FALN [...] (ARNS, 1985, p. 148).

Os dados históricos sobre a chegada da Renovação Carismática no Brasil são abundantes. No caso dos padres jesuítas, é preciso destacar que foram importantes no início, já que existe em muitas regiões do Brasil, uma forte admiração e dependência da figura do padre e do clero. E como existe uma ligação profunda entre a renovação espiritual dos fiéis com os sacramentos, sobretudo a eucaristia, observa-se o quanto um sacerdote renovado – essa é a linguagem usada pelos carismáticos – possui valor na RCC. O padre funciona como um diretor ou guia espiritual, para dirimir as questões mais urgentes que aparecem. Isso não anula o traço laical. Obediência, procura de aconselhamento, confissão que é na RCC extremamente recomendado são tarefas que o padre chama para si e a ele são de direito pelo sacramento da ordem²⁵. Mas nem sempre a coisa funciona de maneira ordenada. Os leigos que participam das atividades são protagonistas da missão carismática. Eles pregam, cantam, exercem ministérios – apesar das advertências do documento “As Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, documentos da CNBB, 53– animam os grupos e os cenáculos, visitam as pessoas que depois de um Seminário de Vida no Espírito Santo se interessam pelo Movimento e assume sua direção. E, nesse contexto da missão do leigo que

²⁴ Mulheres que se dedicam a uma causa religiosa, fazendo os votos – como no caso dos homens – de pobreza, obediência e castidade, dentro de uma congregação ou ordem religiosa.

²⁵ É um dos sete sacramentos definidos pela Igreja Católica. Quem o recebe é o homem que depois de um período de formação – preparação com estudos acadêmicos e vida espiritual – nos seminários católicos de até nove anos, é apresentado ao bispo diocesano que decide pela sua ordenação. E possui os graus de diácono, presbítero e epíscopo.

acompanha espiritualmente os fiéis e reza por eles com as atividades próprias do clero dentro da Igreja, o Documento 53, citado acima, quis esclarecer o papel de ministros ordenados – como padres e diáconos – e dos membros da RCC; mas na verdade esse assunto sempre ficou em aberto. “Evite-se na RCC a utilização de termos já consagrados na linguagem comum da Igreja e que na RCC assumem significado diferente, tais como, pastor, pastoreio, ministério, evangelizador e outros” (CNBB, 53, 1994, 29).

Os animadores e seguidores da RCC dão ênfase à formação específica de cunho bíblico. Muitos agem em pé de igualdade com os padres e dão a entender que o papel deles na RCC não é de espectador. São até radicais com relação à conduta moral, e a palavra do leigo no grupo tem muita força. Vão se agrupando em vida de comunidade e fazendo com que a RCC se estabeleça. “Existem neles modalidades de vida comunitária e ação pastoral nas quais as diferenças entre leigos e clérigos perderam – até certo ponto – importância, subvertendo o arraigado clericalismo que caracteriza a estrutura da Igreja católica” (VALLE, 2004, p. 101).

1.3 A Renovação Carismática no Brasil: conflitos com a hierarquia e com as Comunidades Eclesiais de Base.

O caráter plural do catolicismo pode ser visto e estudado sob vários ângulos. O catolicismo institucional com sua força e presença nas decisões do Vaticano e dos bispos, o catolicismo ligado as CEBs, que ainda sobrevive, o catolicismo popular e também no campo religioso brasileiro surgiu o catolicismo da RCC. Vários trabalhos no Brasil retratam essa onda carismática e apresentam “[...] os confrontos que se estabelecem em torno da RCC [...]” (VALLE, 2004, p. 98).

Nesse trabalho, escolhemos avaliar os conflitos entre a RCC e a hierarquia da Igreja no Brasil e a RCC e as CEBs. Eles poderiam ser citados em abundância, mais cabe apenas um trecho retirado dos documentos da CNBB. “Nenhum grupo da Igreja deve subestimar outros grupos diferentes, julgando-se ser o autenticamente cristão” (CNBB, 53, n. 20). E depois um sinal de contenção: “A RCC assuma com fidelidade as diretrizes e orientações pastorais da CNBB” (CNBB, 53, n. 21). A raiz dos conflitos se dá na ocupação objetiva dos espaços que a RCC se propõe a fazer. Nas CEBs, a busca de mudanças no campo social, e a RCC propondo um modelo de Igreja mais intimista que entrou definitivamente em confronto com as realidades eclesiais do Brasil.

Também merece destaque a disputa interna entre dois modelos muito diferentes e que se antagonizam nas suas práticas. Edênio Valle enxerga assim:

O problema mais abordado é o da tensão existente entre as duas tendências que lutam pela hegemonia na condução do processo de mudança global da Igreja Católica. São estudos que contrapõem a corrente carismática às CEBs e às pastorais sociais e ao estilo de Igreja que surgiu na fase áurea das teologias inspiradas na Libertação (Ceris, 1995 e Comblin, 1983) (VALLE, 2004, p. 98).

Toda essa disputa foi marcando e alinhavando a vida da RCC no Brasil. Se os fiéis católicos estavam tentados a buscar outro rumo, a espiritualidade carismática ofereceu propostas de reflexão, oração e mergulho na ação do Espírito Santo.

Os desdobramentos da chegada do Movimento Carismático no Brasil geraram situações paradoxais que podemos classificar como de acolhida, rejeição e simpatia. Como o movimento traz no seu bojo uma característica de valorizar os dons espirituais na vida dos fiéis, levando-os a distanciar-se de outras práticas na Igreja, acabou despertando no clero uma atitude de luta espiritual e até de poder. Tudo isso porque a RCC mostra uma forte penetração nos estratos sociais diversos e até arrebatou fiéis de outros grupos do catolicismo. Estrutura-se muito bem gosta de promover retiros, por isso, o clero e outras instâncias da hierarquia se opõem à questão caso ela aja de forma paralela à vida da Igreja. Surge a desconfiança que mostra o lado contraditório da história de grupos carismáticos na relação com as estruturas eclesiais; visão compartilhada por Cecília Mariz em seu artigo,

A dimensão e a força da organização do MRCC também têm chamado a atenção da hierarquia da própria Igreja Católica. Alguns setores dessa hierarquia se revelam preocupados com o que lhes parece ser a criação de estruturas paralelas de poder por parte desse movimento (MARIZ, 2011, p. 182).

A explosão dos grupos de oração e experiências símile deu uma nova fisionomia ao catolicismo que se encontrava em meio a uma evasão profunda de fiéis. Uma configuração bem conservadora evidenciando o desejo de manter e atrair ao mesmo tempo, os católicos que saíram do seio da Igreja. Possui um cunho “proselitista” quando se opõe àqueles que denigrem a imagem da Igreja, apresentando-a como a única fiel ao evangelho. Esse ideal de reconstrução do catolicismo fica claro, por exemplo, nas suas tarefas de evangelização (VALLE, 2010, p. 98). Logo, esse acabou sendo um foco bem aproveitado pelos carismáticos que se sentiam orgulhosos com seus encontros e cenáculos cheios de fiéis na busca de uma experiência com Deus. O clero observando de forma confusa e na maioria das dioceses, a espiritualidade carismática ia ganhando espaço e se consolidando.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tratou de traçar algumas orientações que a princípio confirmava a égide do catolicismo aos bispos e aos seus colaboradores: “O Concílio Vaticano II ensina que a Igreja Particular é uma porção do Povo de Deus, confiada a um bispo para que a pastoreie com a cooperação do presbitério e dos diáconos” (CNBB 53, 1994, n. 16). Uma tentativa de resolver dúvidas e de esclarecer o papel dos ministros eclesiais na Igreja Católica. A princípio o documento foi lido e acolhido, mas muitas feridas já tinham sido abertas na ação evangelizadora da Igreja. Da sua chegada ao Brasil até a saída do documento em 1994, os grupos carismáticos fervilhavam no Brasil e apostavam na cura, no repouso do Espírito Santo e no dom das línguas, como o caminho de fazer reflorescer o catolicismo. Por isso, insiste-se na sua ambiguidade. Se de um lado ele parece ser obediente à hierarquia, do outro, os carismáticos agiam de forma autônoma; e o fenômeno que aqui se aponta como pós-conciliar, não parou mais de crescer e se ramificar pelas dioceses.

Vendo essa situação, os bispos, mediante a Conferência Episcopal, trataram de colocar pressupostos de abertura e acolhida aos carismáticos, o que levou muitos padres a assumir uma postura de desencanto pastoral. Diante das posturas apresentadas pela RCC, o trato de alguns com o Movimento é de desconforto. Isso é sentido pelos carismáticos dentro da comunidade a ponto de um seguidor da RCC declarar num depoimento:

Depende de cada paróquia; há várias condições, porque são os padres que determinam, por exemplo, o padre ordena que não adore a Jesus Sacramentado, também não permite que adoremos a Jesus manifestando a nossa espiritualidade e entre tantos outros (SCA).

Os depoimentos de aspereza e conflituosidade são constantes e dá uma dimensão de como um lado – o clero – enxerga a RCC, e, também como o outro, a RCC enxerga o clero. E sempre são citados os padres que trabalham em paróquias e apresentam restrições ao Movimento. Os participantes também se queixam como num outro depoimento extraído dos questionários:

Em relação aos padres percebo que mesmo depois de 43 anos de existência da RCC ainda existe dificuldade de aceitação. A RCC como sopro do Espírito como nasceu para ser, não precisaria ser movimento e sim estar presente nos movimentos, provocando a renovação dos mesmos. Neste caso não precisaria de aprovação dos Bispos e padres, pois não seria movimento (EAT).

Com esses embates, percebeu-se que o catolicismo já não era mais o mesmo no Brasil, e as disputas – conforme veremos abaixo – não iam se encerrar depois do documento. Isso porque outros grupos e movimentos, tão ou quanto mais conservadores do que a própria RCC

iam reivindicar mais espaço na Igreja. E a RCC iria, como de fato ocorreu, despertar traços subjetivos na identidade do fiel católico do século XX, é o que afirma Pedro Rubens Oliveira:

Esse movimento reclama-se igualmente do Concílio, mas ao contrário dos movimentos conciliares – como o movimento bíblico, ecumênico e outros –, a RCC afirma-se de maneira autônoma e expressiva, marcada pelos sinais de uma tradição popular católica, e ao mesmo tempo, combinando com aspectos bem modernos, sobretudo de valorização da subjetividade (OLIVEIRA, 2008, p. 30-31).

Todo esse panorama de conflito favoreceu a RCC. Sua posição, ou melhor, sua imagem passou a ser daquela que acolhe os que estão sem uma vida espiritual, entenda-se cristã, bem resolvida. A RCC chegou para cuidar dos espiritualmente esquecidos.

1.3.1 A relação da RCC com a CNBB e o clero

O episcopado brasileiro se colocou ao lado dos socialmente desvalidos, sobretudo a partir do “Pacto das Catacumbas” que ocorreu durante o Vaticano II (NASCIMENTO, 2008, p. 119-121). Essa opção teve continuidade com a reflexão que na época era forte pela ligação entre a fé e a vida. Ora, tudo “[...] isso se deu no contexto mais amplo de toda a região, num período que vai da reunião dos bispos latino-americanos em Medellín (1968) à seguinte, em Puebla (1979).” (SOUZA, 2004, p. 7). Já no Brasil a organização a nível nacional teve seu início como Conferência bem singular, devido à experiência da Ação Católica,²⁶ que inspirou tantos bispos e, sobretudo dois nordestinos que trataram de unir os seus pares e alguns sacerdotes para finalmente criar a Conferência Nacional dos Bispos em 1952.

E nesse período Dom Hélder Câmara, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, juntamente com outros bispos, criou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em outubro de 1952, para a qual foi eleito primeiro Secretário-geral. E com Dom Távora, também Bispo Auxiliar da Capital Federal, influenciou a criação da Cáritas Brasileira em 1956, como órgão da CNBB (NASCIMENTO, 2008, p. 18).

As questões de cunho social e política aglutinaram prelados que sempre se colocaram na defesa da cidadania e dos direitos humanos. Muitos foram os casos de perseguição e até tortura a membros do clero, religiosos e bispos. A postura da hierarquia católica foi um marco na história recente da luta democrática no Brasil e essas atitudes geraram conflitos dentro e fora da própria Igreja. Exemplo claro é a atitude de Dom Balduino na figura abaixo:

Fig. 2

²⁶ Foi um conjunto de movimentos, criados pela Igreja no início do século XX durante o pontificado de Pio XI. No Brasil, a Ação Católica foi fundada pelo Cardeal Leme em 1935 e teve como seu dirigente Alceu Amoroso Lima e outros intelectuais. Entre outros frutos da sua criação tivemos: a JUC (Juventude Universitária Católica) e a JAC (Juventude Agrária Católica).



Site: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300007&script=sci_arttext

Dentro da própria Conferência dos Bispos aconteceram disputas acirradas por bispos que tomaram uma posição mais “conservadora” ou até ficaram do lado dos militares aqui no Brasil e na América Latina. Um contexto de disputa e antagonismos acentuados que passaram pelo recorte da defesa da família e da posse da terra. Luiz Alberto Gómez de Souza acentua:

Na Ação Católica de São Paulo, houve a presença de Plínio Corrêa de Oliveira e de seu assistente eclesialístico, Pe. Castro Mayer, futuro bispo de Campos. Eles se colocavam numa posição ideológica oposta, de um integrismo conservador militante que, anos adiante, produzirá o movimento Tradição, Família e Propriedade (SOUZA, 2004, p. 3).

Mais, dentro do contexto esboçado pelo Vaticano II, vê-se que muitas dioceses caminharam de acordo com seus bispos e, dependendo da linha de atuação, se projetou para o trabalho evangelizador com conseqüências assumidas de perseguição e sofrimento ou mais moderada, somente realizando atividades sacramentais de manutenção. E, nessa linha de ação, muitos teólogos perceberam como no Brasil a Igreja projetou-se na direção da defesa dos pobres e excluídos.

Nas décadas de oitenta e noventa as últimas do século XX, a CNBB passou por fortes momentos de tensão na sua relação com o Vaticano. Se a defesa dos pobres incomodava, por outro lado a consolidação da RCC no Brasil causava conflitos. Vê-se, por exemplo, de forma clara na época essa bifurcação de atritos: a política vaticana de um lado e a RCC do outro. No pontificado de João Paulo II (1978-2005) ele apostou na retomada da cristandade nomeando bispos conservadores para dioceses estratégicas no Brasil. Um exemplo foi à divisão na

Arquidiocese de São Paulo. Nem a força do Cardeal Paulo Evaristo Arns resolveu a questão. Um texto de Beozzo afirma: “De nada valem os pedidos de cardeais, arcebispos e bispos pastoralmente comprometidos com o caminhar da Igreja no Brasil. D. Paulo Evaristo esperou anos pela nomeação de alguns por ele indicados como candidatos a seus bispos auxiliares” (BEOZZO, 1993, p. 287).

Em contrapartida, o papa passou a dar maior visibilidade aos Movimentos Eclesiais que despontavam a exemplo da própria Renovação Carismática Católica, dirigindo-lhes palavras de correção e, sobretudo de afeto. Numa conferência para dirigentes carismáticos o papa os encoraja. “A tarefa do dirigente é, em primeiro lugar, dar exemplo de oração em sua própria vida” (JOÃO PAULO II, 1982, p. 31). Era o recomeço animador dos movimentos espirituais na questão da doutrina e no incentivo a toda ação que visasse a manter viva a Igreja na sociedade pluralista e cheia de ambigüidades. “Em segundo lugar, cabe-vos proporcionar alimento sólido para o sustento espiritual mediante a *distribuição do pão da verdadeira doutrina*” (JOÃO PAULO II, 1982, p. 31. Grifo do autor). No Brasil, depois de apoio tão explícito a RCC não parou mais de crescer e sua relação com o clero será num clima desafiador para ambas as partes nas palavras de Prandi,

Após 1978, porém, com a ascensão de um Papa mais conservador, a RCC encontrou no Vaticano o seu grande aliado para o crescimento na América Latina. Tendo dois inimigos comuns, a RCC tornou-se a grande defensora da Igreja contra o Pentecostalismo de Cura Divina (que tomava conta de todos os espaços religiosos deixados pelas outras igrejas) e contra a Teologia da Libertação (que se havia preocupado muito com a política e a economia, esquecendo-se que a Igreja precisa responder aos problemas espirituais dos seus membros) (PRANDI, 1999, p. 53).

Quando a RCC desponta com vigor nos anos de 1980, o episcopado e o clero sentem uma posição desconfortável. Surgem posturas bem paradoxais. Bispos reclamam de “[...] penetração nas dioceses sem licença [...]” (CARRANZA, 2000, p. 131) e os seguidores da RCC afirmam que é o Espírito Santo que os impulsiona na missão; os bispos seguem reclamando e “[...] em 1982, manifestaram sua preocupação sobre alguns aspectos da RCC que precisavam ser orientados” (CARRANZA, 2000, p. 131). Como a Igreja tem seu alicerce no traço institucional, os bispos afirmam que nas dioceses, eles, de acordo com o Direito Canônico dão a última palavra. Uma relação pouco amistosa que vai perdurar até metade dos anos de 1990, quando a RCC lança um plano chamado de Ofensiva nacional para se adequar aos projetos da CNBB. Que luta! “Não obstante a Igreja afirmar que é seu dever abrigar em seu interior os diversos carismas e apenas corrigir o que for necessário, o Documento 53 para

como um fantasma sobre os carismáticos, principalmente sobre aqueles mais fervorosos” (PRANDI, 1999, p. 58).

A resposta da CNBB com o Documento 53 chegou num momento em que já havia muitos contrastes. A cultura religiosa, marcada pelas devoções, foi assumida em parte, pelos carismáticos e elevada de maneira estupenda pelas atividades emocionais que os grupos de oração realizam. Uma Igreja com traços fortemente institucionais viu-se modificada pelas práticas carismáticas de maneira sutil e aparentemente submissa ao episcopado e ao clero.

Com uma aparente acolhida do Documento 53 a relação entre os membros da RCC e do clero não eram as mais amistosas. Nas paróquias muitas atividades ligadas a formação dos grupos católicos foram esvaziando-se. Interessante observar como os Movimentos históricos como Apostolado da Oração, Legião de Maria e outros que nasceram recentemente no século XX como a Mãe Peregrina de Schönstatt²⁷, foram forçados a ceder ou a dividir seus membros com a RCC. Ouviu-se muito a afirmação de que as conversões em massa estariam reforçando a vida do catolicismo. O volume de dissabores se acentuou marcando a década de noventa, do século XX, e o pleno crescimento do Movimento carismático; Brenda analisa assim:

Nos grupos de oração, ou comunidades na base, há grande flexibilidade na forma de organização, estrutura, horários e locais de reunião. Não são respeitadas as fronteiras geográficas nem divisões pastorais, como paróquias, o que gera, constantemente, conflitos nas localidades onde se inserem. Assim, por exemplo, o conflito normalmente ocorre com as CEBS (Comunidades Eclesiais de Base) que acusam a RCC de deslocar os fiéis das atividades paroquiais para fazê-los participar de atividades que não são promovidas pela comunidade (CARRANZA, 2000, p. 46-47).

No decorrer dos anos de mil novecentos e oitenta e noventa, respectivamente, a RCC cresceu exponencialmente por todo Brasil. Nas dioceses continuaram a existir estremecimentos de acordo com a linha de ação evangelizadora do bispo. Mas não dava mais para limitar. Muitos fatores sociais, econômicos e até religiosos, faziam com que o povo se desiludisse com atividades religiosas outrora procuradas e fosse para a RCC em busca de conversão, cura das suas emoções e bênçãos especiais. Escolher a RCC, foi para muita gente algo forte e imprevisível como uma participante do questionário: “Necessidade de algo que mexesse mais comigo, no qual encontrei na RCC” (GS).

A situação entre RCC e episcopado foi se contornando aos poucos. O arcebispo de Palmas Dom Alberto Taveira Correa, passou a acompanhar os carismáticos no Brasil, fazendo

²⁷ É um movimento ligado a devoção mariana e teve início na Alemanha em 18 de outubro de 1914. Chegou ao Brasil em 1948.

o intercâmbio entre esse movimento que só aumentava e o fenômeno das novas comunidades que surgiam por todo o Brasil. O próprio bispo apresenta esclarecimentos a outros bispos:

Em nome da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sou o Assistente Espiritual do Conselho Nacional da Renovação Carismática Católica, um dos mais significativos Movimentos Eclesiais existentes em nosso tempo. Algumas interrogações me foram feitas por Dom Rafael Llano Cifuentes, Bispo de Nova Friburgo-RJ, proporcionando-me levar ao Conselho Permanente da CNBB alguns esclarecimentos, que podem servir a tantos irmãos e irmãs da RCC ou que desejam conhecê-la mais de perto (TAVEIRA, p. 1, 2011).

O que se nota nessa relação é um contraste, que só o tempo, com o avanço da RCC dirá. O Movimento passa a impressão de acolher todos os ditames dos bispos; mais há muito de ideológico nessa disputa e numa análise criteriosa é perceptível que se estabelece entre os dois um “[...] campo de batalha no qual a Igreja conservadora tenta restringir o avanço pentecostal e controlar os setores progressistas, enquanto que a ala progressista luta por manter sua posição crítica perante o desenvolvimento da RCC” (CARRANZA, 2000, p. 138).

1.3.2 A RCC e sua relação tensa com os teólogos da libertação e as CEBs

A RCC com sua origem nos Estados Unidos foi se ampliando com os ventos do Concílio Vaticano II, que também abalou o catolicismo norte-americano na qual ela se insere e “[...] levou à busca de novos caminhos de recuperação da fé” (VALLE, 2004, p. 99). A partir dele e no seu contexto, ela “[...] se insere como um dos movimentos de revivescência espiritual que enfatiza o resgate da teologia sobre o Espírito Santo [...]” (CARRANZA, 2000, p. 85). A perspectiva é mostrá-la como fenômeno que encontrou nas mudanças do Concílio uma porta para sua divulgação e posterior crescimento.

No entanto, os antagonismos vistos acima, no que tange a perspectiva pastoral sempre marcaram a vida do catolicismo no Brasil. No campo religioso as disputas e os antagonismos continuaram se intensificando. Sobretudo no campo teológico e de opção pastoral definida, pois, onde com toda ênfase, a RCC chegou, já existiam fortes e sólidas iniciativas no campo sócio-político. São várias: “Avaliando a situação atual da Igreja, há que evitar algumas simplificações. Algumas análises, apressadamente, insistem num possível recuo das pastorais sociais e das CEBs e na vitalidade dos novos movimentos religiosos, especialmente os carismáticos católicos” (SOUZA, 2004, p. 11). Claro, que a diversidade é visível. Os bispos do Brasil e de outras partes do mundo, souberam absorver esse sopro do Espírito e começaram a promover formas de intercâmbio entre as Igrejas particulares. No caso do continente latino-

americano e caribenho, foi criada a CELAM²⁸, que teve o papel e a missão de congregar os anseios e angústias dos povos latino-americanos, marcados por sucessivos massacres de sua identidade cultural e religiosa.

As lutas que os reclames da própria realidade social econômica e religiosa foram despertando, deram a Igreja no Brasil e nos outros países da América Latina subsídio para enxergar a realidade com outros olhos. O evangelho, com toda pujança da pregação de Jesus e a interpretação da palavra, com base no sofrimento do povo latino-americano fizeram surgir inexoravelmente a Teologia da Libertação²⁹ como mecanismo forte de análise e reflexão da realidade. Ela, a quem intitulamos de fonte teológica das comunidades e da opção preferencial pelos pobres e excluídos foi gestando uma nova maneira de “ser Igreja”. A princípio surgiram muitos conflitos com a hierarquia católica, mas o contexto dos anos sessenta era propício e as Comunidades Eclesiais puderam se sustentar.

Quando se observa o início histórico das CEBs, fica claro o seu lado promissor no “[...] após-Medellin e na preparação para Puebla. As comunidades de base tem sido responsáveis pelos compromissos mais coerentes da Igreja a nível do povo” (BEOZZO, 1993, p. 130). Nos encontros bem populares em ambientes da periferia das grandes cidades e no campo em meio ao trabalhador simples, a bíblia é usada como instrumento de reflexão e de luta que fortalece a caminhada do povo de Deus. Neles, todos falam e rezam, participam e questionam e não só os representantes do clero. O povo ouve e é ouvido. Lembram sempre das primeiras comunidades cristãs. “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum. (Atos dos Apóstolos 4, 32).

As Comunidades de Base formam um caminho alternativo e que demonstra a capacidade que o povo de Deus tem de se organizar. Talvez essa forma inserida de provocar mudanças na maneira de pensar e agir da Igreja continua gerando divergências consideráveis com outros grupos e movimentos eclesiais. Em alguns momentos específicos do século XX,

²⁸ Conferência Episcopal da América Latina que surgiu em 1955. Tem como missão formar um organismo de comunhão entre os membros do colégio apostólico – os bispos – com o Romano Pontífice que é o Papa. Com sua organização foi celebrada as conferências de Medellin 1968 e Puebla 1979.

²⁹ Sua base de análise leva em conta o sofrimento do povo, sobretudo os mais pobres. Ela se tornou possível com a reviravolta do Vaticano II. Ela não é uma teologia paralela no que tange à oficialidade da Igreja Católica Apostólica Romana. “Ela é filha do Vaticano II, com a originalidade de inserir mais fortemente os pobres na compreensão do ser humano e na articulação do método ver-julgar-agir” (LIBÂNIO, 2005, p. 84). Muitos são seus expoentes no Brasil e noutros países: Leonardo Boff, José Comblin, Dom. Tomás Balduino, D. Pedro Casaldáliga, Gustavo Gutierrez, Oscar Beozzo, Queiruga e outros (as).

ficou claro que as CEBs foram acusadas de fazer política dentro da Igreja e a Renovação Carismática era o lugar eclesial de rezar, adorar, refletir a palavra de Deus em direção à conversão, e a responsável pelo retorno dos fiéis para o seio eclesial.

A proposta das CEBs deixava claro em seus traços que é possível harmonizar fé e política. São elementos constitutivos de sua própria identidade. Na instituição eclesial as CEBs não são compreendidas como “[...] um movimento de Igreja nem um grupo sectário fechado ao diálogo e ao diferente, com uma espiritualidade individualista e desencarnada. Também não são alienadas da realidade e da vida [...]” (BENINCÁ; ALMEIDA, 2006, p. 102). Pelo contrário, elas crêem e agem como fermento na massa. Tem procurado aprender o caminho necessário do ecumenismo, o que de fato custa caro no âmbito católico. As iniciativas precisam de maior clareza. “É claro que ecumenismo é, antes de tudo, uma graça do Espírito Santo. É preciso rezar muito, ouvir muito, tentar compreender, mas precisa também competência, saber que luterano não é metodista [...]” (JÚNIOR, p. 5, 2004). As CEBs professam uma realidade diferenciada e possuem um núcleo fundamental. “Lutam para mudar o mundo e as igrejas. Cultivam uma espiritualidade libertadora a partir da Palavra de Deus” (BENINCÁ; ALMEIDA, 2006, p. 102).

Nos encontros Intereclesiais³⁰ é possível encontrar na história a força libertadora e atuante das CEBs. Com muitos desafios e ambigüidades, que o próprio momento da Igreja no Brasil passou no século XX, que a própria sociedade imprimiu através de uma cultura massiva, subjetivista e de cunho capitalista especulativo, elas sofreram para amadurecer e encontrar um caminho de equilíbrio. A tarefa foi delineada e ainda hoje as comunidades de

³⁰ Os intereclesiais são encontros que reúnem os representantes das CEBs de todo Brasil e além fronteiras. O primeiro encontro aconteceu em Vitória do Espírito Santo em 1975. O contexto era de conflitos sociais e políticos em meio à ditadura militar que predominava no Brasil. O tema: “Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus”. Percebe-se que no âmbito interno da igreja havia um forte debate eclesiológico devido às pujantes decisões que foram assumidas pelos bispos da América Latina depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín em 1968. Há teólogos que deixam claro o impulso renovador da Igreja no continente pós-concílio. “A interpretação libertadora do Concílio Vaticano II fez história na América Latina em termos de teologia, de estruturas de Igreja, de práticas pastorais” (LIBÂNIO, 2005, p. 84). E os intereclesiais continuaram seu caminho. O terceiro encontro, por exemplo, foi em João Pessoa/PB em 1978 e teve como tema: “Igreja, povo que se liberta”. No quinto em Canindé/CE no ano de 1983 o número de participantes aumentou significativamente: “[...] aproximadamente 500 pessoas, representando 134 dioceses de quase todos os estados do Brasil, também do México, Bolívia, Colômbia e Bélgica” (BENINCÁ; ALMEIDA, 2006, p.104). No ano de 2000 quando o Brasil celebrou os 500 anos do descobrimento, o intereclesial de Ilhéus marcou para sempre a espiritualidade libertadora de quem segue a vida das CEBs. Foram 27 povos indígenas representados e ainda pessoas de igrejas cristãs e de outras religiões. Os novos ventos de abertura que se seguiram após o Vaticano II, deram vitalidade às CEBs com a estrutura metodológica do ver-julgar-agir. Ela persiste no caminho dos intereclesiais que teve seu último encontro em Porto Velho em 2009. Apostando sempre na formação de novas ideias e novas comunidades e de uma eclesiologia mais próxima do povo e tocando em temas oportunos da sociedade como o meio ambiente e a vida no planeta.

base perseguem sua autonomia e sobrevivência. Marcelo Barros assim sintetizou essa busca: “Tenho a impressão de que hoje precisa ser refundado. Hoje, quem sabe, o melhor seja falar em *comunidade humana de base* ou em *comunidade ecumênica de base* e não apenas em Comunidade Eclesial de Base” (BENINCÁ; ALMEIDA, 2006, p. 107. Grifo do autor).

1.3.2.1 As CEBs e os contrastes com a Renovação Carismática Católica

As CEBs são oriundas do período pós-conciliar, marcado por crises e tensões sociais e religiosas na sociedade e no seio da Igreja Católica. Seu fundamento está na leitura da palavra de Deus e do compromisso sócio-político, colocando sempre em relevo a relação fé e vida. Já a Renovação Carismática Católica, que desde a sua origem entre a década de sessenta e setenta, no século XX, optou por um estilo mais de resgate do cristão em nível de devoção intimista e prática subjetiva da fé, foi alargando seu campo de atuação e com o tempo assumiu a política partidária através de seus membros.

Toda essa movimentação ou mudança de postura se deu a partir de interesses dentro da própria RCC e de um estágio evolutivo que ela passou entre as décadas de oitenta e noventa, do século XX, sobretudo em alguns estados do Brasil. “Hoje são milhões de carismáticos em todo o país e a ação política já é assumida, principalmente por inúmeras de suas lideranças, como objeto de reflexão” (MIRANDA, 1999, p. 14). Esses líderes sabem como articular “o religioso e o político”; por isso, em alguns lugares, a RCC se destacou como em Fortaleza, através do Shalom³¹ e da eleição do Paulo Mindello (MIRANDA, 1999, p. 97) para vereador na capital do Ceará em 1992, e logrando re-eleição em 1996.

Retomando a ideia do contraste, a própria história dos dois caminhos – CEBs e RCC – demonstra diferenças bem acentuadas. O Movimento carismático chegou ao Brasil, via classe média, cresceu na classe média e sua expansão em comunidades se dá em bairros de classe média, como no caso do Shalom em Fortaleza (MIRANDA, 1999, p. 35). Já as iniciativas das CEBs sempre se deram no âmbito mais popular.

Gestadas a partir de um contexto popular eclesial, as CEBs não devem ser apartadas do movimento que ajudou a criar a CELAM. As conferências de Medellín em 1968, na

³¹ É uma comunidade católica. Fundada por um leigo católico chamado Moisés o Shalom hoje possui atividades múltiplas na Igreja como a de comunicação através de rádios. Em Aracaju, capital de Sergipe, administra a Rádio Cultura há quase vinte anos. A emissora pertence à Arquidiocese de Aracaju.

Colômbia e Puebla em 1979, no México,³² deram-lhe vida, força e sobrevivência. Notadamente percebe-se aí, o grito contra a ditadura e a favor dos direitos humanos. Uma Igreja associada às lutas populares e que vai se tornando opositora de regimes políticos e porta-voz dos excluídos. No Brasil, é claro, vários católicos e bispos lutavam por reformas. Uma Igreja firme, contundente e profética. “Assim, a Igreja, como instituição, por meio da CNBB, às vésperas de abril de 1964, tomava posição a favor das reformas sociais” (SOUZA, 2004, p.5).

Essa postura não foi unânime, os contrastes eram evidentes e membros do episcopado, do clero e do povo católico se posicionaram a favor da ditadura. Momento de crise e instabilidade. Os perseguidos dos vários grupos sociais e partidos políticos, além de religiosos buscaram exílio fora do Brasil ou dentro de embaixadas de outros países. Luiz Alberto Gómez de Souza descreve o momento delicado:

Mas não podemos esquecer que outros católicos se mobilizaram em direção contrária. Em começos de 1964, depois de uma Cruzada do Rosário em família, liderada pelo sacerdote americano Pe. Peyton, surgiram as Marchas com Deus pela Família e pela Liberdade, com apoio de figuras importantes do episcopado e do clero, no combate ao que julgavam ser o perigo da subversão da ordem. No momento do golpe, a Igreja, no dizer de um autor, ficaria "na corda bamba" (SOUZA, 2004, p. 5-6).

Um antagonismo que acabou levando padres, leigos (as), religiosos (as), como no caso de Frei Betto, e os dominicanos aos porões da ditadura. Eram considerados adeptos do comunismo e deviam ser tratados com rigor. Época difícil em que as Ordens e Congregações religiosas sofriam por causa dos delatores do sistema e da opção que fizeram. D. Paulo E. Arns testemunhou muito desses fatos:

O padre sacramentino Hélio Soares do Amaral foi condenado a 1 ano e 8 meses de detenção, em São Paulo, tendo permanecido recolhido no Presídio Tiradentes, por ter proferido um sermão, considerado subversivo, na missa dominical de 7 de setembro, de 1969, em Altinópolis, no interior daquele Estado (ARNS, 1985, p. 151).

A Igreja, no entanto, tinha um objetivo, e era clara a sua opção pelos mais oprimidos. “O auge desse movimento deu-se entre o final dos anos setenta e início dos anos oitenta [...]” (PRANDI, 1998, p.98). O que se precisava era um lugar, um mecanismo para associar e refletir sobre a realidade. E ele veio. “O espelho das CEBS é a ditadura, cuja obra é

³² As Conferências Episcopais surgiram após o Vaticano II. No caso de Medellín e Puebla, a primeira uma cidade colombiana e a segunda mexicana, elas refletem à aproximação dos bispos do continente latino-americano que sentiram a necessidade de discutir, aprofundar e encontrar soluções para problemas comuns entre seus países, como: a miséria do povo, a violência provocada pela ditadura e etc.

identificada com a injustiça social, a falta de respeito aos direitos humanos, a censura, a perseguição política, a tortura, a prisão e a morte” (PRANDI, 1998, p. 98-99).

Já o Movimento Carismático apresenta características mais voltadas para a interiorização pessoal, ou seja, do sujeito e também da própria instituição³³. Baseada no sopro e na experiência que o fiel faz com o Espírito santo, a RCC prega um reencontro com Cristo através da doutrina eclesial. E quando os grupos de oração começaram a penetrar várias comunidades paroquiais no Brasil, os dois estilos perceberam-se de fato antagônicos e bem díspares.

A posição do Papa João Paulo II, apoiando a RCC e os outros movimentos eclesiais acabaram dificultando a vida das CEBs. O papa não mediu esforços para receber e exortar os carismáticos. Sempre em nome da obediência que é cara a todos aqueles que fazem parte do rebanho petrino, ele pede em Roma, no dia 23 de novembro de 1980, que os carismáticos sejam fiéis ao Vaticano II. “Daqui brotará a autêntica renovação da Igreja, que o Concílio Vaticano II desejou e que vós tratais de facilitar com a oração, o testemunho e o serviço” (JOÃO PAULO II, 1982, p. 28). O pontífice não economiza elogios e reconhece com louvor o papel e a importância da RCC:

O Papa Paulo descreveu o Movimento para a Renovação como ‘uma sorte para a Igreja e para o mundo’, e os seis anos que passaram desde aquele Congresso vieram confirmar a esperança que animava seu pensamento. A Igreja viu os frutos de vosso zelo pela oração num firme compromisso de santidade de vida e de amor à Palavra de Deus (JOÃO PAULO II, 1982, p. 30).

A restrição do Vaticano se fortaleceu na divisão da Arquidiocese de São Paulo, que tinha a frente o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns um dos maiores expoentes na América Latina da luta contra a ditadura e adepto incontestado da Teologia da Libertação. Outro fator, foi a retomada de muitos padres de comunidades, que antes os leigos (as) cuidavam, motivando o engajamento social. No olhar dos sociólogos, foi uma forma de readequar os caminhos da Igreja no Brasil. Talvez, frear o ímpeto inovador das CEBs. E Prandi é deveras taxativo nesse item: “A reparaquialização, que consiste basicamente na criação de novas paróquias, propiciando maior presença dos padres nas comunidades de base, significou uma verdadeira

³³Esse traço da RCC foi localizado num momento histórico definido. Interiorizar os elementos que capacitam o amadurecimento da fé continua. Só que suas lideranças descobriram através da política partidária que é possível realizar uma disputa no seio da Igreja. Na “[...] concepção particular da política e da religião [...]” vivida pelas CEBs, encontramos um “[...] excelente contraponto para a análise da RCC” (MIRANDA, 1999, p. 36).

adequação da pastoral popular ao catolicismo institucional e tradicional” (PRANDI, 1998, p. 115).

Na sedimentação dessas opções pastorais, começam a aparecer divergências e conflitos. Há momentos em que se nota a disputa pelos espaços e pelas linhas de atuação. O caminho das CEBs se projeta sobre um novo estilo de sociedade, e os desafios culturais marcados pela subjetividade e pela forte onda de consumo. Uma nova ou pelo menos necessária mentalidade mística, de revisão e aprimoramento sócio-eclesial, surge no caminho dos adeptos das Comunidades de Base. Enquanto isso cresce por todo o Brasil os grupos carismáticos de oração nas paróquias e dioceses. Os números sempre apontam para o crescimento, e vai delineando a cada década os rumos da RCC: “[...] em 1976, a RCC registrava mais de 200 grupos de oração em todo o Brasil [...]” (CARRANZA, 2000, p. 40). A tendência é de fortalecimento da estrutura e de um carisma que se aproxima muito da institucionalização eclesial. Todo esse aparato garantirá suporte a RCC e levará a disputas no campo religioso católico.

Os contrastes começaram a despontar com força e logo se apresentaram na análise de conjuntura ou de situação de pertença identitária à Igreja Católica. No âmbito da RCC, costuma-se dizer algo contrário ao perfil das Comunidades de Base num tom radical: “Questiona-se, afinal, se os pobres teriam sido capazes de fazer sua opção preferencial pela Igreja popular, da mesma forma como a Igreja popular fez no passado recente, a sua opção preferencial pelos pobres” (PRANDI, 1998, p. 116) E no âmbito das CEBs em tom de resposta se acentua: “Os adeptos da Teologia da Libertação não escondem seu ‘receio’ da espiritualidade carismática, ou seja, o risco de se tornar ‘alienados’ ou mesmo de ser vistos como tal” (PRANDI, 1998, p. 114). Em suma, parece que se buscava uma nova via e ela foi se delineando aos poucos com a insistência de se fugir do radicalismo histórico. Também o desejo de querer unificar demais as experiências eclesiais fez com que muitos e muitas se sentissem sem espaço nas comunidades eclesiais. Enfim, busca-se uma espiritualidade libertadora. Estar atento para as mudanças que ocorrem na sociedade pluralista atual e que cobra uma posição mais madura, é de fundamental importância. Não se trata de adequar-se ou perder a identidade constitutiva das CEBs, mas enxergar a realidade e julgá-la a partir de uma nova ótica. Benincá e Almeida afirmam:

O que articulava as CEBs antes de 1989, agora não articula mais. Uma lição que temos aprendido ultimamente é que precisamos suspeitar das opções que

parecem únicas e absolutas porque eles podem terminar decepcionando (BENINCÁ; ALMEIDA, 2006, p. 110).

O caminho da mística e da espiritualidade libertadora começa a entrar de novo no universo teórico dos que pensam a realidade das CEBs e também – o que é de uma importância incomensurável – na vida cotidiana dos que movimentam as CEBs em suas comunidades pelo Brasil afora. Sente-se a necessidade de deixar-se mover pelo Espírito. Encarnar-se na realidade com uma mística profunda de libertação, para se evitar equívocos desnecessários de choques e atropelos; eles virão, mas como consequência da opção preferencial pelos pobres a partir do evangelho de Jesus. Os mesmos autores Benincá e Almeida confirmam,

...as cebs continuam a sua trajetória sobre os trilhos solidificados da esperança cristã. Caminham na direção oposta à da sociedade capitalista e excludente, já que sua utopia fundamental é a da inclusão libertadora e seu principal combustível a espiritualidade transformadora (BENINCÁ; ALMEIDA, 2006, p. 133-134).

A base dos contrastes agora está num jogo de forças pela manutenção da identidade própria de cada movimento ou expressão de Igreja. Não existe mais lugar para experiências amadoras. A dimensão religiosa do ser humano atual não comporta mais improvisado. Como o tempo urge, até mesmo no caminho espiritual, se faz necessário planejar, expor, ser criativo e saber dialogar com o diferente. Não é a proposta espiritual mais antiga ou com maior número de adeptos que garante o sucesso, e sim uma forte coerência que identifique a prática dos que crêem no movimento que seguem. O catolicismo sempre foi soberano em terras brasileiras. A Igreja Católica chegou aqui com o descobrimento. “Uma das instituições fundamentais da América Portuguesa. Para compreender seu papel, é preciso levar em conta o lugar da religião nas sociedades do Antigo Regime [...]” (VAINFAS, 2000, p. 292). Mais na atualidade não é mais hegemônico. Ela possui forte presença no Brasil e está arraigada na cultura religiosa. Contribuiu para formar uma identidade religiosa no povo brasileiro. O catolicismo e outras expressões – como as religiões afro-brasileiras – deram um tom, uma marca religiosa a nação. Num momento – referência a meados do século XX – em que a própria sociedade brasileira se consolida a partir de modalidades e práticas religiosas diversas, não podemos deixar de enfatizar os caminhos identitários que formam e alicerçam o conjunto da sociedade.

A proposta de análise do trabalho foi delinear nesse capítulo *a identidade do catolicismo brasileiro a partir da segunda metade do século XX, mais propenso a experiências religiosas pessoais, contrapondo-se ao catolicismo institucional, e*

excessivamente hierárquico. Por isso, a RCC entrou no séc. XXI, apostando fortemente numa via evangelizadora através dos meios de comunicação, o que lhe garantirá maior autonomia no universo católico. Como veremos, no capítulo segundo, a RCC vai dando corpo a uma modalidade de prática religiosa, que vai escapando da territorialização paroquial sob o domínio dos sacerdotes, para se consolidar nas Novas Comunidades de Vida e de Aliança, caminho para muitos fiéis que procuram uma vida espiritual sólida e despojada dos bens materiais.

2. AS PROPOSTAS E OS DESAFIOS DA RCC NO FINAL DO SÉC. XX

A RCC está passando por um momento de provocação dentro e fora do catolicismo brasileiro. Muitas interrogações e conjecturas foram lançadas sobre os “*born again*”, ou simplesmente, renascidos” (HEBRÁRD, 1992, p. 15), no exterior e no Brasil. Desconfianças sérias, que nesse capítulo serão abordadas, partindo de teólogos renomados até membros do clero. Mas, a questão é que a RCC foi tomando conta do século XX, e já adentrou pelo sec. seguinte. Para Clodovis Boff, sua irrupção pode ser considerada um fenômeno e não vai, pelo que parece, passar tão depressa:

Pelas proporções mundiais que atingiu (e com uma velocidade impressionante) e mais ainda por sua duração (cobre todo o nosso século, prolongando-se para dentro do próximo), esse fenômeno não parece apenas um ‘surto’ passageiro ou conjuntural, mas um ‘fenômeno orgânico’ ou estrutural (BOFF, 2000, p. 39).

Como um Movimento que defende a ação do Espírito Santo na vida das pessoas e da Igreja, a RCC vai assumindo aos poucos uma estrutura institucional, para sobreviver como organização. Sem quebrar a força motivadora do sujeito em suas atividades, ela, a RCC, bem como outros movimentos da Igreja, parece que “[...] não sobrevivem sem apoio e benção da instituição” (BENEDETTI, 2009, p. 18). Defensora dos valores próprios do catolicismo – como a fé na eucaristia e em Nossa Senhora – (BOFF, 2000, p.44) – ela assume conscientemente e prega de maneira contundente que o Espírito Santo nunca se ausentou do seio da Igreja. É uma assertiva que colabora na maturação do Movimento, e ao mesmo tempo, ajuda-o a encontrar de forma definitiva seu espaço dentro do catolicismo. Monique Hébrard pontua sobre o papel do Movimento e ressalta a credibilidade da RCC:

Ter-se-ia o Espírito Santo escondido durante vinte séculos para reaparecer em 1967? Não, certamente! Além de assistir à Igreja de modo discreto, mas constante, o Espírito Santo manifesta-Se igualmente de maneira mais visível, ao longo de toda história, em pessoas ou em grupos. Não falava Francisco de Assis aos pássaros e ao lobo de Gubbio? (HÉBRARD, 1992, p. 10).

A retomada da ação atribuída ao Espírito Santo dominou a vida eclesial no contexto posterior ao Concílio Vaticano II. Alguns reagiram contra esse espírito inovador, e outros de forma favorável (LIBÂNIO, 2005, p. 71-72). O próprio Cardeal J. Ratzinger, hoje papa Bento XVI, analisa o fato de modo ambíguo quando escreve o seguinte: “Os resultados que se seguiram ao Concílio parecem cruelmente opostos às expectativas de todos [...]” (RATZINGER, apud, LIBÂNIO, 2002, p. 34). Incertezas? Não se pode definir assim, porque no pós-Concílio, “[...] os *novos movimentos* apresentam-se como verdadeiro Pentecostes para

a Igreja.” (LIBÂNIO, 2002, p. 34. Grifo do autor). Por certo, o que existe são fortes posturas de rejeição, na atualidade, às perspectivas puramente institucionais. O catolicismo se encontra perplexo, na tentativa de encontrar uma direção, desde o final do século XX. Acostumado a normatizar, já “[...] não consegue controlar mais seus membros e tenta desesperadamente impor sua visão de mundo [...]” (BENEDETTI, 2009 p. 17), entrando em choque com o processo de forte liberdade que o contexto sociocultural faz emergir na atualidade.

O que se descortina na atualidade é o arrefecimento do monopólio de uma religião – no caso do catolicismo – e ao mesmo tempo um paradoxal aumento de fervor entre os fiéis que aderem ao movimento carismático (MARIZ, 2006, p. 55). Ou seja, a RCC e outros movimentos de cunho espiritualista acolhem o fiel e conseguem influenciar diretamente em suas vidas. A preocupação que se dava outrora aos dogmas estabelecidos vai tomando outra direção e, nesse, caso, se aposta na felicidade imediata, na cura dos males, na conversão através da oração e na prática de devoções piedosas. O contexto religioso e sobremaneira o católico é desafiante. “Num mundo marcado pelo pluralismo, fundado em escolhas pessoais e estas caracterizadas pela busca da felicidade imediata, torna-se difícil, senão impossível, chegar a um ponto de convergência comum” (BENEDETTI, 2009, p. 17-18). E, parece que a seu modo, a RCC fez essa leitura e está pontuando caminhos e propostas para um possível diálogo da própria Igreja com a modernidade, ou com o que dela restou e com a chamada pós-modernidade.

Os caminhos religiosos oficiais sofrem sérias alterações. Existem práticas diversificadas e antagônicas até no discurso da hierarquia católica (MARIZ, 2006, p. 56). Há uma grande rigidez de um lado. O diálogo dentro da instituição católica e de dentro dela para fora parece pouco e se estabelece um clima quase que de “vigilância ostensiva”. “Os teólogos ‘aparecem’ esporadicamente quando são vigiados, censurados e ‘notificados’. Sua voz ecoa e tem significação fora da Igreja, mais do que dentro dela” (BENEDETTI, 2009, p. 20). Há muitos teólogos que continuam se queixando de uma “indisposição” da Igreja, no que tange a sua hierarquia de dialogar com destemor. A intransigência é uma nota clara do sistema eclesiástico a nível romano e nas próprias dioceses (COMBLIN, 2005, p. 65). Se existe um recuo histórico, até mesmo na execução pastoral do Concílio Vaticano II, é porque sobram receios e entraves. Por isso, o momento histórico é delicado. Luiz R. Benedetti se expressa assim:

Tomando em conta os últimos quarenta anos da história da Igreja Católica (e, por extensão das igrejas cristãs em geral) os grandes “sonhos” e

aspirações concretizadas, ainda que de maneira limitada – o ecumenismo, a luta conjunta pela justiça e pela paz – foram esquecidos em favor dos interesses internos aos grupos eclesiais. No caso católico, seus portadores foram absorvidos ou silenciados. Os quadros intelectuais de referência da Igreja Católica, onde estão? Onde está o pensamento teológico que abre fronteiras e insere o magistério oficial no cotidiano da história? (BENEDETTI, 2009, p. 19).

O surgimento dos movimentos eclesiais, após tanto reboiço, denota um caminho alvissareiro e também preocupante para o próprio catolicismo. Sobre sua própria sobrevivência, seria presunçoso querer vaticinar tempos de esfacelamento pela frente, mas, não é impossível enxergar que a procura religiosa se afastou cada vez mais das grandes tradições históricas. E, se por outro lado, renasce a busca por experiências mais intensas de religiosidade, é porque a individualidade e a atração pessoal pelo mistério e até por milagres, tem se constituído na maneira mais exposta de se viver a própria fé.

Na verdade, o contexto que já vem se desenhando desde a Revolução Cultural,³⁴ e passando pelo Vaticano II, até os dias atuais, é que, na aproximação irreversível entre os traços antropológicos de uma nova ordem cultural e a procura exacerbada por sinais religiosos, nem a antropologia teológica,³⁵ nem a sociologia das religiões, além de outras áreas do conhecimento, conseguem dar uma resposta cabal. O tempo parece, agora, ser o de encarar a pluralidade sem fronteiras e aceitar dentro dos muros católicos a ambivalência de caminhos espirituais que sempre lhe caracterizou. É assim que analisa Pedro Rubens Oliveira numa ótica bem criteriosa e diversificada: “Esse cenário religioso cheio de ambigüidades, por sua vez, representa, igualmente, certo dinamismo das Igrejas e, por mais confuso que seja, apresenta traços das dimensões essenciais da fé” (OLIVEIRA, 2008, p. 31).

2.1 Catolicismo e “Catolicismos³⁶”: qual o chão da RCC?

O catolicismo é uma religião bem codificada no seu campo doutrinal. O traço institucional predomina tendo em vista o papel que a hierarquia representada pelos bispos

³⁴ Considerado o acontecimento mais significativo do século XX que atingiu várias áreas da sociedade, ultrapassando barreiras étnicas, sociais, culturais, religiosas e políticas.

³⁵ Disciplina do curso de teologia que trabalha a dimensão do ser humano dentro da obra da criação.

³⁶ Na diversidade religiosa que o campo brasileiro apresenta, a expressão foi pensada para designar o traço plural que permeia as religiões, inclusive o catolicismo. Catolicismo institucional, popular, de cebs, catolicismo carismático. Neste por exemplo, tem “[...] grupos de oração, reuniões de louvor, missas e até candidatura carismática ao parlamento” (MIRANDA, 1999, p. 39). Também se refere aos “paradoxos e tensões” dentro da própria Igreja católica, como expressa René Luneau: “Talvez tivesse havido um tempo em que, segundo o adágio, todos os caminhos levavam a Roma. É forçoso reconhecer que isso já não corresponde à realidade e não voltará a acontecer na medida em que, no decorrer das últimas décadas, o mapa-múndi se ampliou e se diversificou” (LUNEAU, 1999, p. 23).

assume. “Os Bispos que, por divina instituição, sucedem aos Apóstolos, são constituídos, pelo Espírito Santo que lhes foi conferido, Pastores na Igreja, a fim de serem também eles mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado e ministros do governo” (CDC, 1987, Cân. 375). Muitas vezes, pela concepção “Igreja”, o catolicismo se entende como o lugar do pleno acontecimento salvífico de Cristo. Claro, que algumas afirmações criam animosidades com outras Igrejas cristãs. Mas os documentos na sua oficialidade são muitos e registram essa hegemonia. “Essa Igreja, constituída e organizada neste mundo como sociedade, subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele” (CDC, 1987, Cân. 204).

Dá-se a impressão de que a religião e a tradição manterão de novo o domínio sobre a sociedade. Sobretudo no que tange ao catolicismo. Talvez um olhar superficial sobre a realidade fosse capaz de encobrir a disputa entre a modernidade e os ditames da tradição. Mais elas existem e em um dos seus aspectos, a modernidade apregoou que superaria as “sociedades tradicionais que viviam sob a égide de suas crenças” (LÉGER, 2008, p. 32). O elemento para tal superação é a racionalidade. Ela representou o aporte do progresso e da sucessiva independência com relação à religião. Esse argumento mobilizou praticamente todo o séc. XIX e quase todo o séc. XX e, por mais que se discuta ele continua em aberto. Léger esclarece:

Por outro lado, não se pode minimizar o contraste fundamental que existe entre uma sociedade regida pela tradição, na qual se impõe a todos, do exterior, um código geral de sentido, e uma sociedade que coloca no próprio ser humano o poder de fundar a história, a verdade, a lei e o sentido de seus próprios atos (LÉGER, 2008, p. 32).

Esse alcance bem paradoxal serviu para que no desenrolar do Vaticano II e logo depois de sua conclusão se pudesse frear “uma suposta” aproximação da Igreja perante as ideias modernas. Ora, essa pauta de discordâncias gerou animosidade e fechamento. Pois, dentro e fora do catolicismo, há divergências quanto aos caminhos percorridos por ele nos últimos cinquenta anos – distinguimos assim em função do Vaticano II – tanto no mundo, como no Brasil. “O catolicismo é uma religião que luta por uma hegemonia ideológica: sua proposta é oferecer uma verdade que abarque todas as esferas da sociedade” (THEIJE, 2004, p. 38). E, sobretudo quando se salienta o pontificado de João Paulo II, as restrições dadas ao Vaticano II são visíveis, com destaque especial à questão do ecumenismo e também à relação do catolicismo com a modernidade.

[...] “embora João Paulo II, afirme que ‘o empenho ecumênico constitui uma das prioridades pastorais’ de seu pontificado (Ut Unum Sint, 99), as orientações que ele privilegia alimentam, incontestavelmente, uma certa crise do ecumenismo, uma crise que está relacionada com o debate interno que abala o mundo católico em volta da aplicação das perspectivas do Concílio Vaticano II (WILLAIME, 1999, p. 172-173).

O catolicismo assumindo posturas dogmáticas confirma seu papel na história e cria em muitos casos divergências acentuadas com outras denominações. Ao analisar seu caminho histórico, pode-se perceber como na origem, por volta do séc. II existia uma concepção piramidal na vida da Igreja. Uma religião com funções definidas por parte do clero, e que, mesmo assim, sempre despertou polêmicas e paradoxos. O intuito nesse contexto é o de mostrar como esse catolicismo, querido por alguns como *homogêneo*, tem-se acentuado e muito como *heterogêneo*, o que dá lugar para movimentos de cunho espiritual, intimista e também catalizador de fiéis, se firmarem com uma opção dentre das várias opções que ele próprio oferece, sobretudo na pluralidade religiosa que se vive na atualidade.

Delineado e bem alicerçado pelos traços fundamentais da Igreja de ser “santa” e “católica” e também “una” e apostólica”, o catolicismo romano sabe que não está sozinho. Seu traço corresponde a mais um em meio a tantos, apesar de querer ser único. Seus artigos de fé, compõem, fornecem a base para uma compreensão ampla da Igreja Romana. E essa postura de ensinar e confirmar sua doutrina demonstra de sua parte uma preocupação em defender o “*sensus fidei*”³⁷ que acabou consolidando sua força histórica..

A Igreja Católica sempre foi configurada pela doutrina construída pelos apóstolos e pelos seus sucessores – os bispos – durante vários concílios durante a história e pela supremacia do papado, pelo menos até a decadência do período medieval³⁸. Disputas curiais, sucessão de papas ímprobos e incompetência no governo espiritual, no mundo de então, levaram a Igreja a uma “segunda ruptura” tão grave quanto o cisma com os Orientais, que durou cerca de quatro décadas (KUNG, 2002, p. 151). Mediante esse contexto, a hegemonia espiritual e temporal dos papas foi abalada em definitivo e com ela algumas rachaduras no seio do próprio catolicismo. “No fim da Idade Média, o papado romano foi perdendo cada vez mais a liderança religiosa e moral e se tornando o primeiro grande poder financeiro da Europa” (KUNG, 2002, p. 149).

³⁷ Significa o senso da fé, que é defendido pelo Magistério da Igreja, formado pelo Papa e pelos bispos.

³⁸ Na história da Igreja Católica, esse período começa em 476 com a queda do Império Romano e vai até o ano de 1453 com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos. Nele, a supremacia da Igreja foi quase total. A cultura de cristandade é que colocava as regras para a composição da sociedade.

Na história do Ocidente o catolicismo sempre foi tido como hegemônico até a Reforma Protestante. Ela foi capaz de abalar as estruturas do pontificado, começando por Leão XIII (1513-1521), e deu uma nova fisionomia à sociedade europeia que passou a ler na bíblia traduzida por Lutero, um caminho indubitável de salvação. O que antes só os papas definiam, agora, o alemão, proveniente da ordem agostiniana, passou a ensinar de maneira diferente, afirmando com dois elementos de sua doutrina – *sola scriptura*³⁹ e *sola fidei*⁴⁰ – que o ser humano não precisa de intermediação para “conversar com Deus”.

A religião deixou de ser um monopólio arraigado na palavra dos bispos e padres. Com o fortalecimento da Reforma Protestante e com o advento posterior do iluminismo, as categorias religiosas sofreram um desgaste ainda mais acentuado, e na Revolução Francesa (1789) elas foram substituídas pelo conjunto da sociedade. O domínio agora passou a ser da razão. A própria história se encarregou de esclarecer essa transição e Hans Kung preconiza assim: “Que mudança! No paradigma católico-romano medieval, a autoridade suprema era o papa e, na Reforma, a ‘Palavra de Deus’; mas no paradigma moderno é a *ratio, raison*. A razão humana é o principal valor da modernidade” (KUNG, 2002, p. 186-87. Grifo do autor). O homem autosuficiente em suas decisões escolheu outra forma de solucionar os problemas que lhe angustiavam; dispensou a religião tutora da humanidade até então, colocando em xeque seu poder dominador.

No auge da modernidade, o catolicismo continuou sendo comandado ou direcionado pelo clero, ou seja, pela hierarquia sacerdotal e episcopal de seus membros. Considerados os defensores da *ortodoxia*,⁴¹ bispos e padres sempre ocuparam função de destaque e decisão, na condução da religião fundada aos pés dos apóstolos Pedro e Paulo. Esse domínio absoluto fez do povo, durante muito tempo, apenas ouvinte e cumpridor dos ditames proclamados pelo clero. Mas a realidade nem sempre foi assim.

A concepção de um catolicismo absoluto nem dentro dos próprios muros da Igreja foi algo soberano. A imutabilidade e a ausência de contrastes nem de longe foi à marca definitiva do catolicismo no mundo. Para coadunar suas diretrizes com a realidade da sociedade, a Igreja teve que fazer concessões. As práticas religiosas oriundas dos fiéis nem sempre levaram em

³⁹ Expressão proveniente do latim que significa “só a escritura” enquanto palavra de Deus tem o poder de salvar.

⁴⁰ Também provém do latim e significa “só a fé” basta para crer em Jesus Cristo e alcançar a justificação.

⁴¹ Formada do prefixo “*doxa*”, que significa doutrina correta. A Igreja Católica ensina que doutrina é tudo aquilo que os bispos em união com o papa definem como matéria de fé. “O Magistério da Igreja empenha plenamente a autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, isto é, quando, utilizando uma forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, propõe verdades contidas na Revelação divina que com estas têm uma conexão necessária” (CIC, 1993, 88).

conta os reclames do clero. Por isso, muitas vezes se percebe o aceno de contrastes e fortes disputas pelo poder religioso. Em contrapartida, o caminho espiritual dos fiéis destoa das formas institucionais da religião e, quando o assunto em voga é o catolicismo brasileiro, logo aparecem situações de forte ambivalência. A pesquisa de Cecília Loreto Mariz demarca com profundidade a força dessa diversidade:

Com efeito, o catolicismo mundial, e da mesma forma o brasileiro, foi sempre marcado pelas discordâncias e autonomia das suas práticas e crenças populares em relação a Roma. Inclusive, a diversidade é considerada, como já mostrou em seus vários trabalhos Pierre Sanchis (2001), constitutiva do próprio universo católico (MARIZ, 2006, p. 57).

Essa configuração do catolicismo nos interessa nesse capítulo porque mostra como a RCC está vinculada a esse processo de disputa plural. E, como o Movimento está sendo analisado desde sua origem até a sua capilaridade, como fenômeno religioso no Brasil do século XX, fica nítido que a RCC encontrou-se dentro do catolicismo. Nela existem matizes diferentes e mudanças acentuadas de posição e discurso. Cecília Loreto Mariz descreve com muita propriedade:

A diversidade interna do Movimento de Renovação Carismática já foi mostrada por diversos autores (ver Machado, 1996; Maués, 1998, Carranza, 2000; Steil, 2004; Souza, 2001; Theije, 2002; Martins, 2004, entre outros). Por mais que a liderança do movimento tente ao máximo homogeneizá-los, os grupos de oração da RCC, e até mesmo as lideranças clericais, podem ser bastante distintos entre si (MARIZ, 2006, p. 59).

Na verdade, podemos depreender que há muito tempo, existe uma real disputa de espaço e autonomia. Ela não é nova na Igreja e Comblin chega a apontá-la como crucial. No âmbito que concerne à relação entre o clero e os leigos sempre houve tensão, sobretudo, ou em face do poder clerical que se sobressai. Desse modo, uma visão do antes e depois do Concílio Vaticano II endossa a discussão. “A promoção teórica dos leigos encontrou na prática bastante oposição na hierarquia, até que João Paulo II conseguiu restaurar quase por completo a imagem tradicional do bispo [...]” (COMBLIN, 2005, p. 58). Esse caráter “ameaçador” não contrasta com as demais questões que Comblin destaca como essenciais: missionariedade, espaço para debate teológico, impulso na catequese e na relação com outros credos. Esse desempenho de aproximação religiosa passa pelo leigo devido sua presença em campos como o da cultura, da política e outros. “Não são cristãos de segunda categoria, pois todos são chamados à mesma santidade, todos têm vocação missionária. Todos os cristãos são iguais, embora haja diversidade de ministérios entre eles” (COMBLIN, 2005, p. 57).

Essa disputa, em forma de contraste, faz com que o campo religioso brasileiro sofra com profundas mudanças. Na atualidade ela delinea bem a realidade religiosa no país – “mudança”. Existem diversas denominações religiosas com traços bem similares e contundentes. “Existem várias versões oficiais e populares das diferentes religiões. O catolicismo não se destaca por isso, se for visto como uma religião. No entanto, o que chama atenção no catolicismo é o grau de diversidade dentro de uma única Igreja [...]” (MARIZ, 2006, p. 57). Mudança, tensão, desregulação, são traços tão visíveis e constatáveis que se pode afirmar na linha dessa pesquisa a força e a presença no Brasil não do catolicismo, tão somente oficial ou hierárquico delineado de maneira homogênea; mas de “catolicismos”, maneiras diversificadas de tornar a religião com reflexos de intensidade numa sociedade plural.

2.1.1 A proposta de “Catolicismo” na ótica da RCC

A perspectiva do catolicismo, enquanto instituição, é salvaguardar sua doutrina, colocada sob a égide do “Romano Pontífice e do Colégio dos Bispos” (CIC, 1987, Cân. 749) que zela pelos seus dogmas e orientações. O reconhecimento de uma intensa pluralidade dentro dele se dá no campo da pesquisa religiosa a qual destaca as várias nuances de pertença em um só “caminho religioso”. Quando se enfoca a predominância da RCC no catolicismo brasileiro, é porque, como movimento de traço emotivo, ele sempre tentou colocar ou recolocar a Igreja na tarefa de defensora e protetora da verdade cristã perante a sociedade. Fica nítido que nesse propósito a RCC aposta numa “[...] campanha⁴² para transformar o catolicismo brasileiro e até mesmo a sociedade e a cultura brasileiras” (THEIJE, 2004, p. 38-39).

Na ótica de um catolicismo bem intimista e com traços de individualização, os seguidores da RCC se associam àqueles que almejam maior participação no mundo católico e com forte penetração nas dioceses do Brasil, além de outros meios, visibilizam a força de suas atividades e dão chance para o catolicismo se revitalizar. Pode ser na comunidade “paroquial” ou em núcleos próprios de formação como os das Novas Comunidades – que destacaremos adiante – o que se constata é que “[...] sua presença na maioria das paróquias brasileiras somente passou a ser notada a partir da segunda metade dos anos mil novecentos e oitenta” (THEIJE, 2004, p.39), e, com um “clima sócio-cultural e religioso de revalorização do corpo,

⁴² No pensamento da autora, campanha indica aqui um processo de afirmação ou, digamos, hegemônico, que a Igreja utiliza para impor sua doutrina.

qualidade de vida, publicidade de formas alternativas de experiências religiosas [...]” (CARRANZA, 2009, p. 38), a RCC não parou de crescer mais e adentrou nos anos noventa como a grande alternativa de propiciar ao católico o retorno às origens.

Sua proposta e mais do que isso, seu universo de alcance, enquanto membros da Igreja católica, revelam que os carismáticos têm em mente e na ação, o mapa dos caminhos pelos quais devem fazer crescer a força do Movimento, partindo de pequenos grupos de oração até padres midiáticos. Na afirmação, com propriedade, de Péricles Andrade, encontra-se a força dessa diversificação:

A recepção ao padre Marcelo revela a dinâmica do campo católico brasileiro. Elas remetem às disputas entre os segmentos eclesiais pela definição do sacerdote. Dessa forma, as opiniões favoráveis ou divergentes relativas ao Padre Marcelo Rossi estão relacionadas à concorrência entre diferentes estilos sacerdotais (ANDRADE, 2011, p. 84).

A diversificação tende a se acentuar dentro da cosmovisão de uma mesma Igreja. Tudo isso, porque o fato de colocar o catolicismo na mídia, dá a Marcelo Rossi e a outros padres muita visibilidade e um lugar de relevo na vida do povo católico, sobretudo dos que aspiram fazer da RCC seu “lugar de fé”, ou já estão dentro dela, vivendo seu catolicismo. A constatação é múltipla sobre a questão: “O trabalho do Pe. Marcelo Rossi parece ter tido importância especial no aumento da visibilidade dessa transformação na forma de viver o catolicismo” (THEIJE, 2004, p. 42).

Na ótica da RCC, o caráter decisivo do catolicismo é o de arrebanhar multidões, propiciando um encontro pessoal com Jesus Cristo. Não se pode negar na experiência do Brasil, que a RCC dá destaque a “experiências subjetivas” dentro do espectro católico. Isso reforça a importância do Movimento, e o leigo carismático desbrava até com restrição do padre, caminhos de orientação; ele conhece e até estuda os documentos da Igreja. Observa-se em um dos depoimentos do questionário:

Pela sua maturidade em idade e documentos correspondentes era para a igreja em relação a RCC ser menos desconfiada, mas infelizmente alguns padres não tem conhecimento do que a Igreja diz em relação ao movimento e ficamos na dependência de sua aprovação (AOE).

O traço subjetivo, que caracteriza o ser humano moderno, é assumido, em parte, pela RCC que faz do mesmo uma proposta convincente de volta ao mundo da religião e também uma porta de diálogo indiscutível com a sociedade moderna. Esse é um elemento que a RCC sabe usar muito bem. Ajuda a própria Igreja católica a conviver com o pluralismo e suas teias:

autonomia, liberdade, poder de decisão nos momentos em que desempenha tarefas eclesiais ou na expressão de Léger, ostenta um caráter de “desinstitucionalização religiosa” (LÉGER, 2008). Ela se insere numa perspectiva de consolidação e já é aceita em vários ambientes católicos. Consegue imprimir sua marca como Movimento religioso que arrebanha os fiéis. “O sentido, a dinâmica, a permanência e as perspectivas futuras da RCC não são ainda claras. Ao mesmo tempo, já é amplamente aceito que a onda pentecostal que surpreendeu a Igreja Católica no pós-concílio não é um modismo passageiro” (VALLE, 2010, p. 97). Ela tem sua “maneira autônoma e expressiva” de portar o catolicismo (OLIVEIRA, 2008, p. 31). E na atualidade, quando se convive diretamente em meio as religiões com a questão plural o sujeito vai aprendendo a derivar suas escolhas. Nessa direção Cecília Loreto Mariz esclarece:

A cosmovisão moderna contemporânea é em si plural. A modernidade valoriza o pluralismo à medida que esse é interpretado como resultado, não apenas do respeito à liberdade de escolha e à autonomia do sujeito, mas também fruto da troca mais intensa entre culturas distintas que ocorre num mundo global (MARIZ, 2006, p. 59-60).

No contexto da diversidade, a RCC alicerça com a benevolência de muitos os seus trabalhos dentro do catolicismo. Muitos teólogos afirmam que se trata de “uma manifestação que afeta toda a Igreja” (VALLE, 2004, p. 97). Elaborar seus projetos, assumir caminhos religiosos. “Poderíamos resumir os efeitos da RCC com estas duas palavras: *experiência e pertença*: experiência espiritual e pertença comunitária” (BOFF, 2000, p. 43. Grifo do autor). Possui credibilidade perante o Magistério da Igreja. Com a força de um Movimento intimista, ela passou do século XX e entrou no século XXI, sobretudo no Brasil, portando a necessidade de desafiar e ser desafiada e encontra guarida nas várias instâncias da cosmovisão católica. “A Renovação parece mesmo que veio para ficar, por isso, seria inútil reprimi-la” (BOFF, 2000, p. 39).

Torna-se considerável nesse caso, expor com largueza o que pensa o Magistério oficial da Igreja sobre essa tipificação do catolicismo. Mesmo que se encontrem posições que destoem, o contexto geral aponta para uma aprovação sem medidas. Os papas posteriores ao Concílio Vaticano II deram ênfase constante ao poder da RCC na vida da Igreja católica. Em meio a tantos movimentos que se fortaleceram com a abertura conciliar, como o Cursinho de Cristandade, o Movimento dos Focolares, a Comunhão e Libertação e tantos outros, a RCC logrou aprovação imediata. “Não se pode subestimar a importância que tem a aprovação do Magistério para um movimento dentro da Igreja católica. No que se refere à RCC esta aprovação chegou cedo, foi maciça e partiu das mais altas esferas” (BOFF, 2000, p. 39).

Nos pronunciamentos dos papas fica confirmada tamanha aprovação ao Movimento Carismático. Na história da Igreja recente, é significativa a atenção que ganhou a RCC. “Treze anos após seu surgimento (até 1979) já se podia recolher 3 volumes de documentos do magistério, todos fundamentalmente favoráveis ao movimento” (BOFF, 2000, p. 39). Sua expansão e seu dinamismo foram apontados como obra grandiosa da ação de Deus. Mesmo o papa que levou a cabo o Vaticano II – Paulo VI – conhecido pela sua prudência e serenidade ao se pronunciar tratou de confirmar a égide evangelizadora da RCC no ano de 1973. “[...] recebendo em Grottaferrata os líderes do movimento, em sua primeira Conferência Internacional, afirmou ver nesse movimento a “obra misteriosa do Espírito” (PAULO VI, apud BOFF, 2000, p. 39).

Também no pontificado de João Paulo II os carismáticos tiveram a oportunidade de espalhar sua espiritualidade com entusiasmo. Os tempos de um catolicismo voltado para a questão da quantidade de fiéis ganhou notoriedade. A RCC soube como ampliar a capacidade numérica dos católicos. “O fenômeno da RCC se impõe à atenção já por sua extensão: é um fenômeno mundial; e também pelo número” (BOFF, 2000, p. 39). Assim, o sonho de uma renovação de toda a Igreja foi se consolidando. Já na década de 1980, no início do seu pontificado, João Paulo II abençoava a RCC e alargava sua inserção para o campo de toda sociedade secular. Segundo João Paulo – numa conferência internacional para líderes – a RCC era “[...] como uma *sorte* para a Igreja e para o mundo [...]” (JOÃO PAULO II, 1982, p. 30. Grifo do autor). Estava garantida a consolidação da RCC. Mas é claro que dentro desse catolicismo tão plural, vozes contrárias também ecoariam sobre a pertinência ou não dessa espiritualidade.

Nesse caso, seria interessante ressaltar a plêiade de teólogos que no Brasil se colocaram de forma reticente ao movimento. Alguns, de início, foram taxativos em criticar a euforia carismática no seu nascedouro. O próprio episcopado aponta limites no Movimento que Clodovis Boff descreve assim: “A RCC pena em se inserir na caminhada da Igreja local. É criticada por seu “fechamento” sobre si mesma e suas atividades próprias” (BOFF, 2000, p. 46). Contudo, depois, conferiu à mesma uma qualificada importância para o momento histórico da Igreja no Brasil. Sinal de recuo? Reconhecimento da importância dos

carismáticos? Ou amadurecimento histórico eclesial? É o que se constatará no pronunciamento de vários, sobre o tema, desde padres até cardeais da Igreja Romana.⁴³

O que se percebe com a consolidação do fenômeno carismático é que existem disputas acirradas dentro do catolicismo brasileiro. Até semelhanças são vistas entre o Movimento e os pentecostais. Não fugindo à regra, esse catolicismo de multidões se espalha com caras e rostos diferenciados, provocando uma diversidade espantosa. Com pujança se tem observado pessoas anônimas com testemunho de conversão. Dores e dificuldades podem levar ao encontro da religião pela RCC. “Foi quando jovem que assumi mesmo a vivência – na RCC. Diante de um sofrimento experimentei que somente em Deus se encontra verdadeira paz” (CN). E toda essa ambivalência cria polêmicas, seja quando um anônimo se pronuncia, seja quando membros do clero alinhados com a RCC agem de modo bem pessoal. Clero e episcopado reagem, mas o campo religioso está aberto a várias tendências. Péricles Andrade afirma sobre a figura do Padre Marcelo Rossi, expoente do catolicismo midiático:

Reações diversas, porém, eclodiram dos membros da Igreja Católica. Apesar da necessidade de diálogo com a Modernidade, aprendizado relativo ao uso ‘eficiente’ dos meios de comunicação e dinamismo em face do avanço do pluralismo – as práticas rossianas dividem a Igreja (ANDRADE, 2011, p. 69).

O clero, os teólogos e bispos vão se pronunciando e a RCC confirmando o crescimento de adesões por todo o Brasil no século XXI. Os preconceitos com relação a RCC e outros estilos de Igreja vão sendo dirimidos. Percebe-se uma certa evolução dentro do espectro católico. O próprio Clodovis Boff com sua forte e genial experiência descreve avanços. “Graças a Deus nossos bispos na CNBB também se movem e estão se movendo na direção da convergência” (BOFF, 2000, p. 53). Enquanto isso o Movimento vai se expandindo. Alimenta a emoção das pessoas com fortes encontros de oração e retira do

⁴³ Vários nomes da teologia desde o século XX expressam sua aprovação ou resistência a RCC. O renomado eclesiólogo Yves Congar dedica um capítulo de sua grande obra de Pneumatologia sobre a RCC (BOFF, 2000, p. 41). Na mesma linha de aprovação Karl Rahner se impressionou com o fenômeno, o que justifica tamanha magnitude e preocupação em pesquisar esse movimento do catolicismo. Outros como H. Muehlen, Raniero Cantalamessa e Laurentin, além do próprio Ratzinger, atual papa Bento XVI, também notabiliza o papel da RCC. No Brasil cabe destaque para José Comblin, Leonardo Boff, Clodovis Boff e outros teólogos sempre tematizando sobre o tema, recordando a pertinência e a força dos carismáticos no atual contexto eclesial do Brasil. O pe. Comblin em 1998 adverte “[...] contra o perigo de psicologização do movimento carismático, mas não o deslegitimou [...]” (BOFF, 2000, p. 42). E Leonardo Boff depois de muitas reservas a enxerga como “[...] uma expressão singular (do cristianismo) do século XXI [...]” (BOFF, 2000, p. 42). Essas posições levam a um entendimento seguinte: a RCC não figura mais como um elemento apenas de choque ideológico dentro do catolicismo mais assumiu uma abrangência tão explícita que já consegue polarizar reações a favor e contra. E, com o incremento das Novas Comunidades, ela se consolidará como alternativa de espiritualidade dentro do catolicismo.

anonimato pessoas que são engolidas pela cultura moderna. “O que fascina na RCC, como recorte empírico vigoroso, é a possibilidade de continuar a questionar a clássica preocupação de Max Weber: a relação entre religião e modernidade” (CARRANZA, 2009, p. 52).

Cada vez mais na procura de sentido para suas vidas, as pessoas vão se aglomerando em torno da RCC e revelando que a subjetividade em alta na modernidade, carece de respostas que vem de todos os lados. A religião, com seus símbolos e ritos, acabou se tornando novamente um lugar propício para a extravasação dos sentimentos, das buscas e da paz interior que o homem e a mulher modernos carecem. A religião, foi, está sendo e é questionada, mas não perdeu a condição de luzeiro de valores ou na paradoxalidade moderna a “modeladora” de sentidos, na expressão significativa de Luckmann: “Esta relação dialética de perda de sentido e uma nova criação de sentido, ou seja, de enfraquecimento e fortalecimento de sentido, pode ser encontrada mais claramente no caso da religião” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 40).

2.2 Os traços da emoção e da subjetividade no catolicismo da RCC

A Renovação Carismática Católica foi gestada dentro de um ambiente que estava ligado ao pentecostalismo americano. “Desde suas origens a RCC apareceu como um fenômeno muito próximo do pentecostalismo protestante, merecendo a denominação de *pentecostalismo católico*” (CARRANZA, 2000, p. 16. Grifo da autora). Essa terminologia precisava mudar e até os bispos do Brasil em reunião da presidência da CNBB tocam na questão. A ideia de pentecostalismo: “[...] foi desde logo abandonada esta expressão por dar azo a interpretações errôneas, permanecendo a terminologia Renovação Carismática” (CNBB, 1973, p. 655). E agora com essa identificação próxima dos ditames católicos, ela aportou para gerar uma concepção religiosa forte e convincente. “A Renovação não quer ser um movimento a mais dentro da Igreja, mas sim transformar a própria Igreja: ser uma nova Igreja” (MARIZ, 2011, p. 173). Seus adeptos encontram em suas atividades uma proposta clara de retomar o caminho da vida cristã, e sentem-se sacudidos na sua existência, sendo provocados a acompanhar uma avalanche de mudanças que afetam, não só a prática religiosa corriqueira ligada a um catolicismo institucionalizado, como também a maneira de enxergar a Deus mediante uma ótica mais pessoal.

O carismático assume na RCC o lugar de um fiel convertido e que sai em busca de novas experiências religiosas. Ele não se contenta com a celebração corriqueira dos sacramentos os quais são produzidos nas atividades da Igreja, sob o domínio do clero –

padres, diáconos e bispos – e já não segura a vida dos fiéis. Há na atualidade uma maneira inaudita de pluralismo que não admite mais uma única forma de rezar, de interpretar a fé católica e até mesmo de celebrar. Faustino Teixeira argumenta:

O modo de ser católico no Brasil é singular e novidadeiro. Não dá para encerrar a sua dinâmica no modelo belarminiano das notas de visibilidade precisas: fé explícita, adesão formal aos sacramentos e obediência à hierarquia. A coisa é muito mais maleável e inusitada (TEIXEIRA, 2010, p. 4).

Consciente ou não de uma tremenda mudança de paradigmas culturais, sociais e até religiosos, o fiel se encanta com a possibilidade de fazer seu próprio caminho espiritual apostando nos dons do Espírito Santo, para ser identificado com o homem novo que a RCC prega com tanta incidência: “Se alguém está em Cristo é uma nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova” (2 Coríntios 5,17). É a oportunidade de vislumbrar outro espaço de pertença e ela se configura por meio de traços identitários que a modernidade ajudou a construir.

Os traços que virão estão relacionados ou correlacionados à questão da identidade religiosa como a conversão, a pertença tradição religiosa e as estatísticas sobre a participação dos fiéis no catolicismo e demais religiões no Brasil. Todos mexem com a natureza do catolicismo, que ao lado de outras Igrejas cristãs históricas, tem buscado explicação para a diminuição de adeptos em seus quadros. Esse arrefecimento é constatado por números e revelam uma face mais sedimentada no sujeito e na emoção, quebrando o ritmo da pertença tradicional. Os dados de Faustino Teixeira em sua pesquisa são claros,

Há um declínio moderado mas constante verificado nos censos de 1940 (95,2%), 1950 (93,7) e 1960 (93,1%). Mas é a partir dos anos 80 que a porcentagem de católicos foi declinando cada vez mais, como também indicam os dados dos censos demográficos: 89,2% em 1980, 83,3% em 1991 e 73,8% em 2000 (TEIXEIRA, 2010, p. 1).

Há também os embates que são constantes com grupos pentecostais e os neopentecostais. Há uma oscilação visível no Brasil quando o assunto é religião e de modo particular, catolicismo. “Embora o catolicismo continue sendo majoritário no país (75%), não deixa de ser preocupante para sua hierarquia e fiéis: o surgimento de novas religiões, sobretudo, de corte esotérico e oriental [...]” (CARRANZA, 2000, p. 17). Esse desdobramento religioso fora do catolicismo acaba caracterizando o avanço desses segmentos evangélicos nas suas mais diversas formas. Conforme constatação de Faustino Teixeira,

O Censo de 2000 revelou ainda o significativo crescimento do número de declarantes evangélicos (15,4%) e dos “sem religião” (7,3%). Esta diminuição do ritmo de crescimento dos católicos no Brasil é motivo de grande preocupação das instâncias eclesásticas, que vislumbram um horizonte de perda progressiva da influência da Igreja Católica no país (TEIXEIRA, 2010, p. 1).

E como a hegemonia católica sempre foi visível e comprovada, toda discussão atual sobre identidade religiosa a atinge de duas formas: na perda de fiéis, consoante visto acima, para os evangélicos, e também na desvinculação massiva de pessoas que não se acanham em renegar qualquer opção religiosa. Faustino Teixeira se mostra interrogativo,

Causa também inquietação o fato do catolicismo firmar-se como o “doador universal” de fiéis que passam a engrossar as fileiras do pentecostalismo e dos “sem religião”; bem como a situação crescente daqueles que mantêm sua crença religiosa desvinculada de qualquer instância religiosa tradicional: daqueles que crêem sem pertencer (TEIXEIRA, 2010, p. 1-2).

Os dados são preocupantes e não basta apenas analisá-los de maneira fortuita, colocando nas igrejas cristãs, mais antigas, a culpa pelo esmorecimento atual. Seria ingenuidade analisar assim. É como se existisse insegurança proporcionando indecisões; e, elas, conduzem para um esvaziamento das igrejas; por outro lado, mostra um crescimento sem precedentes de experiências religiosas individuais e pontuais, que tem levado pesquisadores da área da teologia e da sociologia a se inquietarem com o fenômeno. É o caso de Danièle Léger, que vem apontando as várias situações de mudança que o cenário religioso está vivendo, puxado pela interferência dos ditames da modernidade no mundo ocidental. Ela é enfática quando analisa a sociedade moderna e sua relação com a religião:

A ‘secularização’ das sociedades modernas não se resume, portanto, apenas ao processo de evicção social e cultural da religião com o qual ela é confundida muitas vezes. Ela combina, de maneira complexa, a perda da influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar ela mesma seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiram a essa sociedade pensar a si mesma como autônoma (LÉGER, 2008, p. 37).

Sendo assim, fica cada vez mais urgente a necessidade de se descobrir os motivos pelos quais vem provocando tantas mudanças. E, quais fatos e acontecimentos interferem no dado religioso. Brenda Carranza aponta alguns,

Junto a esse manancial de opções religiosas, o aumento da democracia formal no país, a valorização do sujeito e do seu *eu* pela indústria cultural e o aumento das ofertas religiosas constituíram, no seu conjunto, elementos que

favorecem olhar para a realidade religiosa como um caleidoscópio: multifacetado e multiforme (CARRANZA, 2000, p. 18. Grifo da autora).

O homem moderno, todavia, sente prazer em questionar os vínculos religiosos que fortaleciam a vida da sociedade ocidental em todos os seus aspectos. A relação estreita com a questão religiosa fazia o homem ser e agir de acordo com as regras e doutrinas da sua tradição religiosa, o que durante muito tempo deu ao catolicismo um primado espetacular. Ter uma identidade religiosa com liames institucionais era vantajoso, e a rigor promovia a pessoa. Com a perda dos vínculos tradicionais, o sujeito desponta como o grande critério.

2.2.1 A subjetividade como traço identificador

O fenômeno religioso atual escapa dos ditames da instituição religiosa. Ele é por vezes espontâneo, criativo, interpelativo, tem forte ingerência da modernidade e pode ser visto a partir de dois traços bem delineados: a individualização e a subjetivação daquele que crê (LÉGER, 2008, p. 42). Em todo mundo, e no Brasil não é diferente, o sistema religioso está sendo edificado sobre novos critérios. O sujeito passou da condição de observador para o centro da discussão. “Mas o aspecto mais decisivo desta ‘perda de regulamentação’ aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos ‘constroem’ seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado” (LÉGER, 2008, p. 42). Por conseguinte, é preciso analisar com acuidade as razões da realidade vigente.

No contexto atual, impregnado por uma cultura de mudanças, muito se tem questionado sobre a densidade da religião: ela desapareceu ou não? Está “despedaçada” (LÉGER, 2008, p. 31-33) ou continua sendo importante para a formação dos valores na sociedade atual? O certo é que suas características e seu modo de influir mudaram. A própria realidade social, política e familiar – que dava espaço legítimo para a religião – mudou de forma avassaladora. Se as sociedades tradicionais, que tinham na religião seu fundamento, foram duramente questionadas e até deslegitimizadas pelas sociedades modernas, as quais têm na razão seu alicerce, então, chegou a hora de averiguar essa oposição. E mais, se há de fato tanta interrogação sobre o fenômeno religioso, é preciso analisar que a modernidade religiosa e a sociedade tradicional não se excluem totalmente. Léger aponta,

Toda sociedade concreta, sempre associa, em proporções variadas, elementos que dependem de um e de outro. Mas, ao destacar essa oposição, provavelmente se toca com o dedo o traço mais fundamental da Modernidade, que é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição: a afirmação segundo a qual o homem é legislador de sua própria vida, capaz

igualmente, em cooperação com outros no centro do corpo cidadão que com eles forma, de determinar as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia (LÉGER, 2008, p. 32-33).

O ser humano, tomado pelo contexto da modernidade, vai delineando caminhos diferenciados de convivência e de pertença religiosa. Já não são os vínculos institucionais que dão direção a quem pertence ao catolicismo – como também a outros grupos religiosos – mas, uma forma diferenciada de identificação religiosa que se configura basicamente pelo traço da subjetividade. O peso agora recai sobre o “sujeito” que se emancipou das normas morais e das regras de uma tradição religiosa antiga, para ele mesmo formar seu universo religioso, com base em experiências autônomas e individuais. O alcance da palavra de um líder religioso como um pastor, um padre, um bispo e até mesmo o papa – chefe maior do catolicismo – vai depender de como o sujeito interprete de acordo com suas escolhas e conveniências. Não se vive, contudo num universo sóciorreligioso onde a palavra da Igreja é norma objetiva e absoluta. Vive-se agora sobre a égide da individualidade com fortes tons emocionais.

As instituições religiosas até que se esforçam por adaptar-se aos desafios dos novos tempos. Tentam regular a vida religiosa das pessoas e até apresentar proposições numa linguagem mais atual e com meios mais sofisticados como a TV, a internet, as redes sociais em geral, divulgando textos e até aproximando-se da vida das pessoas, com imagens e propostas inusitadas. Mas, as tentativas esbarram numa condição: o crivo da individualidade é o critério máximo da escolha. As pessoas estão com um poder de decisão cada vez mais acentuado e diferenciado. E a religião não escapa a essa turbulência. Todos são envolvidos por essa égide que está cada vez mais cristalizada. O indivíduo possui a capacidade de subjetivar tudo; as decisões religiosas são as primeiras a passar por um caminho plural. “No âmbito da religião, como nos demais, a capacidade do indivíduo para elaborar seu próprio universo de normas e de valores a partir de sua experiência singular, tende a impor-se, como vimos, vencendo os esforços reguladores das instituições” (LÉGER, 2008, p. 63).

Depois de uma experiência histórica de hegemonia e consolidação, sobretudo no ocidente, o catolicismo se vê quase impotente, ante a tarefa grandiosa de ler os sinais dos tempos, na ótica de quem precisa impor-se perante os desafios colocados pela secularização. Nesse contexto, a subjetividade se reforça e o indivíduo, na sua capacidade lógica de relacionar-se com o sagrado, passou a perceber que pode viver sem critérios petrificados de uma religião formal e excessivamente dogmática. Os símbolos apresentados pela cultura religiosa atual são variados e multiformes. Muitas vezes representam a descoberta e o

significado do próprio destino humano, criando expectativas quanto à resolução de seus problemas existenciais, afetivos e espirituais. Também a sociedade, com base nesses parâmetros, acaba mostrando objetos e sinais religiosos para motivar as pessoas a consumi-los e sentirem-se amparadas. “Os indivíduos constroem sua própria identidade sócio-religiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados” (LEGÉR, 2008, p. 64).

No campo da subjetividade os símbolos falam por si mesmos. São gnomos, estrelas, fitas da sorte, amuletos, velas que são bentas, terços para todas as devoções e com invocações variadas de acordo com a necessidade individual. Há, dentro do universo católico carismático, uma maneira diversificada de utilizar-se desses sinais: terço com pedidos a Maria, Mãe de Jesus, terço da espiritualidade bizantina, terço da libertação e outros. Para cada necessidade individual, uma reza. Os testemunhos são a prova de que Deus age na vida dos fiéis, e com o desdobramento da RCC, eles ganharam evidência. Um deles materializa essa ênfase subjetiva:

Estou cheio de alegria, de admiração e reconhecimento; agradeço a Deus que me libertou pela oração do Terço da Libertação. Eu estava vivendo debaixo de medo, de angústia, de estresse, e carregava em mim todo um espírito de negatividade. A menor das coisas se tornava diante de mim algo de extrema importância. Eu reforçava meus infortúnios: mais me estressava, mais tinha medo, mais me angustiava. Mais do que isso: ficava achando que nunca mais sairia dessa (CLAUDE, apud CASTRO, 2011, p. 33).

No Brasil existe uma campanha que vem se desenrolando há muitos anos e mostra a força dessa subjetividade. São demonstrações públicas e claras que apresentam o efeito da fé. Na maioria dos casos, eles também dispensam apresentação de pessoas ligadas ao culto – padres, por exemplo – e que detêm a missão de celebrar os sacramentos na Igreja e conduzir ao mistério da religião católica. Os indivíduos se identificam com seus símbolos, baseando-se nas experiências de fé, e tudo isso acaba decodificando, ou dando uma nova fisionomia a identidade religiosa atual a qual procura resgatar as pessoas do indiferentismo religioso, mas acaba por enfrentar os novos paradigmas de crer. O sujeito que reza e recebe sua graça, torna-se fonte de conversão. O efeito na individualidade é muito forte. Uma pessoa de cognome Flávia assim relata:

Passei por muitas tristezas, chorei muito e não sabia mais o que fazer. Foi então que minha mãe ganhou o livro Terço da Libertação e me falou a respeito, mas eu não dei muita atenção. De repente me bateu uma curiosidade de ler o livro. Vi vários testemunhos e então me senti

tocada; comecei a fazer as orações do Terço da Libertação e me entreguei mesmo de corpo e alma e deixei nas mãos do Senhor Jesus (FLAVIA, apud CASTRO, 2011, p. 43-44).

O sujeito, na sua inteireza e na sua completa singularidade, se percebe no mundo como ser pensante e capaz de escolher. Não permite mais que outros optem por si. A religião se transforma num caminho subjetivo e plural. Na verdade, são configurações antigas que se revestem de novidade. A própria RCC tem esse caráter, ou seja, a facilidade de mesclar o antigo com o novo. “A novidade do RC consiste, segundo Bertrand Lepasant, fundador do *Poço de Jacob*, em tomar a sério a prática consciente dos carismas” (HÉBRARD, 1992, p. 10. Grifo da autora). Ela foi-se firmando como um espaço para o sujeito se encontrar com Deus, e ela própria acaba sendo referência para um modelo eclesial no século XXI. Pedro Rubens Oliveira comenta,

As apreciações positivas não se referem apenas ao passado do movimento, mas também às promessas de futuro. Harvey Cox fala do movimento carismático-pentecostal como de um novo ramo do cristianismo. Essa vai ser, diz ele, a expressão predominante na vida da Igreja no século XXI (OLIVEIRA, 2008, p. 121).

Nesse contexto, o sujeito descobre diferentes perspectivas de relação consigo mesmo, com os outros – enquanto ser de relação – e com o sagrado. A razão impõe seu crivo discernidor, em parte, pela força de seus matizes como a liberdade, a autonomia, a felicidade pessoal e a garantia de um desenvolvimento pleno. Ela continua nos tempos atuais, colocando paradigmas para as várias escolhas humanas, como se fosse um sinal inapagável. “A racionalidade, no entanto, não deixa de representar a referência que mobiliza as sociedades modernas” (LÉGER, 2008, p. 32). Mas sozinha não pode resolver os anseios do ser humano em plenitude. Há uma busca religiosa que garante a sobrevivência do belo e do sagrado, e só é mergulhando na paradoxalidade de sua existência, que o ser humano moderno se sente saciado na sua eterna fome de um ser desejante. Vontade de decidir, de escolher, de entrever caminhos diferentes. E, sobretudo a vontade de resolver seus dilemas profundos sem excluir Deus do processo, mesmo que isso não incorpore uma forma religiosa institucionalizada. É o ponto mais alto da capacidade subjetiva de viver na atualidade.

2.2.2 A emoção como traço identificador

O segundo traço que compõe a vida religiosa atual é o apelo constante ao lado emotivo. As pessoas são conduzidas cada vez mais a experimentar o sagrado pelo caminho

dos sentimentos. Essa modalidade impregna vários grupos religiosos os quais carregam a certeza de que, quanto mais apelar para os conflitos existenciais, mais sua tarefa terá êxito. Ao lado da demonstração agressiva dos males que cercam o indivíduo, vêm também promessas de curas e milagres, capacitando o ator religioso a ser mais ouvido pelo seu público.

Esses atores possuem discurso que sensibiliza as pessoas que participam dos eventos da RCC. É como um ritual que instiga fortemente a emoção e dirige às pessoas a momentos de êxtase. “Pode-se dizer que a linguagem ritual é parte integrante do cotidiano carismático. A expressividade que marca as manifestações no interior de grupos de oração e de comunidades de aliança e de vida, a exacerbação da emoção nessa vivência religiosa [...]” (MIRANDA, 1999, p. 57), é uma combinação de elementos que só vivifica a emoção. A própria vida com seus aspectos de dor e alegria não são esquecidos nesses ambientes. É preciso dá corpo aos valores católicos tradicionais que o Movimento prega. “O ritual é ainda uma forma de destacar, de salientar coisas e aspectos da vida cotidiana (Da Mata: op. cit.). Serve, portanto, para transmitir, reproduzir e legitimar sistemas de valores” (MIRANDA, 1999, p. 57-58). E, toda essa mobilização espiritual ajuda na superação dos problemas dos fiéis.

Ora, numa sociedade marcada por problemas tão avassaladores como a violência, a depressão, os conflitos familiares, o uso e o aumento indiscriminado do tráfico de drogas, bem como a ausência do poder público nas áreas sociais de carências profundas como lixões, favelas e outros, a divulgação de “remédios” imediatos acaba convencendo classes sociais de diferentes níveis, propiciando um crescimento fabuloso dos Novos Movimentos Religiosos. “Situados no momento presente, rompem com formas religiosas representadas pelas religiões estabelecidas, embora nem sempre sejam renovadores” (LIBÂNIO, 2002, p. 31). Eles vivem basicamente da prática de reforçar o lado emotivo como construção de uma experiência religiosa. Possuem algumas características bem pontuais apresentadas por Libânio:

Respondem a novas necessidades da atual situação, o que as instituições religiosas não fazem. Apresentam oferta de salvação presente de forma renovada ao indivíduo concreto, devolvendo-lhe cura, alegria, segurança, companhia, entusiasmo (LIBÂNIO, 2002, p. 32-33).

O aparato utilizado para o envolvimento da assembleia ou grupo de fiéis é imenso. Palestras, orações em cultos e outras atividades são utilizadas hoje na mídia e nas redes sociais com frequência, e os resultados são os mais diversos possíveis. Nota-se que a emoção

é parte importante na construção das identidades religiosas atuais. Os atritos, oriundos com a sociedade, que evoluíram tecnologicamente e começaram a descartar a presença do divino de suas decisões, foram tomando contornos bem diferenciados. Agora, o sujeito, com suas emoções, tem espaço para falar e até testemunhar as maravilhas que Deus realizou e realiza em sua vida. Muitos são os artistas famosos que ingressaram nessa linha. Eles falam abertamente sobre conversão e outros temas. Também outras pessoas próximas testemunham sua mudança, o que dá motivo e até serve de exemplo para que as pessoas simples o sigam. É o caso da Myrian Rios. “Ela se tornou uma nova pessoa. É exatamente isso que o Evangelho chama de “conversão”. Ela passou por uma verdadeira conversão.” (RIOS, apud ABIB, 2006, p. 11). Como se vê, construir um caminho de fé, a base da emoção, é imprescindível na elaboração da identidade religiosa, dentro do esquema que o trabalho se propõe.

Na Renovação Carismática Católica, esse fator é bem explorado e alimenta o caminho espiritual dos seus adeptos. As várias experiências de êxtase, bem como do chamado batismo no Espírito, levam as pessoas ao delírio. Há depoimentos que mostram como o fiel se sente alterado. Ele vai se reciclando espiritualmente, e, dando chance para que o Espírito de Deus trabalhe em sua vida, segundo a linguagem da RCC. É “[...] uma experiência carregada de emotividade [...]” (CARRANZA, 2000, p. 95). Mexe com a vida da pessoa, ela se sente desinstalada do modo anterior em que vivia e sofria. Como a carga emotiva é forte, propicia alívio na tristeza, nos distúrbios psíquicos, stress e outros. Na sua pesquisa que redundou em um livro, Brenda Carranza expõe a fala de um seguidor da RCC:

Eu estava na reunião (1996), num momento de oração. De repente comecei a sentir que algo estava mudando dentro de mim. Antes eu tinha uma tristeza muito grande, a partir daquele momento comecei a ficar muito alegre. Depois dessa experiência o que mudou foi que eu comecei a conversar com mais calma, agora eu escuto e sou escutado (J.A. apud, CARRANZA, 2000, p. 95).

O fato ocorre em vários momentos nas atividades da RCC. Um deles é no grupo de oração. Nele também existe espaço para despertar o impulso que causa a emotividade. “O grupo é reduto de graça onde fazemos (ou refazemos, pois esquecemos tão depressa!) a experiência fundamental de toda a vida espiritual. Deus está vivo, posso encontrá-lo e ele é minha vida” (BLAQUIÈRE, 1993, p. 30). É um fenômeno que vai modificando a percepção da pessoa. O convertido se identifica com aquilo que ele faz. Nesse caso, a pertença, a RCC é um fruto do Espírito Santo que se manifesta. É agudo, forte e determinante. O catolicismo vai ganhando corpo, e a RCC torna-se a ponte da identidade recuperada do fiel. São matizes e

formas diferenciadas. Alguns com mais ardor e muitos recuperando a fé, ou até sendo iniciado no processo de uma vida espiritual mais intensa. Blaquiére assevera:

Muitos dentre nós já terão vivido uma “visitação” do Espírito Santo”, talvez há muito tempo. Alguns “congelaram-na”. Outros ainda, por não o terem identificado nem reconhecido, deixaram-no fenecer como bela flor cortada de suas raízes. Para a maioria dos participantes, esta visitação é inédita [...] (BLAQUIÉRE, 1993, p. 30-31).

Foi trabalhando por meio da emotividade, e pelo modo como chegou ao Brasil, conseguindo imediatamente encontrar adeptos, que a RCC despertou a vontade nos fiéis, para rezar, louvar, cantar, conversar com Deus. Tudo crescendo na polaridade da crença e habilitando o fiel a ser mais espontâneo e livre na sua relação com Deus, através do Espírito Santo, com os outros que participam do grupo e até do contexto da Igreja católica, uma vez que ele se enxerga como um agente eclesial importante.

A emoção está presente nas atividades dos grupos da RCC e nas celebrações das missas de louvor. “O louvor e a ação de graças variam do mesmo modo que a diversidade dos aspectos do ser e da ação salvífica do Senhor; vão desde simples expressões de afeto até o louvor matizado de um amor ardente e sereno” (JUANES, 2000, p. 64). O rito é demorado e a forma de rezar se diferencia das missas tradicionais dos católicos. Nelas, o padre ou aquele que conduz a celebração, toca em elementos fundamentais da vida do fiel, como a fadiga do dia-a-dia, as enfermidades corporais e psíquicas, as lutas espirituais contra o mal, o desânimo causado pelo pecado e tantas outras realidades. O participante, então, descobre que necessita de auxílio para ser um convertido autêntico e fiel à vontade de Deus, e que sua emoção precisa se renovar. Reginaldo Prandi chega a falar em terapia:

Na RCC, a prática da terapêutica religiosa é um exercício sistemático e nunca aleatório. A cura de doenças é praticada sempre em grupo e, embora possa ocorrer tanto no grupo de oração como nos cenáculos, preferencialmente se realiza em reuniões específicas para esse fim (PRANDI, 1998, p. 64).

O lado emotivo se exaspera e frases como: “abra seu coração, deixe-se renovar pelo Espírito de Deus, solte seu canto e seu louvor,” acontecem em meio à celebração e chega ao auge quando todos começam a falar em línguas, e sentem – segundo a dinâmica da RCC – que Deus está curando as suas dores e emoções “em conflito”. De formas diversas os depoimentos são expostos. Uma senhora descreve nitidamente a situação de um filho mergulhado no alcoolismo, que foi libertado pela sua fé no Terço da Libertação. Ela até

menciona o caráter emotivo da cura pela graça alcançada: “A emoção foi enorme: abracei-o chorando e agradecendo a Jesus por mais uma graça, por ver meu filho curado, salvo e liberto” (DULCIMAR, apud, CASTRO, 2011, p. 55).

Todo um aparato é utilizado para aguçar a emotividade, e nesse caso, os músicos que desempenham um ministério, são levados a tocar cânticos em sintonia com o momento. Cantos com melodia forte e que convidam à renovação interior, à cura das emoções e a uma espécie de arrebatamento espiritual. Muitos cantos são conhecidos e dentre eles se destaca a seguinte letra: “Renova-me, Senhor Jesus, já não quero ser igual. Renova-me, Senhor Jesus põe em mim teu coração. Porque tudo que há dentro de mim precisa ser mudado Senhor. Porque tudo que há dentro do meu coração precisa mais de ti” (LOUVEMOS O SENHOR, 2012, p. 82).

Vê-se que o coração, como fonte das emoções e também lugar do encontro com Deus, é destacado, e o fiel precisa descobrir onde ele está desobedecendo a Deus e aos seus mandamentos. Onde o pecado está dominando a sua vida, pois nesse caso ele precisa mudar de rumo. É a hora de identificar-se com alguém ou com alguma situação que o preencha e o resgate, e, para isso, só a palavra de Deus extraída da bíblia sagrada pode ajudá-lo.

Dentro de um contexto eclesial mais amplo, o uso constante da bíblia coloca o carismático numa situação de vitrine, perante os demais movimentos da Igreja. A palavra de Deus é utilizada para conduzir o fiel a uma experiência emotiva e forte com o Espírito Santo, e também para que ele seja acompanhado e exigido dentro de uma realidade eclesial, que depois do Vaticano II passou a ter uma relação mais próxima com as Sagradas Escrituras. O texto sagrado renova a vida do carismático e toda a RCC sabe colocar em seus trabalhos essa nova dimensão da oração com a palavra de Deus. O Vaticano II em um dos seus documentos incentiva a leitura da palavra e o fortalecimento espiritual dos fiéis:

Acheguem-se, pois, de boa mente ao próprio texto sagrado, quer pela Sagrada Liturgia repleta da palavra de Deus, quer pela piedosa leitura, quer por cursos apropriados e outros meios que, com a aprovação e empenho dos Pastores da Igreja, hoje em dia louvavelmente se difundam por toda parte (DV, 25).

Também os olhares da hierarquia pesam sobre os leigos (as) que fazem da Renovação Carismática seu lugar de encontro com a palavra e com o sacramento da eucaristia. Pedro Rubens Oliveira em sua pesquisa enfatiza:

Os bispos sublinharam a importância dada à oração e à leitura assídua da Sagrada Escritura, as reconversões de católicos à sua própria fé, a descoberta de um novo sentido da vida cristã, a expressão de um sentimento mais vivo da fraternidade, a maior participação na Igreja suscitando, às vezes, novas formas de vida (OLIVEIRA, 2008, p. 120).

Portanto, essa busca espiritual vem perpassada pela convicção, de que desde as suas origens, a RCC tem no seu âmago traços diferenciados dos outros grupos do catolicismo. Essa assiduidade na escuta da palavra de Deus, mesmo que a hierarquia eclesial os acompanhe de perto, não tira a espontaneidade dos seus adeptos. Pelo contrário, os faz apresentar frutos espirituais no catolicismo.

O convertido que se reafilia ao catolicismo passando pela RCC, não está só. É alguém acompanhado pelo Espírito Santo. No grupo de oração, na comunidade, no Cenáculo, onde estiver. Ele é diferente. O Espírito Santo o impele a uma nova vida, “[...] visita o âmago do seu coração”, reveste-o de força [...] (BLAQUIÈRE, 1993, p. 31). E a emoção faz parte desse caminho no qual o membro da RCC se sente renovado. As exigências também são enormes. Como a RCC se tornou pós-concílio, uma força na vida da Igreja católica, as análises são extremamente agudas. A emotividade do fiel é trabalhada de forma ardente, mas é preciso colocar o Movimento dentro de seu contexto eclesial e cultural. Críticas e análises vão aparecendo e a RCC se delineando como uma estrutura. “Do ponto de vista sociológico, a onda carismático-pentecostal assumiu as proporções de um fenômeno orgânico e estrutural, com base numa demanda religiosa real e extremamente complexa” (OLIVEIRA, 2008, p. 122). Assumiu de fato uma forma de ser Igreja no século XX os frutos vão surgindo, e os questionamentos sobre ela também. É o risco da pluralidade que cerca todos os vínculos religiosos na atualidade. Pedro Rubens Oliveira apresenta alguns desses frutos:

Os frutos suscitados pelo movimento carismático são numerosos. Vamos contentar-nos com enumerar alguns, sem os comentar em detalhe: a experiência de conversão pessoal, expressa concretamente em uma transformação moral individual, familiar e profissional; a redescoberta do Espírito Santo como acesso à fé trinitária; a valorização do aspecto ‘experencial’ da fé, afastando-se, de uma parte, do intelectualismo e, de outra, revitalizando os dons e os carismas no coração da Igreja; um gosto renovado pela oração pessoal e comunitária; a libertação da emotividade e uma consideração da corporalidade, traduzindo-se em sentimentos e gestos como expressões da fé (OLIVEIRA, 2008, p. 123).

Visando à sua consolidação, mediante os frutos, os dirigentes da RCC sabem que o campo religioso brasileiro cada vez mais se torna complexo e alvissareiro. Do enfoque sobre a oração pessoal e comunitária até o reforço da emoção, no seguidor de suas atividades, ela vai

trilhando um caminho paradoxal no Brasil, a ponto de desembocar na etapa da missão. E assim se dará: “[...] o relançamento da missão e do apostolado, não tanto para ‘batizar os convertidos’ quanto para “converter os batizados [...]” (BOFF, 2000, p. 44). Até o desdobramento se fixar nas atuais Novas Comunidades, que servem como “[...] refúgios emocionais a tantos jovens que procuram orientação a sua existência” (CARRANZA, 2009, p. 51).

2.3. A resposta das “Novas Comunidades”

Na elaboração do seu caminho dentro do catolicismo, a RCC foi como Movimento, oferecendo proposta de conversão e de retomada religiosa para seus seguidores. Uma forma de elaborar o tecido católico a partir de sua experiência com os dons do Espírito Santo. Passaram-se os anos – aproximadamente cinco décadas – e o Movimento carismático se coloca hoje num processo avançado de “mídiatização”, que “[...] representa a volta do catolicismo das multidões (registrada na segunda metade do século passado), desta vez focado na sociedade do espetáculo para visibilizar a Igreja” (CARRANZA, 2009, p. 44). É a etapa conhecida como das Novas Comunidades.

Elas concentraram novos carismas no final do século XX, e continuam basicamente na história, a expor a disputa entre a força da instituição e o fogo do carisma. No tocante a esse último, torna-se nítida a descrição de Max Weber, pois ele se encaixa em um dos “tipos de dominação legítima”, a saber: “[...] de caráter carismático: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico, ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática)” (WEBER, 1998, p. 141). Percebe-se como a relação entre carisma, fundador e instituição é bem caracterizada, e seus limites bem tênues. No caso das Novas Comunidades existe uma postura bem conservadora no âmbito de suas ações, quando as mesmas são amarradas pelas leis canônicas da igreja. Todavia elas repetem na história o elemento paradoxal que é o seguinte: o “líder” ou “fundador” espalha o carisma e depois, seus adeptos podem, no processo histórico, torná-lo demasiadamente rotineiro e estático. Weber fundamenta esse traço,

No caso da dominação carismática, obedece-se ao *líder* carismaticamente qualificado como tal, em virtude de confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse seu carisma (WEBER, 1998, p. 141. Grifo do autor.).

Para gozar de legitimidade dentro da Igreja, as comunidades precisam de aprovação – como é o caso da Canção Nova que conseguiu em 12 de outubro de 2008 – e elas possuem

respaldo no Código de Direito Canônico. Não se trata de aprovar sua existência, enquanto carisma. Ele existe por si e deu a base intuitiva para que um dia ela – a comunidade – iniciasse na figura de um “fundador”. O caso agora é de poder jurídico, o que normalmente enrijece o carisma, mas dá sustentabilidade, segundo Weber, “[...] aos seus adeptos [...]” (WEBER, 1998, p. 159). Para isso, o Código assim legitima: “Uma associação privada de fiéis pode adquirir personalidade jurídica mediante decreto formal da autoridade eclesiástica competente, mencionada no Cân. 312” (CDC, 1987, Cân. 322).

O fato descrito foi para mostrar como essa disputa entre carisma e instituição sempre existiu dentro do cristianismo. Claro que em alguns momentos ela apareceu com mais força. A princípio, a vida cristã em comunidade embasou-se na fé dos apóstolos, primeiros seguidores de Jesus Cristo, que fizeram do evangelho e da experiência comunitária um ímã atrativo nos primeiros séculos da Igreja.

Enquanto comunidade inserida num contexto sócio-cultural e religioso, a Igreja procurou conviver com outros grupos religiosos e sempre sob a tutela de um líder carismático, como foi o caso de Paulo. O cristianismo primitivo soube explorar essa dimensão, e guarda reminiscências históricas bem conhecidas dos grupos cristãos, oriundos do primeiro e segundo século. A vida em comunidade era a tônica (Atos 2,42-47). A partir do século III e IV, também se solidificaram experiências de vida comunitária puxadas por Santo Antão (251-356), São Bento (c. 480-547) ou Gregório Nazianzeno (329-390) e tantos outros.

Esse fundamento sólido de comunidade ganhou outros pré-requisitos e a Igreja logo se “oficializou” ou institucionalizou-se, passando a ser muito rígida, e essa característica acabou sempre prevalecendo. Mas essa condição não pode subtrair as demais. Por isso, a perspectiva sobre a RCC tem a marca de trazer de volta a emblemática presença do Espírito Santo na vida dos fiéis, enaltecendo o grupo, a comunidade, a pertença pela convicção, pelo amor ao evangelho e pela doutrina católica, cujo Magistério se coloca como responsável pela sua defesa.

Analisando o contexto sócio-cultural e religioso no século XX, percebe-se que as chamadas “Novas Comunidades Católicas⁴⁴” têm exercido um papel crucial na manutenção da espiritualidade da RCC. Comunidades com experiências diversas, carismas sendo

⁴⁴ Foram inventadas a partir da experiência da oração e do louvor, próprias da Renovação Carismática Católica. Renovou o quadro de vocações na Igreja Católica e passou a arregimentar pessoas através dos votos antes pertencentes às ordens religiosas: Castidade, Obediência e Pobreza. Na sua grande maioria, estão livres das amarras canônicas e se espalham com muita rapidez.

ressignificados, conforme veremos adiante no caso da Toca de Assis. Todas surgiram por meio do Movimento Carismático, mas elas são “totalmente independentes”, a ponto de Brenda Carranza e Cecília Loreto apontarem o seguinte:

Estruturando-se com casa matriz, sedes, estatutos, regras, registro civil, coordenação, casas de missões e recursos próprios, algumas comunidades revelam-se verdadeiros impérios espirituais, com empreendimentos financeiros consideráveis, comportando-se como movimentos autônomos em prol da expansão do seu carisma (CARRANZA; MARIZ, 2009, p. 145).

Elas aglutinam duas perspectivas que se convergem e ao mesmo tempo se separam. Encarnam uma vida cristã de oração na comunidade onde estão presentes e, ao mesmo tempo, expressam um forte desejo de serem autônomas na sua relação com o clero porque notam uma queda acentuada na sua espiritualidade. São cultivadoras da dimensão laical. Ela superabunda nessas trincheiras, e, para isso, investem decididamente na formação de jovens e adultos, casados e solteiros. É o caso da Canção Nova⁴⁵ com várias casas de formação no Brasil “[...] e em vários países: Portugal, França, Itália, Estados Unidos e Israel” (CARRANZA; MARIZ, 2009, p. 145).

Dentro do processo histórico que a RCC desenvolveu no Brasil, as Novas Comunidades, a partir da década de 80, do séc. XX vieram para dar um novo rumo à onda carismática. Mesmo possuindo traços próprios, é da RCC que elas se alimentam e crescem. E, a partir de fundadores e carismas próprios, enveredaram no século XXI, trazendo uma concepção eclesial que atrai muitos leigos para uma vivência intensa de comunidade. Brenda comenta sobre elas no século XXI:

No início do século XXI, dois elementos podem ser apontados como responsáveis de um novo desdobramento nesse desenvolvimento histórico da Renovação. A proliferação da diversidade de expressões comunitárias inspiradas na performance carismática, denominadas de Novas Comunidades, e a opção preferencial pela cultura midiática encampada por alguns setores episcopais, do clero e de alguns leigos (CARRANZA, 2009, p. 34).

Essa pujança das Novas Comunidades no cenário católico e sua mobilização no sentido de provocar pesquisadores para estudá-las no campo das religiões, mostra como a discussão está totalmente aberta entre a modernidade, e a tentativa da Igreja Católica de recristianizar a sociedade. “Entre a restauração católica na qual trabalha o Papa e o ecumenismo ao qual o Papa diz estar ligado, há realmente uma formidável ambivalência que a

⁴⁵ Uma das grandes e imponentes Comunidades do Brasil. Fundada pelo Pe. Jonas Abib. Mais abaixo vamos apresentá-la de forma mais extensa e no paralelo com outras iniciativas.

encíclica de orientação pastoral *Ut Unum Sint* não consegue eliminar” (WILLIAME, 1999, p. 177). E ainda mais, os temas já postos como o do ecumenismo, e o da evangelização por parte da Igreja, vão aos poucos, criando disputas em torno do próprio catolicismo e as influências culturais que norteiam a vida das pessoas, fazendo-as entrar em rota de colisão com as instituições religiosas. “Com efeito, a ambivalência ecumênica de João Paulo II reside no fato de que ele associa, por um lado, um discurso ecumênico e, por outro, uma prática de centralização romana e de recentralização católica” (WILLIAME, 1999, p. 177).

Nesse contexto de aparente animosidade em que se enxerga disputas institucionais, localizadas, ou não, os movimentos eclesiais, podem servir de ponte – no caso do foco a própria RCC – ou podem responder com seus mecanismos a toda essa pluralidade religiosa que atravessamos e coloca na autonomia dos leigos a possibilidade de se codificar novas maneiras de pertença ou de identidade religiosa. Na análise de Brenda Carranza a questão se dá assim:

Numa outra vertente, categorias como reinstitucionalização, destradicionalização, recatolização deram a devida atenção às manifestações das novas sensibilidades religiosas que a RCC apresenta, perante sua tentativa de revitalizar uma instituição milenar e os impactos socioculturais por ela deflagrados [...] (CARRANZA, 2009, p. 49).

Toda essa atmosfera de procura de sentido toca as relações pessoais e sociais. Há na sociedade atual uma insegurança incomum como modelo de vida e as pessoas vivem a procura de um porto seguro. Essa atmosfera de incertezas e crises não é nova e nem característica singular da modernidade, embora possa ter se acentuado. Se as pessoas procuram um sentido para sua existência, é porque necessitam de valores. A religião tem sido um caminho intensamente procurado quando o primado é o sentido para a vida. “Ela é sem dúvida a forma mais significativa de um padrão abrangente, rico em conteúdo e sistematicamente estruturado de experiências e valores” (LUCKMANN; BERGER, 2004, p. 40-41). Uma sociedade, que sobre a égide da razão, aparentemente excluiu a questão religiosa, tem agora que conviver com o retorno evidente da religião e com a sociedade atual, confirma no processo histórico, a devida relação entre ela – a religião – a cultura e o “*modus vivendi*” do ser humano, que desde a antiguidade nunca abdicou do dado religioso. “Durante a maior parte da história da humanidade foi simplesmente impensável uma sociedade sem uma religião única que dissesse respeito a tudo e a todos” (LUCKMANN; BERGER, 2004, p. 41).

E quando o ser humano acirra essa procura religiosa pode chegar a manifestar atitudes radicais como a renúncia ao conforto pessoal, aos prazeres que a sociedade prega e até ao

despojamento de si mesmo. Existem comunidades que revelam essas posturas bem pontuais – como a Toca de Assis – e as causas que fundamentam tal opção são, o desejo de seguir o evangelho de Jesus radicalmente e também uma reprovação interior ao modelo atual de sociedade. Viver como pobre e acolher o pobre como carisma. Uma escolha bem extremada. Rodrigo Portella enxerga assim os jovens que são membros da Toca de Assis,

O fato dos toqueiros viverem uma dimensão muito radical de pobreza em suas vidas; e o fato de exercerem uma profunda solidariedade para com as pessoas em situação de rua, ainda que com alguns traços assistencialistas, mostra uma direção de vida bastante diferente dos rumos que costumam ser normativos e ansiados pela maior parte das pessoas, ou seja, de crescimento econômico pessoal e de usufruir prazeres e consumos (PORTELLA, 2011, p. 15).

A religião pautada nesses alicerces que as Novas Comunidades vivem, direciona muitas buscas como um elo que une subjetividade, tolerância, interioridade e vida espiritual que fortalece as motivações de muitos fiéis, sobretudo os jovens. E, em função de uma forte crise de valores que a modernidade traz no seu bojo, as novas comunidades apresentam-se como alternativa dentro do catolicismo e para a sociedade.

A crise de sentido que acentua a proliferação do subjetivismo não traz apenas a dilaceração das estruturas tradicionais que antes dominavam o campo religioso. Ela vem carregando em série algumas indagações que merecem o debate. Na perspectiva de recriar uma nova ordem de pertença e uma clarificação de sentido, Brenda e Cecília Loreto Mariz analisam a postura dessas “Novas Comunidades” apresentando vários questionamentos:

Qual é a especificidade das *novas comunidades*? O que buscam os jovens e o que encontram nessas comunidades? A que lógica cultural respondem as propostas comunitárias? São inovadoras do catolicismo ou conservadoras do mesmo? (CARRANZA; MARIZ, 2009, p. 142. Grifo das autoras).

Partindo da última questão, pode-se afirmar que elas oferecem uma proposta diversificada para o contexto cultural e religioso que estamos atravessando. Na perspectiva de que o ser humano, enquanto ser religioso sente-se atraído por elas devido o esvaziamento existencial que o secularismo e o relativismo moderno provocaram. “A incerteza, que assume feições diferenciadas conforme o contexto social tem levado os indivíduos à busca de um sentido para a própria vida, seguindo ‘modelos’ os mais variados e grandemente marcados pelo religioso [...]” (MIRANDA, 1999, p. 38).

As perguntas cruciais da pessoa sobre seu destino último, sua capacidade de abertura ao transcendente e sobre sua relação com a religião foram postas de lado, já que a razão

procurava oferecer uma resposta, desmistificando o viés religioso. Parece que houve um cansaço histórico dessas tendências ou ideologias modernas e o vazio se estabeleceu. Surge então a configuração de uma nova ordem com o reaparecimento de caminhos outrora vividos pelo próprio cristianismo. Brenda Carranza e Cecília Loreto Mariz acrescentam:

Desde muito cedo o cristianismo registrou as mais diversas experiências de grupos que, atraídos pelo desejo de oração e contemplação, abraçavam o ideal de vida em comum, compartilhavam bens materiais e simbólicos, submetendo-os às disciplinas de austeridade e ascetismo (CARRANZA; MARIZ, 2009, p.139).

Por outro lado, dentro do âmbito eclesial, elas se postaram no hiato que foi formado pelo declínio acentuado do número de vocações sacerdotais, pela crise no âmbito eclesial, espiritual e afetivo dos padres, sobretudo a partir de 1970⁴⁶.

Esse clima gerou um forte desejo de restabelecer a autoridade do clero por um lado e por outro, os leigos procuravam viabilizar um espaço de protagonista na Igreja, gerando uma profunda desconfiança com as formas tradicionais, de se alimentar espiritualmente o povo de Deus. Antes se achava que só o sacerdote detinha, pelo sacramento da ordem, os dons de aconselhar, celebrar, distribuir os bens simbólicos, e que a manutenção do mesmo dava-lhe garantia de poder sobre todos os fiéis. A mudança para muitos chocou e Brenda comenta acertadamente:

De certa forma, as comunidades novas, são estruturas estruturantes, na visão de Pierre Bordieux, visto que elas não simplesmente organizam, mas a própria configuração do legado espiritual da RCC é já uma forma de vivenciá-lo. De mais a mais, o estilo evangelizador dessas *células efervescentes*, como o da Renovação Carismática, educam a sensibilidade dos fiéis, estabelecem parâmetros que definem ‘um novo jeito de ser Igreja’, de ser ‘padre’, de ser ‘seminarista’[...] (CARRANZA, 2009, p. 41. Grifo da autora).

Em contrapartida, as Novas Comunidades, descortinaram um modo peculiar de arregimentar as pessoas – jovens, adultos, casais e outros – fazendo com que seu crescimento despertasse uma postura de interesse na catolicidade: elas precisam da anuência da hierarquia para existir, enquanto “Associação Privada de Fiéis, estando sujeitas à vigilância da autoridade eclesialística [...]” (CDC, 1987, Cân. 323) e à hierarquia necessita, na atualidade, das

⁴⁶Na Igreja do Brasil, muito se discutia sobre essas crises e um documento da CNBB do mês de fevereiro de 1981, fez assim um apanhado da situação vigente na época: “Há cerca de quinze anos atrás, cresceu entre os sacerdotes diocesanos e religiosos uma onda generalizada de mal-estar e questionamentos com sérias repercussões ainda hoje sentidas na Igreja do Brasil” (CNBB, 20, 1981, 13). Nota-se que os conflitos são acentuados e eles atingiram até mesmo a identidade de muitos padres. “Foi um período de árdua provação para o clero e a Igreja. Não sem razão, falava-se sobretudo de uma “crise de identidade” (CNBB, 20, 1981, 14).

comunidades para recatolicizar a sociedade, depois das quedas acentuadas do número de fiéis no seio da Igreja, sobretudo em algumas regiões do Brasil. “O Brasil, até os anos 70 (século XX), parecia um país católico, onde a religião católica não era só a da maioria, mas quase monopolizava crenças e atitudes religiosas” (ANTONIAZZI, 2005, p. 10). O processo histórico de desgaste institucional e outros fatores já debatidos, cuidaram de modificar a supremacia da Igreja Católica. E Alberto Antoniazzi conclui,

Em 1980, o único Estado com alto índice de diversidade religiosa é Rondônia. Outras áreas do Norte do País (a Amazônia) mostram também uma tendência, ainda inicial, no sentido da maior diversificação. Aos católicos, acrescentam-se especialmente evangélicos pentecostais (ANTONIAZZI, 2005, p. 11).

Esse quadro de queda acentuada continuará e será um dos elementos que farão crescer um estilo mais de defesa da fé, no seio do catolicismo, dos quais as Novas Comunidades se colocarão como protagonistas.

2.3.1 O carisma das Comunidades de Vida e de Aliança⁴⁷

A RCC gerou no Brasil uma grande efervescência espiritual, cujos descritos nesse trabalho mostram que ela, com o tempo, gestou novos caminhos de sobrevivência para si mesma. E, além dos grupos de oração, já por vezes citados nesse trabalho, as atividades como Cenáculos e Seminários de Vida no Espírito Santo, ela de fato abriu alternativas com atividades dentro do país e fora, gerando vida própria e missionária.

⁴⁷As autoras que mais foram citadas na pesquisa – durante esse capítulo – mostram os traços bem singulares. Uma é chamada de Comunidade de Aliança e a outra Comunidade de Vida. A primeira é formada por pessoas comuns, ou seja, leigos membros de comunidades que vivem inseridos na sociedade e tem suas profissões (HÉBRARD, 1992, p. 41). Tem como característica fundamental que, “[...] os mais responsáveis, encontram-se com frequência em residência de vida comum, constituindo, de certo modo, o coração da comunidade” (HÉBRARD, 1992, p. 41). Noutra ótica, trata-se de “[...] uma comunidade de pessoas comprometidas com a obra, mas que têm seus trabalhos profissionais” (MIRANDA, 1999, p. 47). Já para Brenda Carranza, o traço que predomina na Comunidade de Aliança é o laicato (CARRANZA, 2009, p. 40). E ela assevera que “seus membros vivem e sentem-se ‘vocacionados’ a trabalhar profissionalmente no ‘mundo’ e constituir família em castidade [...]” (CARRANZA, 2009, p. 40). A segunda é a Comunidade de Vida. Recordam em alguns traços as ordens religiosas antigas. O perfil da consagração que seus membros são obrigados a professar mostra essa tônica eclesial. Para Brenda Carranza, “[...] são um desdobramento específico das primeiras e desenvolvem um estilo de vida consagrada, ou seja, homens e mulheres abraçam os votos de obediência, castidade e pobreza” (CARRANZA, 2009, p. 40). Nos depoimentos colhidos por Júlia Miranda, se capta a noção que está ligada à “providência divina”, ou seja, as pessoas vivem exclusivamente na obra e da obra a qual se consagraram e não possuem recursos próprios (MIRANDA, 1999, p. 47). Num caráter descritivo Hébrard chama atenção para a radicalidade dos membros que contraem os votos religiosos de pobreza, obediência e castidade (HÉBRARD, 1992, p. 41). E como o traço da RCC predomina em sua base, a Comunidade de Vida é apostólica – no sentido de desenvolver trabalhos pastorais como fazem os padres e seminaristas – e comprova na atualidade sua semelhança com as ordens religiosas. “Apesar da sua actividade apostólica, estas comunidades estão marcadas pela oração contemplativa” (HÉBRARD, 1992, p. 41).

O carisma das Novas Comunidades passa a ser recorrente em todo o mundo tomando-se por base a experiência dos Estados Unidos. Existem muitos depoimentos sobre a pujança do Espírito e como os americanos espalharam seu desempenho. Uma organização integrada que nasceu fora e logo chegou ao Brasil, apontando aos estudiosos, para a década de 1970, como decolar do processo organizativo (MARIZ, 2011, p. 177). Um organismo, como o ICO (International Communication Office), foi embrionário e necessário para os grupos de oração desenvolverem-se nos vários países (MARIZ, 2011, p. 177) e, logo seu carisma se espalhou pela Europa, a ponto do Cardeal Suenens levar “[...] alguns líderes americanos da *Word of God* [...]” (HÉBRARD, 1992, p. 43) para Bélgica em 1976.

As Comunidades são estruturas de cunho espiritual e missionário que venceram a suposição de um carisma meramente fortuito, e hoje com forte liderança laical, surpreende vários setores da hierarquia dentro do catolicismo pela sua pujança (CARRANZA, 2011, p. 141). São várias as tendências e os carismas, predominando em suas fileiras os jovens que são atraídos por ideais de renúncia, castidade, pobreza e obediência incondicional. Essa submissão do membro da comunidade (homem ou mulher) é orientada por atitudes que tocam diretamente no sentido da liberdade e quem acaba catalizando essa forma de decisão da “alteridade” do outro é o fundador do carisma ou alguém vinculado diretamente a ele. O fundador da comunidade dita todas as regras e a maneira de viver a liberdade de seus seguidores (as), expressa que ele visibiliza a presença do próprio Deus.

A pluralidade desses novos estilos de carismas se confirma pela atenção e preocupação que os vários estudiosos da área da sociologia têm, e como eles vêm analisando, de forma acurada esse fenômeno. É o caso de Brenda e Cecília que assim descrevem essas novas modalidades de vida comunitária:

A RCC pode ser interpretada como um movimento religioso e social num sentido mais amplo, e não apenas como um movimento eclesial com certa burocracia e liderança, na medida em que se desdobrou em inúmeras iniciativas de caráter plural como são as *comunidades novas* (CARRANZA; MARIZ, 2011, p. 151. Grifo das autoras).

Toda essa avalanche das Novas Comunidades se caracteriza como um fenômeno na atualidade que não aconteceu por acaso ou de maneira esporádica na vida do catolicismo; ela é fruto de um processo organizado e coeso. Elas bebem da mesma “fonte ideológica” que a RCC e, se alinham as decisões de Roma, para defenderem uma moral excessivamente conservadora; com isso, ganham aporte e proteção de bispos e cardeais da Igreja (CARRANZA, 2009, p. 41). Alguns enxergam a organização da RCC como necessária e

outros a criticam. Mas, o fato concreto é que ela se impôs ao tempo e acabou determinando o aparecimento das Comunidades. Em seu artigo, Cecília Mariz assevera,

A organização ou burocracia parece ser vista como algo negativo. No entanto, para a mensagem do carisma sobreviver vai ser preciso a burocracia. Não é a burocracia que mata o carisma, esse morreria de um jeito ou de outro. A burocracia tenta ampliar através do tempo e do espaço os elementos inovadores trazidos pelo carisma (MARIZ, 2011, p. 175).

Comunidades, que de início modelam compromissos, e se fazem conhecer pelo seu carisma. São várias e para cada uma um fundador, a quem Max Weber nomeia com a categoria de “profeta”⁴⁸. Fundadores e comunidades que se espalham. Podemos nomear algumas como El Shaddai-Pantokrator, Santuário Maria Desatadora de Nós, Obra de Maria, Shalom, Toca de Assis e outras. Elas conseguem reunir jovens e adultos nos seus quadros e promovem eventos em conjunto, para significar o retorno dos fiéis ao catolicismo. Adotam restrições em seu meio, como por exemplo: “Não estudam, referenciam um estilo de Igreja que remonta ao Concílio de Trento e assim estabelecem em seus quadros um devocionismo tradicional [...]” (PORTELLA, 2009, p. 13-14), demonstrando o perfil de neocristandade que possuem para favorecer a seus adeptos um caminho de retomada espiritual com traços católicos e assim, diminuir a evasão para as igrejas pentecostais. Brenda Carranza confirma a pretensão:

Sob o influxo da espiritualidade carismática elas retomariam o ideário de vida comunitária cristã, espalhadas na utopia da neocristandade e identificadas com a preocupação da hierarquia de perder a cada censo seu rebanho para os pentecostais protestantes (CARRANZA, 2009, p. 141).

As Comunidades não são grupos de oração. Elas apresentam um modo de relacionamento que exige, e até mesmo obriga a presença de um líder e de regras para mantê-las dentro do perfil por ele designado. E mais, a experiência denota coesão e um estilo religioso de pertença que torna as pessoas “engessadas” e prontas a obedecerem a regras e cumprir tarefas, objetivando sua realização espiritual. A força do grupo se sobrepõe a do indivíduo, mesmo porque, ele recebe proteção dentro do grupo e deseja atingir uma meta estabelecida “a priori” pelo líder do grupo. Ele assemelha sua vida à vida do fundador daquele

⁴⁸ O objetivo aqui é descrever a figura de um líder. Ele é portador de um carisma. E como muitos “carismas e profetas” têm surgido em meio a essas Novas Comunidades, são personagens de pura renovação e que ficam atreladas as leis da Igreja Católica, nunca ensejando romper com a instituição. Usando uma linguagem Weberiana: “[...] profeta que anuncia de novo uma revelação antiga [...]” (WEBER, 1998, p. 303). Trata-se de um “renovador” ou de alguém que atualiza para a cultura de hoje, o espírito de vida das primeiras comunidades cristãs.

grupo que possui um carisma especial. Nessa direção, Júlia Miranda apresenta um depoimento esclarecedor:

Os grupos de oração são pessoas que se reúnem para orar, mas elas não vivem tanto em comunidade. Já a comunidade, o que caracteriza é o testemunho coletivo de vida. São pessoas que firmam um pacto entre si, com responsabilidades, com comprometimento. As pessoas são mais compromissadas, tendo em vista a aliança com Deus, tendo em vista o estabelecimento de regras. Há regras a serem seguidas em toda comunidade (ANÔNIMO, apud MIRANDA, 1999, p. 49).

Trata-se, portanto de um fenômeno que ganhou corpo no catolicismo carismático do Brasil. Não é uma experiência exclusiva daqui, é claro, mas tem sua peculiaridade. Monique Hébrard apresenta – com experiência francesa – a questão num viés bem diversificado, deixando transparecer nos seus estudos o valor dessas modalidades de vida para o fortalecimento da Igreja Católica e seu trabalho evangelizador.

A França é o país europeu campeão de todas as categorias em matéria de criatividade comunitária. As comunidades produziram um tal impacto que, durante muito tempo, uns dois mil grupos de oração permaneceram na sombra antes de encontrarem – depois do Pentecostes de 1988 – a sua autonomia e representatividade próprias (HÉBRARD, 1992, p. 37).

O poder de consolidação dessas, que Carranza intitula de “[...] fiéis bastiões da neocristandade [...]” (CARRANZA, 2009, p. 41), segue desafiando um estilo de Igreja mais clerical e ao mesmo tempo aponta para um modo paradoxal de existência. Forma padres em suas casas (MIRANDA, 1999, p. 52-54) só que para manutenção de suas atividades e quem sabe, para suprir o gosto de romanização que muito predomina no catolicismo atual. Essas comunidades são muito fortes. Trabalham em cima de modelos paradoxais pouco vistos. Esse é um ponto que atrai imensamente. Elas transitam entre a “mobilidade e abertura grupais à rigidez de pertença e seguimento de regras” (MIRANDA, 1999, p. 53) que muitos encaram na atualidade como loucura. De qualquer sorte, elas são “[...] *pequenas células fervorosas* [...]” (CARRANZA, 2009, p. 41), que continuarão a crescer e muito, sobretudo no Brasil. Aqui, seus fundadores são pessoas consideradas santas e de alto potencial heróico, a ponto de mudar o rumo da vida de muitas pessoas. No início do carisma, e ainda hoje, Pe. Jonas Abib⁴⁹ é

⁴⁹A história do Pe. Jonas Abib teve início em 1964. Dentro de um contexto conciliar, as ponderações sobre os rumos da Igreja eram intensos. Iniciou sua vida religiosa na Congregação Salesiana – onde se ordenou sacerdote – fundada por São João Bosco, cujo carisma é trabalhar com a juventude. Existem vários textos que narram sua história e, a origem da Canção Nova. Na visão da pesquisadora Eliane Martins de Oliveira, Canção Nova e Pe. Jonas Abib tem como fonte espiritual comum “[...] o retiro pregado pelo padre Haroldo Rahm em 1972 [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 195). Ela vai discutir com outro pesquisador, o termo “Comunidade de Vida no Espírito”, usado para Canção Nova, como um modo de superar o mero academicismo formal e, segundo ela porque existe base nas “[...] interpretações etnográficas [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 198). Eliane Martins descreve a

assim reconhecido pelos seguidores na sua Comunidade de Vida e de Aliança e pelos que assistem a TV Canção Nova.

Na realidade do catolicismo brasileiro, percebe-se que o campo para atuação desses carismas continua em aberto. A palavra de ordem é a do fundador. A coragem de se manter acesa a trajetória iniciada, vem da providência. Todos os fundadores e membros das Novas Comunidades estão embebidos deste fator. Para os toqueiros, como são chamados os membros da Toca de Assis, vive-se “[...] no ideal de depender, em tudo, da providência divina” (PORTELLA, 2009, p. 13). E o mais contundente talvez seja o fundador da Canção Nova. “Vivemos da providência! A Canção Nova é a linda aventura de viver, nos dias de hoje a total dependência de Deus” (ABIB, 2010, p. 44). Esse clima de exaustiva confiança em Deus se dá sobremaneira no estilo de vida, com que outra comunidade se disseminou pelo país: trata-se da Toca de Assis⁵⁰.

comunidade em sentido numérico e à época contabilizava com “[...] cerca de 300 membros em sua casa-sede e um total de mais de 600 membros, se contabilizados os participantes distribuídos nas 30 (trinta) casas-filiais de missão [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 195-196). Num livro de 2010, como se fosse uma autobiografia, aparece o histórico do carisma. Há princípio uma realidade muito incipiente. O próprio Pe. Jonas afirma: “Tudo nasceu de uma história vivida. Nunca criamos regras, leis ou normas” (ABIB, 2010, p. 9). Mas toda iniciativa desse porte é precedida por fatos inauditos. Sempre se dá com fundadores de “carismas” situações de intuição, iluminação ou um sonho. E com Jonas Abib e Canção Nova foi diferente. Por isso, ele registra dois acontecimentos que podem ser chamados de fundantes: o primeiro foi a leitura de Mateus 16,15b, e ele narra que sentiu-se como “[...] São Paulo a caminho de Damasco” (ABIB, 2010, p. 11), era o mês de julho de 1964. Um arrebatamento. E o segundo, foi seu contato com o bispo de Lorena D. Antonio Afonso de Miranda, que lhe apresentou o documento promulgado pelo papa Paulo VI chamado *Evangelii Nuntiandi* (Evangelização no Mundo Contemporâneo), n. 44. Ao lerem, o coração de Jonas Abib bateu forte e em 1977, juntamente com 12 pessoas – eram na maioria jovens – continuou realizando vários encontros e retiros quando viajando de trem entre Lorena e Queluz no Vale do Paraíba-SP sentiu a moção chamada por ele de “absurda”: vamos morar juntos e formar uma comunidade abandonando todas as atividades de família e etc (ABIB, 2010, p. 33). “No dia 2 de fevereiro de 1978 iniciávamos a Comunidade Canção Nova com nosso primeiro compromisso” (ABIB, 2010, p. 33). E, para fomentar o debate sociológico, se faz necessário argüir a capilaridade ou não dessas comunidades na órbita católica. A Canção Nova passou a ser enxergada de forma diferente com sua aprovação pela Santa Sé. Reconhecida e aprovada nos seus estatutos, a Comunidade Canção Nova passou a ser Associação Privada de Fiéis, segundo os cânones 298, 311 e do cânon 321 a 329, no dia 12 de outubro de 2008 (ABIB, 2010, p. 211-212).

⁵⁰Instituto de Vida Religiosa, fundado pelo padre Roberto José Lettieri. “A comunidade de vida toma a forma de um instituto religioso, subdividido para homens e para mulheres, cujo nome oficial é Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento” (p. 13). A percepção inicial que se tem é de um grupo de jovens (rapazes e moças) obstinados pelo resgate da vida medieval como se deu com São Francisco de Assis. As vestes e atitudes lembram o período: usam a tonsura na cabeça, vestem-se com roupas de “saco”, andam de sandálias ou de pés descalço e cuidam de mendigos e pessoas abandonadas pelas ruas das grandes cidades. A tendência, segundo Portella é de crescimento, devido ao impacto que causa tamanha atitude em pelo século XX. Ainda em 2009 a Comunidade apresentava os seguintes números: “Atualmente, a organização conta com mais de 2.000 aderentes em sua fraternidade de vida religiosa consagrada, espalhados em cerca de 120 casas pelo Brasil e exterior” (p. 13). Cada passo dos integrantes da Comunidade é fundamentado na oração e na obediência irrestrita ao fundador. Essas atitudes são características comuns nas Comunidades de Aliança e Vida. O processo de submissão àquele que possui o carisma é imenso. “Além de certa veneração pelo fundador, o Pe. Roberto, tratado como um santo vivo. Tudo isto talvez possa também explicar a atração que a Toca de Assis exerce sobre

Esses carismas oriundos da RCC, encontram-se numa perspectiva de avaliação, visto que se aproximam os cinquenta anos da celebração de abertura do Concílio Vaticano II. Movida dentro ou a partir de sua dinamicidade, a RCC com as Novas Comunidades certamente se indagarão: como se desdobrará e se discutirá no campo religioso a espiritualidade carismática? Os sinais internos e externos parecem indicar um cenário de imensa longevidade. Porém, algo é notório: a RCC e suas Comunidades fazem parte da história eclesial do catolicismo brasileiro do século XX.

os jovens: a figura de um grande pai (o Pe. Roberto); a possibilidade de usar os meios juvenis seculares para a expressão da fé; o idealismo de se voltar a um modelo de Igreja considerado como mais verdadeiro e que deve ser restaurado (atendendo, assim, a algumas características idealistas e contestadoras da juventude).” (p. 14). Características que merecem relevo na Toca de Assis: *identificação com o Cristo pobre no irmão e para salvá-lo se busca força na adoração eucarística que pode chegar a “três horas diárias e de joelhos”* (PORTELLA, 2009, p. 174. Grifo nosso); *a Toca não adere e não fornece estudos sistemáticos, ou seja, um combate a racionalidade que é próprio da modernidade; uma concepção tridentina de Igreja, revelada no desejo de salvar padres e clérigos dos pecados do mundo e do diabo e uma profunda crença na providência divina, corroborando o estilo da RCC*. Essa última vertente se confirma pelo despojamento do Instituto Toca de Assis. As casas onde moram, “[...] em sua grande maioria, não pertencem ao Instituto, mas são cedidas, emprestadas ou alugadas por benfeitores e dioceses” (PORTELLA, 2009, p. 172). Por último, vê-se que há uma confluência de elementos pré-modernos, modernos e até pós-modernos nos membros da Toca de Assis. Essa leitura provoca uma análise teológica e social, quando mostra a possibilidade da imbricação de posturas e desejos que se encontram latentes no ser humano. Ao mesmo tempo em que rejeita os ditames da sociedade consumista, a Toca de Assis realiza seus shows e trabalha a corporeidade com danças e teatros e gestos bem afetivos, confirmando tendências da pós-modernidade. Para Rodrigo Portella, o traço da “subjetividade” nomifica esse discurso e dá traços bem diferenciados a essa Comunidade que só cresce no Brasil. “Porém, numa sociedade e Igreja inseridas na modernidade, ao menos até certo ponto, o fato de pessoas voltarem, defenderem e propagarem um estilo de vida que tem uma identificação maior com determinado modelo de passado não deixa de ser uma atitude pós-moderna, de reinvenção subjetiva de algo buscado num passado ideal e primitivo” (p. 16). As inserções que foram feitas entre aspas e com citação de página, correspondem ao artigo de Rodrigo Portella, intitulado “Toca de Assis: viver uma vida pautada na diferença” e que se encontra na Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 307, Ano IX, de 8 de set. 2009, p. 13-16.

3. A IDENTIDADE RELIGIOSA DO CONVERTIDO E SUA RELAÇÃO COM A MODERNIDADE

A construção da identidade está intimamente ligada a um contexto cultural, social e religioso – dentre outros – no qual, o sujeito está inserido e dele se alimenta ou interage. Passando por algumas etapas da história no ocidente, nota-se como essa identidade foi sendo construída, e também como os estudiosos das ciências sociais lograram grandes dificuldades, que hoje explicitamente se vêem, para conceituá-la. Não existe unanimidade no assunto e evitam-se conclusões ou formulações definitivas.

Por isso, pode-se elencar como ponto de apoio a racionalidade do período iluminista, da qual adveio uma forma de identidade codificada que se firmou em toda modernidade, a saber, o sujeito individualizado. “O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação [...]” (HALL, 2006, p. 10). Essa postura individual se fortaleceu e teve em René Descartes (1596-1650), um dos expoentes mais importantes. Stuart Hall destaca a contribuição de Descartes:

As coisas devem ser explicadas, ele acreditava, por uma redução aos seus elementos essenciais à quantidade mínima de elementos e, em última análise, aos seus elementos irreduzíveis. No centro da ‘mente’ ele colocou o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar (HALL, 2006, p. 27).

Já o tempo chamado de pós-moderno apresenta uma concepção diferenciada do sujeito e de sua identidade. Na elaboração desse trabalho, essa visão torna-se importante pela “fluidez” e instabilidade que causa na formação e na própria condição da identidade existir diante dos desafios atuais. Por certo, não existe mais identidade “unificada e estável”, o que significa dizer que elas são múltiplas e até mesmo “contraditórias” (HALL, 2006, p. 12).

O sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa nos moldes estabelecidos pela cultura tradicional. Ele se vê – por não ter consciência muito clara do que esta acontecendo, acaba não notando as mudanças rápidas na cultura e na sociedade – dentro de um processo indefinido e que escapa ao seu domínio. Em si mesma, a pós-modernidade, enquanto base histórica, para se discutir o “sujeito”, não possui uma conceitualização matematicamente racional. No âmbito do domínio lógico em que a modernidade se postava como detentora da “identidade” houve uma transição, e, ainda, um deslocamento do papel do sujeito contemporâneo visto com uma identidade instável e inconstante. Não se tem mais uma

segurança do que seja a identidade acoplando-a ao sujeito histórico. A marca da transitoriedade, da opacidade e sobremaneira do laço tênue é o que predomina mudando o panorama atual. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente; em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 12-13). Desabroçam e/ou surgem situações de apatia no convívio social e também religioso que não se percebe sem um olhar crítico acentuado. É preciso muito discernimento. O esvaziamento de formas e métodos religiosos antigos acabou gestando uma forte *elaboração de identidade*, só que no campo privado. História de vida linear entre o “nascimento e a morte” não existe. Pensar nos dias atuais em uma identidade única, “[...] completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13).

O assunto ganha em polaridade quando se observa que, em meio a tantos desafios históricos, como o relativismo e o secularismo, vários fiéis ou pessoas ligadas a grupos religiosos definidos – como carismáticos, assim chamados os que pertencem a RCC, ou cursilhistas, ou de grupos pentecostais – estão à procura de uma identificação. Ou seja, elas procuram superar uma etapa crucial que se chama de ‘crise de sentido’, onde a própria existência se sente vazia e, em boa parte, tal esvaziamento é o reflexo do embate desigual com uma sociedade moderna que cria “instituições especializadas na produção e comunicação de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 68). Habitados com a normalidade da vida e sem muitos arroubos na sua identificação com a fé e seus valores religiosos, agora se sente questionado e busca em associações religiosas, grupos filosóficos e em Novos Movimentos Religiosos, a segurança perdida. A proposta da RCC, dentro desse quadro de perdas e desafios é oferecer proposta/caminho de vida espiritual que faça o fiel encontrar a sua identidade católica e nela fixar sua vida. Por isso, no caminho traçado pela Igreja Católica, durante o século XX, essa busca de identidade foi marcante e deveras intensa. Tudo isso se deu em grande parte “pelo enfraquecimento” das instituições religiosas mais antigas, que passaram a não dominar intensivamente a vida dos seus fiéis como antes, e sendo assim, passou-se a observar de maneira explosiva “[...] uma notável retomada das conversões” (LÉGER, 2008, p. 107) onde os “indivíduos” seguiram a procura de experiências pessoais.

A figura do convertido no século XX surge na discussão, por ela ser importante na elaboração de práticas e conceitos que redundam na identificação ou também na reafiliação. Ora, que tipologia é essa? Como identificá-la com clareza? O reafiliado é “[...] aquele que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal, ou vivida a

mínima, de maneira puramente conformista” (LÉGER, 2008, p. 111). É uma figura que cresce muito na atualidade. Na verdade, o contexto que queremos destacar é o das pessoas que se sentem despertadas a procurar as raízes de sua vida religiosa, apesar dos atropelos e proposições da modernidade. E, seguindo a proposta “[...] de que as identidades modernas estão sendo "descentradas", isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2007, p. 8), nada mais produtor do que avaliar os desdobramentos dessa fragmentação no universo religioso. Esse descentramento redundava em um sujeito variável, trôpego, inconstante que procura “remédios” ou caminhos espirituais para sua segurança. A RCC possui condições para apontar esse caminho, sobretudo a partir de 1990, quando identifica o fiel seguidor do Movimento com seu cerne espiritual que é a ação do Espírito Santo. A RCC sabe que a identidade se dá com clareza na “Conversão,” e por isso a coloca como tema principal de suas atividades. O convertido tem identidade a qual se consolida na postura do fiel convertido e não abre mão de sua experiência com Deus.

Dentro da própria Igreja Católica, a preocupação em compreender melhor o significado dos novos tempos, das novas ideias e dos novos desafios trazidos pela modernidade, aconteceu no período pós Concílio Vaticano II. Ele foi como que um marco sócioeclesial muito denso. Antes, porém, alguns acenos ou bases para um possível diálogo com a sociedade moderna são vistos nos documentos de Pio XII. Durante seu pontificado – 1939 a 1958 – a Segunda Guerra Mundial causou grandes danos à sociedade e à Igreja. Acusado em alguns momentos de “omissão”, seu pontificado também é lembrado como bem centrado e austero e de grande defesa da Igreja como esposa de Cristo, conforme sua encíclica “*Summi pontificatus*” de 20 de outubro de 1939. Guido Zagheni recorda,

De fato, o diagnóstico da crise do mundo contemporâneo que acabou desembocando no conflito bélico, era análogo ao que já se tornara tradicional nos documentos do papa Ratti: a raiz estava na recusa a uma norma de moralidade universal e à própria lei natural, consequência do abandono da doutrina da Igreja e do seu eixo – a divindade de Cristo – verificada no início da idade moderna e no processo de laicização, que excluía Cristo da vida moderna, sobretudo da vida pública (ZAGHENI, 1999, 307).

Entre contestações e aplausos parece que Pio XII deixou as bases para o Vaticano II. Suas encíclicas abordaram temas e campos distintos. Vislumbrou bem a discussão em plena voga sobre a vida litúrgica e como ela influencia na vida da Igreja. Conhecida como *Mediator Dei* de 1947, essa encíclica “[...] provocou uma maior participação dos fiéis nos ritos católicos [...]” (ZAGHENI, 1999, p. 311). Antes dela, foi promulgou mais duas, apontadas como um

sinal histórico para introduzir uma nova maneira da Igreja se portar ante o mundo do trabalho, da cultura e da exegese bíblica (ZAGHENI, 1999, p. 311). Pio XII teve sua relevância e Zagheni comenta:

Publicou grandes encíclicas, que revelam uma preocupação altamente religiosa e que deixaram profundas marcas na Igreja, antecipando – em não poucos aspectos – algumas linhas do Vaticano II: *A Mystici Corporis* de 1943, dedicada à teologia da Igreja como corpo místico (ZAGHENI, 1999, p.310).

O Vaticano II foi extremamente feliz quando apontou em seus documentos esse caráter desafiador sem postar condenações antecipadas. “O gênero humano encontra-se hoje em uma fase nova de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro” (GS, 4). São tempos de apreensão e de angústia, que delineiam uma nova estruturação social, política, cultural e religiosa, a qual não permite ao ser humano emitir respostas ingênuas e sem fundamento com a própria realidade que o questiona cotidianamente.

Mergulhado em uma sociedade de resultados que cobra eficiência, o ser humano sente-se confuso, no que diz respeito aos caminhos antigos da sua prática religiosa, pois descobre que eles não respondem mais as suas inquietações. É como se buscasse respostas a partir de métodos religiosos antigos e só encontrasse provocações. Os valores religiosos nos quais foi formado agora carecem de fundamento e não podem ser praticados por simples tradição. Sente que o momento é de crise profunda e a própria sociedade em que ele vive, provoca suas convicções religiosas, formadas no passado e o coloca em rota de colisão consigo mesmo, com os outros e com aquilo que aprendeu de seus pais. “Entendemos bem, todavia, que “continuidade” não significa “imutabilidade”. Em todas as sociedades, a continuidade é garantida na e pela mudança” (LEGÉR, 1998, p. 57). Ao aproximar-se das mudanças, o ser humano pode tomar o caminho do recrudescimento ou da abertura total perante o novo. Na perspectiva religiosa, não é diferente. Ela exige maior sensibilidade e prudência. O encontro com o novo é sempre desafiador e pode alterar a conduta, o costume, as práticas e a ótica com que um fiel/religioso, a partir de dentro do seu segmento olha as realidades em transição no lado de fora.

A modernidade chegou para destronar essa forma religiosa herdada do passado e como em outras épocas da história da humanidade – na Revolução Francesa⁵¹, por exemplo – o abalo é sentido em todas as dimensões que formam a sociedade, onde o dado religioso acaba também sendo visado. “Já podemos falar então de uma verdadeira transformação social e cultural, que repercute na própria vida religiosa” (GS, 4). Ela, enquanto disciplinadora de caminhos dogmáticos⁵² e hierárquicos fica num plano secundário, não ocupa mais o centro.

Outras transformações, como na política e na economia, preocupam em demasia quando o tema é vivência religiosa. A sociedade consumista é cada vez mais frenética, provoca outras solicitações e coloca em pauta outros verbos como concorrer, crescer na perspectiva profissional, correr e competir para ganhar do outro enquanto meu concorrente. Imitar as virtudes cristãs e ser bondoso não cabe na sociedade que privilegia o “tempo”. “Grassa na cultura de hoje um novo determinismo, extremamente infausto aos pobres. De fato, os processos em curso: primazia do mercado, globalização, avanço tecnológico, são apresentados como inexoráveis: nada haveria a fazer, senão adaptar-se” (BOFF, 1998, p.31). O resultado imediato é descartar formas de vida espiritual como no passado. “Enfim, procura-se com afã uma organização temporal mais perfeita, sem que o crescimento espiritual progrida ao mesmo tempo” (GS, 4).

O desgaste de certas formas institucionalizadas da religião – no que pese sobremaneira ao catolicismo – foi forjando um modo plural de a religião existir que não se pode falar em

⁵¹ Movimento social e político ocorrido na França no final do século XVIII. Foi inspirada nas idéias do iluminismo e derrubou o Antigo Regime francês instaurando um Estado democrático. Como data crucial, aponta-se o dia 14 de julho de 1789 quando ocorreu a famosa Queda da Bastilha.

⁵² A discussão sobre esse tema é contumaz. A Igreja Católica sempre esteve ligada a definições de ordem dogmática. O dogma é uma verdade absoluta e imutável, definitiva e que não pode ser negada nem mesmo pelo Papa. Eles, os dogmas, tem seu fundamento na revelação divina e sua definição e proclamação se dá mediante à autoridade Suprema do Magistério da Igreja Católica, formado pelo Papa e os Concílios Ecumênicos. Temas polêmicos e que foram definidos pela Igreja como por exemplo: a Santíssima Trindade e a pessoa de Jesus Cristo com duas naturezas – uma divina e outra humana – foram promulgados nos primeiros Concílios da Igreja como Nicéia, Calcedônia e Éfeso.

modelo único de prática religiosa. Faustino Teixeira sublinha com propriedade a variação dentro do catolicismo,

Não dá para situar o catolicismo brasileiro num quadro de homogeneidade. Na verdade, existem muitos “estilos culturais de ‘ser católico’”, como vêm mostrando os estudiosos que se debruçam sobre esse fenômeno. São malhas diversificadas de um catolicismo, ou se poderia mesmo falar em catolicismos (TEIXEIRA, 2010, p. 17).

Toda essa situação tem levado as pessoas a redescobrirem novas formas de pertença. “O *catolicismo oficial*, como outras instituições religiosas tradicionais, encontra-se num momento de crise e declínio” (TEIXEIRA, 2010, p. 18, Grifo do autor). Por mais que se insista na capacidade religiosa das instituições sobreviver, o dado pessoal deve ser pesquisado com insistência. Agora é a experiência subjetiva que predomina na vida religiosa. Assistimos a uma queda-de-braço no campo religioso brasileiro. As formas institucionalizadas da vida religiosa não desapareceram, mas tiveram que ceder o lugar para outra maneira de se viver e celebrar a religião que é o campo pessoal e fortemente subjetivado. Pierre Sanchis confirma em uma entrevista o seguinte traço,

Paradoxalmente, junto com uma tendência de enfraquecimento e privatização da religião, alarga-se, e torna-se mais público, o âmbito do que se poderia chamar certa experiência religiosa, mas esta experiência vai se tornando independente das instituições que, até agora, costumavam enquadrá-la. Isso não quer dizer que estas instituições tendam a desaparecer. Sem dúvida, pelo menos algumas delas se enfraquecem; mas outras – ou as mesmas em outros momentos – podem eventualmente se afirmar e fortalecer. O que muda, de modo geral, é a relação do fiel com a sua instituição de referência. Nesta relação, é o pólo do indivíduo, da subjetividade até, da experiência pessoal, que passa a assumir a primazia (SANCHIS, 2011, p. 1-2).

Este aceno de forte individualidade pode também contrastar com o núcleo da própria modernidade de seus arquétipos de sujeitos–indivíduos. Ou seja, não é mérito da modernidade como tal o surgimento da individualidade. “Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto “vívida” quanto “conceptualizada” de forma diferente” (HALL, 2007, p. 25). Ademais, o sujeito religioso pode construir um caminho “místico”, pessoal e individual. Antes mesmo da modernidade no que se costuma chamar pré-modernidade, a prática do recolhimento era comum entre várias tradições religiosas. “A história da mística cristã pode ser inteiramente lida, deste ponto de

vista, como uma história da construção do sujeito religioso” (LÉGER, 2008, p. 139-140). Como exemplo, podemos citar São Pacômio⁵³.

O destaque do traço subjetivo ajuda no processo de conversão que passa a ser um elemento identificador dessa nova pertença religiosa. Os fiéis de um determinado grupo religioso e/ou Igreja desejam ardentemente encontrar com Deus. Querem refazer suas experiências e colocam-se como convertidos de um processo imaginário, depois mais concreto e, por fim real, cujas necessidades entram na discussão de seus projetos religiosos e, quanto mais eles estão convencidos de que devem procurar a Deus, mais procuram elementos pessoais que facilitem sua realização espiritual. São novos tempos e novas configurações. Alguns movimentos ligados à dimensão pentecostal⁵⁴ do cristianismo incorporaram ou ajudaram muitas pessoas a encontrar esse caminho. Cecília Mariz reflete bem sobre esse traço complexo:

O discurso sobre religiosidade contemporânea tem enfatizado a prioridade da experiência sobre a instituição ou organização religiosa. Em geral, os fiéis se referem apenas à mensagem ou a uma experiência mística especial para explicar sua atração e perseverança em participar de um determinado grupo ou movimento religioso (MARIZ, 2011, p. 169).

A Renovação Carismática é um desses movimentos que trouxe no seu bojo este traço de uma experiência religiosa bem pessoal, e aglutinou muitos fiéis que passaram a identificar-se com seu projeto, colocando a conversão como horizonte a ser alcançado. Essa conversão era vista como uma necessidade imediata de sobrevivência, em dois sentidos: tanto para ter longevidade, enquanto ser religioso e desejoso de ter encontro com Deus, tanto para escapar do esmorecimento e da desregulação da crença que as instituições tradicionais estão passando. “De maneira bastante surpreendente, o fim do século XX, marcado pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições religiosas [...] (LEGÉR, 1998, p. 107), foi propício para que as pessoas pudessem individualmente traçar caminhos de conversão. Nesse momento histórico, fica claro que o interesse maior está na própria sobrevivência do crente – enquanto

⁵³Pacômio (292-348). Contra sua vontade foi alistado no exército romano quando tinha 20 anos, e mantido em cativeiro. Ali conheceu cristãos que alimentavam os famintos e consolavam os aflitos, o que causou forte impressão nele, fazendo um voto de investigar mais a fundo o Cristianismo quando saísse de lá. Por fim conseguiu sair do exército sem ter lutado, converteu-se e foi batizado em 314. Então conheceu alguns ascetas e decidiu seguir o mesmo caminho, procurando por Palemon e tornando-se seu discípulo em 317. Não quis ser ordenado sacerdote. Preferiu a vida ascética e, conta-se que para não se ordenar fugiu da companhia do bispo Santo Atanásio. Ele é venerado em várias tradições, inclusive, na Igreja Ortodoxa e na Luterana.

⁵⁴ Pentecostal aqui significa aqueles grupos que se originaram a partir de uma experiência com o Espírito Santo. No capítulo primeiro, pág. 17 apareceu uma nota promenorizada sobre esse tema.

convertido – e na preservação dos traços religiosos que ele traz para o embate numa sociedade tão conflitiva.

O convertido está presente de maneira bem difusa na nossa modernidade religiosa. Ele é peça fundamental para compreender, como adeptos de grupos e movimentos religiosos, como a RCC, sentem-se seguros na avassaladora urbanização das nossas cidades que descaracterizam as relações antes dotadas de proximidade e convívio grupal intenso. Ele oferece a possibilidade de estudiosos, como Danièle Hervieu-Léger, poder investigar o fato de uma experiência religiosa mexer tanto com a sociedade, a ponto de fazê-la compor-se de maneira bem diversa. “Estudos tipológicos muito úteis mostram que a conversão, apresentada pelos envolvidos como a experiência mais íntima e a mais privada que seja, é um ato social e socialmente determinado [...]” (LEGÉER, 1998, p. 108). Sem dúvida, o convertido assume um lugar relevante de figura religiosa para o estudo da sociologia, enquanto ciência, preocupada com as mutações sociais, culturais e com as mutações dos fenômenos religiosos que alteram significativamente o desenvolvimento da sociedade.

3.1 A conversão como elemento histórico dentro do cristianismo

A dimensão religiosa na vida dos fiéis tem ganhado muita repercussão na sociedade brasileira, com o aumento em larga escala dos grupos e segmentos religiosos diversificados em pleno século XX. Algumas instituições, anteriormente inabaláveis como o catolicismo no Brasil, veem-se em situação bem conflituosa e com declínio acentuado a partir da metade do século XX. As informações abaixo de Cecília Mariz são contundentes:

Não surpreende, portanto, que nos últimos censos do Brasil venha se observando uma queda crescente no percentual da população católica com respectivo aumento da proporção de evangélicos e dos que se dizem sem religião. Desde meados do século XX a população católica vem diminuindo em termos relativos, mas essa queda tem se acentuado nas últimas décadas (MARIZ, 2006, p. 53).

Toda essa constatação tem levado muitos estudiosos a perceberem que queda numérica pode significar, por outro lado, que existem muitos católicos reavivando ou reacendendo sua maneira de vida cristã dentro da Igreja, ou mesmo em outros lugares. Ou seja, católicos que estão qualificando sua prática religiosa. “Essa revisão sugere que a queda na proporção de católicos parece estar sendo acompanhada por um relativo reavivamento religioso, e mais ainda por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico” (MARIZ, 2006, p. 53).

As estatísticas são importantes, sobretudo na complexidade do discernimento religioso na sociedade atual. Mas elas não medem suficientemente o influxo do mistério na vida de um convertido. Elas podem ajudar a constatar mudanças objetivas que ocorrem numa época determinada. As atitudes dos que se convertem extrapolam os dados e as estruturas. Elas marcam um estilo de vida que cresce sempre na proporção do reencontro com o sagrado. No caso dos que se tornam “renascidos” (HÉBRARD, 1992, p. 15), a perspectiva é sempre do ilimitado. Quando a pessoa se acerca de um movimento com características de renovada conversão, o ímpeto é sempre grandioso. “Enquanto alguns dizem que o movimento está a estagnar, David Barrett atribui-lhe um crescimento global de 19 milhões de membros por ano” (HÉBRARD, 1992, p. 15). Essa é apenas a faceta de um movimento – o Carismático católico – eclesial que trabalha dentro dessa perspectiva; mas, existem outros movimentos e grupos dentro e fora do catolicismo que trabalham com pessoas que readerem a uma vida religiosa.

Hervieu-Léger assinala que é sintomática essa conversão como “processo de identificação” e como ela capacita as pessoas a uma “[...] identificação religiosa nas sociedades modernas, e o desejo de uma vida pessoal reorganizada [...]” (LÉGER, 2008, p. 125). Essa atitude de identificação se dá de dentro para fora, ou seja, a pessoa se sente questionada em suas posturas e se abre para um confronto inevitável com certas formas de relativismo e de pluralismo que dissipa “seus valores” e sua busca de sentido – usando uma linguagem de Berger e Luckmann – fazendo-o precaver-se contra todo excesso de subjetivismo que a modernidade apregoa. Na prática, se constata uma busca constante pelos ideais da conversão e de uma vida espiritual mais cheia de fervor. Ela pode se configurar como um passo mais consistente de um processo na vida de pessoas ou de grupos; o primeiro pode ser a rejeição da vida que leva sem motivação e sem alegria definida. Daí surge numa oportunidade inesperada e cheia de intuições espirituais, o reavivamento, que coloca de novo a pessoa em um caminho de equilíbrio espiritual e reencantamento com a vida.

O ser humano impregnado do senso religioso tende a procurar por Deus. Na própria condição humana sempre soa um alerta quando essa tentativa está desgastada e quando o sistema sócio-político anuncia que “morreram as utopias, cedendo espaço a uma sociedade sem alma” (BRAKEMEIER, 2002, p.13). Acrescenta-se, sem gosto e sem direção que tenta desmobilizar as pessoas do objetivo que acreditavam antes. Esse hiato pode ser repensado. No horizonte das religiões existe espaço de sobra para as utopias. Elas fornecem ao ser humano a capacidade de lutar e de mover-se na busca incontestada de sua identidade. Há nele um desejo

constante de realização. A identidade concede ao ser humano um impulso incontrolável de transcendência. É preciso matizar essa questão sem deixar de vê-la como realidade natural do próprio ser humano. Parece ser um processo que mesmo interrompido por questões que lhe são extrínsecas, acaba sendo de novo despertado pelo anseio de preservação, seja da própria vida, ou da própria identidade religiosa um dia desfigurada ou perdida.

Nesse caso em que o ser humano busca inexoravelmente uma identidade de fé, e essa, pode se dá pela via do cristianismo, as crises de sentido que a vida atual desperta pode ajudar o sujeito – o fiel religioso – a descortinar uma vida mais feliz e motivada a partir de seus encontros e desencontros com símbolos religiosos de sua fé. Haja vista que se difunde cada vez mais a preocupação com o gozo momentâneo. Tudo passa a ser codificado de maneira transitória e valores que antes davam sentido a vida – sobretudo nas sociedades mais tradicionais – acabam por desaparecer ou esconder-se do indivíduo levando-o a enfrentar maiores dificuldades em sua busca espiritual. “O indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 39).

Entra em cena o modelo plural de se conceber a vida e as coisas. Ele ataca enormemente o sentido que a vida tem. Diversifica enormemente as opções religiosas e outras que são inerentes as pessoas. Tudo passa a se fragilizar; mesmo a religião. Talvez o fator mais engenhoso no surgimento de crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo não seja o pretenso secularismo moderno, mas o moderno pluralismo. Pois, já que tudo é tão diverso e multifacetado não vale à pena lutar por valores estáveis. O melhor é curtir e imiscuir-se na prática do gozo subjetivado. O bem-estar pessoal, a saciedade dos meus sonhos e desejos e a busca de uma felicidade individual tomam o lugar dos caminhos outrora concebidos como absolutos; agora se descortina uma “nova religião”, ou seja, constrói-se uma inaudita capacidade de tudo ser individualizado. Religião é vista como refúgio individual. Religião como suporte das carências e da descoberta de um novo caminho espiritual que contemple a individualidade, supostamente dita pela modernidade o critério de qualquer vida integrada.

Não se trata de opor religião e modernidade de forma quase adversa e cheia de animosidades. Nem um caso e nem outro. Existem sociedades com traços modernos em demasia como nos EUA e na Europa, em que o crescimento do senso religioso é imenso. A intensidade de uma vida devota ressurgiu com tantos movimentos religiosos. Então, a questão não é o esvaziamento religioso e sim a privatização dos elementos que compõem a fé. Esses, internalizados pela pessoa/fiel são direcionados a uma espécie de satisfação momentânea. Um

bálsamo que cura dores e projeta uma idéia cada vez mais comum de submeter o coletivo ao prazer religioso de libertação, um prazer efêmero e pessoal.

Esse caráter diverso da satisfação imediata destoa de outros momentos da história do próprio cristianismo. Não foi essa durante muito tempo a proposta singular da Igreja com seu traço de catolicidade. Ela se impõe hoje devido a uma cultura religiosa fragmentada e cheia de interrogações onde o que se destaca é o primado da individualidade no âmbito da fé.

Os Novos Movimentos Religiosos que surgem e dentre eles a RCC alimenta uma conduta mais subjetivada. Mesmo quando contempla os ditames da hierarquia católica e exacerba em sua doutrina moral com traços conservadores, a Renovação Carismática endossa uma prática bem alternativa em seus quadros de vida espiritual. Numa leitura de caminhos de conversão, dá-se destaque imediato para figuras individuais que foram fiéis ao chamado de Deus. E a proposta é de incentivar as pessoas – os seus fiéis seguidores – a se identificarem com propostas de conversão que lhes permitam retornar, permanecer e perseverar na Igreja, tendo a RCC como a recondutora de sua conversão.

Uma leitura minuciosa da história da humanidade e particularmente de algumas tradições religiosas com seus caminhos espirituais específicos – como islamismo, hinduísmo, cristianismo, judaísmo– mostra como elas foram capazes de mudar a história de pessoas numa determinada época e contexto seja de adversidade ou de abundância espiritual, já que toda tradição religiosa demarca seu tempo, com características bem acentuadas de acontecimentos e pessoas que influem na sua época.

Paulo de Tarso é mostrado na história do cristianismo como um que se deixa conduzir pelo Espírito de Deus e modifica seu caminho. No itinerário da conversão, as próprias estruturas religiosas tentam explicar o desejo e a ansiedade do ser humano pela descoberta do sagrado, mas não identifica na profundidade o mistério que envolve a mudança na vida da pessoa. Paulo, quando mergulha no caminho de Cristo, sente a força da conversão e torna-se modelo de todo seguidor de Jesus na igreja primitiva (Atos dos Apóstolos 9,1ss).

Mudança de rumo num campo religioso determinado, para experimentar uma nova configuração na vida também pode acontecer. No final do século XIX, a história moderna registra o caso de Edith Stein (1891-1942). Filha de uma grande família judia, professora universitária e mulher erudita, Edith teve contato com a autobiografia de Santa Teresa de

Ávila por volta de 1921, que marcou definitivamente sua vida. Assim descreve Maria Clara Bingemer num artigo:

Nascida numa família judia muito religiosa, seu processo de conversão foi uma grande dor para ela e para sua mãe e irmãos. Mas o Judaísmo foi sempre por ela considerado como a escola onde aprendeu os ensinamentos básicos de Jesus Cristo e do Evangelho (BINGEMER, 2011, p.3).

Vê-se que quanto mais intenso é o caminho do convertido, também mais intensa será sua pertença a uma tradição religiosa que ele entra em contato pela primeira vez. “Para um grande número desses novos fiéis, a conversão marca o ingresso em um universo religioso em relação ao qual eles eram, até então, completamente estrangeiros” (LÉGER, 2008, p. 110). Ou, então, que ele deseja retornar tendo como suporte a oração ou outra atividade espiritual que redescobriu como necessária. “Em cada caso dessas figuras, a conversão marca a entrada em um ‘regime forte’ de intensidade religiosa” (LÉGER, 2008, p. 112).

A conversão seja no caso do catolicismo ou em outras tradições religiosas é uma marca paradoxal. Quebra barreiras no mundo pessoal e até no familiar. Às vezes separa e às vezes congrega. Mexe, desinstala a pessoa e é sempre fruto de um encontro pessoal com Deus – no caso dos católicos carismáticos – presente na pessoa de Jesus Cristo. A vida de quem se converte e se abre ao novo supera as instituições e seus ditames. É uma realidade muito dinâmica que sempre aposta na ação do Espírito. Ela acontece em diversos momentos, mas o desejo do encontro com Deus fica óbvio nos depoimentos. Um desses é citado por Carranza,

Comecei a freqüentar grupos de oração lá em Toronto e logo comecei a rezar em línguas e logo mais comecei a escutar a voz interior de Deus e desejei ardentemente me ordenar sacerdote. Toda a dúvida que estava em meu coração sobre ordenação foi embora. Então realmente foi uma experiência de Deus (DOUGHERTY, apud CARRANZA, 2000, p. 94).

A retomada da vida com Deus se expressa de diversos modos e extrapola a condição de leigo, consagrado, sacerdote diocesano⁵⁵ ou mesmo sacerdote pertencente a uma ordem religiosa⁵⁶. Tanto é assim, que o próprio Concílio Vaticano II reconheceu a força indelével dos fiéis leigos quando proclama que pelo sacerdócio comum – originado pelo batismo – todos podem concorrer à santidade e espalhar o amor de Cristo. Trata-se de um modo novo de olhar a vivência batismal e expressar de forma visível os elementos que brotam da conversão

⁵⁵ Aquele que é ordenado por um bispo e passa a viver incardinado numa diocese ou igreja particular como nomeia o cânon 265-266 no Código de Direito Canônico.

⁵⁶ Também é ordenado como padre mais diferentemente do diocesano, ele continua ligado a uma ordem religiosa pelos votos de obediência, pobreza e castidade (ex.: franciscano ou carmelita ou beneditino). Conferir o cânon 265-266.

como a vida nova, a paz interior, e uma vida de oração mais profunda. O Vaticano II abriu possibilidades para o reencantamento com a vida espiritual e deixou que a Igreja estabelecesse essa passagem ou mediação, sem, no entanto arvorar para si a decisão de interromper essas experiências. A todas as pessoas é concedida uma vivência nova pelo Espírito. E a constituição sobre a Igreja *Lumen Gentium* assim proclama:

Cristo Senhor, Pontífice tomado dentre os homens (cf. Heb 5,1-5), fez do novo povo “um reino e sacerdotes para Deus Pai” (Apoc 1,6; cf. 5,9-10). Pois os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, para que por todas as obras do homem cristão ofereçam sacrifícios espirituais e anunciem os poderes d’Aquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cf. 1Pd 2,4-10) (LG, 10).

No caminho traçado pelo Vaticano II, os Novos Movimentos Eclesiais apostaram nessa dinâmica de conversão interior e em uma nova postura missionária. Eles ofereceram guarida a novas experiências, trazendo para o catolicismo novas demandas no campo religioso. Caminhos e propostas de conversão e no entender da Igreja, sopro do Espírito. Brenda Carranza assim confirma essa nova configuração:

Um dos efeitos desse *aggiornamento* resultou nas diferentes modalidades de associações e agrupamentos dos leigos na Igreja como: Equipes de Nossa Senhora, Encontros de Casais com Cristo, Comunhão e Libertação, Cursilhos de Cristandade, Opus Dei, Focolares, Schonstatt, Neocatecumenais e Renovação Carismática Católica (CARRANZA, 2000, p. 27. Grifo da autora).

As conversões foram agrupando pessoas em torno de movimentos de caráter apologético – ou seja, com atributos de defender a vida de fé da Igreja Católica – com leigos assumindo coordenações mais sempre apelando para atividades – como encontros e seminários – que levassem a uma redescoberta interior. Apareceram os retiros, surgiram novas práticas de oração pessoal e comunitária. Nas Igrejas passou a ser cultivado com bastante frequência os encontros com lideranças católicas jovens e adultas, para dar corpo a essa nova tendência. O catolicismo no Brasil estava do ponto de vista histórico e eclesial, entrando num novo cenário que iria marcar todo o século XX, com novos programas, atividades espirituais diferenciadas e dinâmicas geradoras de conversão. Sempre enfocando o lado intimista. “Passar-se-á para um cenário quase oposto. Em vez da instituição, triunfará o carisma. Em vez da lei objetiva, a subjetividade. Em vez do clima controlado das normas litúrgicas, a exuberância da emoção” (LIBÂNIO, 1996, p. 48). Vê-se que há nessa proposta elementos que vão destoar do catolicismo hierárquico e tradicional. A grande investida será no caráter da experiência pessoal e não tanto da racionalidade. “O cenário futuro acentuará

esse surto religioso e carismático com todas as suas consequências. No interior da Igreja, a experiência no Espírito sob diversas formas multiplicar-se-á” (LIBÂNIO, 1996, p. 52-53).

3.1.1 A conversão como enfoque próprio da RCC

A Renovação Carismática Católica aposta no caminho da conversão porque ela ajuda no fortalecimento espiritual da vida dos fiéis, e também dá maior segurança a suas estruturas enquanto Movimento. “Tanto a renovação espiritual, quanto a reconversão na *experiência pentecostal católica*, constitui-se numa experiência chave para atrair católicos afastados para dentro da Igreja [...]” (CARRANZA, 2000, p. 125).

Na medida do encantamento de cada um a experiência com os modelos de pregação que a RCC oferece ajuda para o fiel seguidor retornar ao seio católico. Sua identificação com a RCC passa pelo desejo de uma vida mais santa, ligada aos moldes do Movimento Carismático e, por isso, anseia pela conversão. Aposta nela com insistência e procura a RCC não se preocupando com as questões extrínsecas que são debatidas por teólogos ou pastoralistas. O Movimento Carismático desperta ainda, em muitos estudiosos, a suspeição de uma retomada do catolicismo ligado à hierarquia romana. As pesquisas são diversas nesse sentido. Seria uma forma de manutenção? Uma estratégia de sobrevivência eclesial? Brenda Carranza enfatiza os motivos dessa ligação: “A respeito da vida sacramental, estudiosos coincidem na observação de que a RCC representa um resgate da Igreja romanizada que enfatiza na vivência de seus fiéis a adesão às experiências sacramentais e à doutrina católica” (CARRANZA, 2000, p. 125-126).

Mas, quando ela enfatiza as questões doutrinárias e sacramentais que são próprias do catolicismo tradicional, ela acaba fazendo uma releitura pastoral da realidade brasileira desde os anos de 1980 e “impondo” uma forma convincente de busca espiritual.

Vê-se, nesse projeto, um perfil aparentemente ambíguo, pois desde o seu nascedouro aqui no Brasil ela passou de um movimento trazido e acompanhado por sacerdotes – como os jesuítas Eduardo Dougerthy e Haroldo Rahm – para um movimento bem articulado, além do alcance que a hierarquia católica poderia interferir. Até os estudiosos da área apontam para divergências – clero e RCC – e divergem entre si sobre essa relação. O cardeal Suenens famoso por acompanhar e escrever sobre a RCC é precavido e categórico (HÉBRARD, 1992, p. 51). E mais, aqui no caso do Brasil as constatações se opõem. Brenda Carranza acentua os paradoxos:

Contudo, a RCC para ser aceita e se autolegitimar dentro da Igreja teve de percorrer um longo trajeto, não sendo fácil e tranqüila sua expansão no contexto eclesial. É por isso que é difícil concordar com a afirmação de Reginaldo Prandi, falando sobre as origens da RCC: “*logo encontrou na hierarquia da Igreja apoio indisfarçado*” (Prandi, 1996, p. 159). Segundo o exposto anteriormente, a hierarquia posicionou-se ao longo desses anos conforme sua opção ideológica e seus temores doutrinários, portanto esse apoio referido por Prandi nem foi imediato e nem se tem dado de maneira homogênea na hierarquia (CARRANZA, 2000, p. 140. Grifo da autora).

No entanto, a linha espiritual da RCC cresce e mobiliza muita gente. O expediente da conversão é bem trabalhado e não se esgotará na perspectiva desse trabalho. A intenção é descrever como as coisas acontecem, de modo a formar uma nova convicção entre os fiéis católicos, que acabam por incidir de maneira bem ampla e contundente no campo religioso brasileiro atual. A RCC ocupou no século XX, um espaço bem definido no catolicismo, e seus desdobramentos são vistos, no tocante às estatísticas, na relação com o clero e até na sua relação com outros grupos eclesiais dentro da própria Igreja Católica. Faustino Teixeira enxerga com contundência o crescimento do movimento:

Em sintonia com esta preocupação de “readesão” ao catolicismo, atuam novos movimentos eclesiais, em particular a Renovação Carismática Católica (RCC). São movimentos que agem numa linha distinta de outros núcleos eclesiais que estiveram particularmente ativos nas décadas de 70 e 80, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e as pastorais sociais. A RCC centra sua vida religiosa na “esfera da intimidade”, no incremento a grupos de oração centrados na emotividade. Mas também organiza e promove eventos litúrgicos massivos, visando apresentar um catolicismo que seja mais sedutor e atraente para a população. É visível o crescimento do número dos católicos carismáticos no Brasil, ou das pessoas que estão envolvidas com atividades relacionadas ao movimento. Fala-se em 12,6% da população total do país” (TEIXEIRA, 2010 p. 2).

A RCC quando promove retiros, seminários, acampamentos ou outras formas de encontro espiritual, na verdade está querendo confirmar que existe no ser humano um profundo desejo de Deus, que é papel inerente à religião apostar no retorno, na busca da vida espiritual e na sua constante conversão. Ela se esmera para provar tudo isso com suas estruturas em paróquias e dioceses brasileiras. Sobretudo, é claro, onde o movimento encontra apoio incondicional de padres e bispos. Hébrard comenta que no Brasil e em toda América Latina, os bispos veem com bons olhos a RCC por causa da “[...] descoberta da pessoa de Jesus”, grandes e frutuosas conversões e um ‘fervor litúrgico e sacramental’ em meio ao povo [...] (HÉBRARD, 1992, p. 55). No questionário, um sacerdote diocesano assim se expressou: “Como sacerdote cultivo o traço de ‘Espiritualidade Renovada’, mas não estou diretamente

ligado ao movimento. E na diocese, essa opção não encontra objeção, pelo menos abertamente” (VAS).

Os leigos católicos seguem se dedicando à espiritualidade carismática com afinco. Ela provoca em muitos a redescoberta da fé católica, fazendo-os percorrer itinerários de conversão e até de mudança de movimento dentro da Igreja católica. Chega a ser arrebatador e constante os depoimentos que foram coletados. Em alguns questionários há uma predominância, no tocante ao tempo de ligação, entre as pessoas e a RCC. De acordo com o questionário que foi aplicado e respeitando aqueles (as) que devolveram na condição de preservar o anonimato, foi possível o levantamento dos seguintes dados: 68,75% dos entrevistados participam da RCC num tempo que vai de doze (12) a vinte e sete (27) anos⁵⁷. Realmente um período bem longo o que denota certa maturidade no envolvimento com a espiritualidade carismática. Um dos participantes corrobora o porquê do motivo em procurar a RCC: “Tive experiência na Legião de Maria, mais o acolhimento, a escuta da Palavra de Deus, adoração e louvor me trouxeram para a RCC. Desejo profundo de conversão e de um encontro mais íntimo com Deus Pai” (EFS).

Os temas tocados na RCC se relacionam profusamente com os desejos dos fiéis que a procuram, visto que eles se identificam e convidam outras pessoas para experienciar também essa realidade. Explicita-se, então, o crescimento de núcleos de oração e apoio ao movimento, destacando-se especificamente o grupo de oração. “O grupo é aberto a pessoas de fora e oferece, aos que o desejam, uma caminhada de preparação para a efusão do Espírito” (HÉBRARD, 1992, p. 40). É nele, como vimos no primeiro capítulo que a base da RCC se autoafirma. Depois de conhecer o grupo e aprofundar sua fé, o leigo se volta para o trabalho externo da Igreja. E, de posse da missão, vêm as moções e palestras das quais o binômio conversão-salvação marca um campo bem delineado na identificação religiosa. Esse traço abre a necessidade de muitos investimentos nessa proposta, por parte da RCC.

O ideário conquista e rejuvenesce porque as pessoas, na sua maioria, comparam a vida que levavam no mundo – linguagem comum na RCC – com a santidade que a Igreja propõe mediante sua doutrina. Esse é um eixo forte na RCC e atinge até a dimensão familiar, resolvendo situações de rejeição. Um depoimento sobre isso é esclarecedor: “[...] o desejo de um encontro mais íntimo com Deus Pai me fez reviver algo que estava mal resolvido em

⁵⁷Conferir o anexo um no qual encontram-se os questionários usados na pesquisa. A distribuição foi para 40 pessoas. Há princípio 22 acenaram com o retorno; mais apenas 17 corresponderam e a partir das respostas foram formuladas as observações dentro do universo dos dados.

minha vida, a minha relação com meu pai” (ESM). O esforço para chegar à santidade invade o universo imaginário das pessoas e como conseqüência da conversão assumida perante o grupo do qual faz parte, o fiel carismático sente que necessita da salvação e, por isso, logra renunciar ao pecado e a tudo que possa impedir esse seu crescimento espiritual, e conseqüentemente sua salvação.

A conversão e salvação se tornam um forte binômio na RCC. Passa a ser uma grande meta que pode se iniciar num retiro de carnaval ou num “acampamento de cura e libertação⁵⁸” – como os carismáticos costumam chamar – e é alimentado com muita música, adoração a Jesus na Hóstia Consagrada⁵⁹, louvor e pedidos de oração constante. No caso da conversão, ela é buscada todos os dias com perseverança e vigilância. Já a salvação se conquista, sobretudo no âmbito da fé e quando o fiel adere às doutrinas do catolicismo. A RCC não mede esforços para ser o lugar de santidade e insere em seus programas a convicção de que por ela e nela, o católico readquire as graças perdidas numa vida longe de Deus e de sua palavra santa. Nesse aspecto há uma aproximação gigantesca da RCC com o pensamento da hierarquia católica. Os estudiosos apontam para esse liame em alguns aspectos. Brenda sinaliza para o seguinte:

Nesse duplo posicionamento, sobre questões dogmáticas e doutrinárias, a RCC se localiza como sendo o refúgio da valorização doutrinária do catolicismo romano. Para os bispos, segundo foi assinalado anteriormente, o fato de a RCC pregar com insistência sobre a necessidade de renovar a devoção mariana, freqüentar os sacramentos e acolher incondicionalmente as normas da Igreja é um consolo pastoral (BRENDA, 2000, p. 143).

A relação entre os ditames do catolicismo institucional e a RCC ganham corpo e penetram na vida religiosa dos seus seguidores, reafirmando sua identidade de “convertido”, quando entra em cena a figura de Maria. Seu culto se caracteriza até como limite para a RCC se afirmar como católica e não como pentecostal (CARRANZA, 2000, p. 143-144).

⁵⁸O Acampamento de Cura e Libertação tem para a RCC fundamento no Antigo e no Novo Testamento. Multidões seguiam Jesus para ouvi-lo e, não tendo lugar para dormir ou se hospedar, acabavam montando tendas ao seu redor, de modo que pudessem estar sempre próximos ao Senhor. Pe. Jonas Abib foi um dos sacerdotes no Brasil que deu início a esses encontros com jovens para anunciar a palavra de Deus e assim propagar o Evangelho como deseja a Igreja. Logo, acampamento de oração, é mais do que um espaço geográfico, é um momento onde as pessoas se reúnem para estar mais próximos de si mesmas e de Deus, de seu Amor infinito; sem distinção de idade, raça ou pastorais ou grupos distintos da Igreja.

⁵⁹ Adoração ao santíssimo sacramento é realizada pelos católicos com a hóstia que o sacerdote consagra no decorrer de uma missa. Na hóstia, eles acreditam que Jesus se faz presente e se colocam em adoração que pode ser de uma hora até um dia dependendo da circunstância adotada pela Igreja. Exemplo claro dessa devoção é o dia de Corpus Christi ou Corpo de Deus que se celebra no Brasil como feriado nacional.

A Sagrada Escritura fala sobre Maria, os documentos do Magistério⁶⁰ da Igreja também. No primeiro, veem-se imagens e figuras que representam a fé do católico e o coloca em prontidão na luta contra o mal. “Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas” (Apocalipse 12,1). No segundo também e, como a conversão é um processo árduo e complexo, o ser humano acaba recorrendo àquelas fontes que o aproximam de Deus. Maria ajuda no encontro com Cristo e com a conversão definitiva. Rogar a ela, tem-se a certeza de ser atendido. Na visão católica, ela ocupa lugar relevante na história da salvação. A constituição dogmática *Lumen Gentium* assim proclamou:

As Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, como também a veneranda Tradição, mostram o múnus da Mãe do Salvador na Economia da salvação com sempre maior clareza e a apresentam como digna de nossa consideração. Os livros do Antigo Testamento descrevem a história da salvação na qual o advento de Cristo neste mundo é lentamente preparado. Estes documentos primitivos tais como são lidos na Igreja e interpretados à luz da revelação posterior e plena, manifestam com sempre maior nitidez a figura da mulher, Mãe do Redentor. Vista sob esta luz, ela já é profeticamente esboçada na promessa dada aos primeiros pais caídos no pecado, quando se fala da vitória sobre a serpente (cfr. Gén. 3,15) (LG, 55).

E ainda mais se fortalece a RCC quando o papel mariano é colocado em relevo. É um modo estratégico de a RCC atuar. Ela procura na devoção, o espaço para provar sua fidelidade à Igreja. E os carismáticos entendem o recado. Enquanto isso, se apresenta como bem aceita pela hierarquia da Igreja no Brasil, recebendo anuência de parte do episcopado. “A devoção mariana que a RCC enfatiza é uma das razões que faz com que os bispos cada vez mais aceitem a RCC nas suas dioceses [...]” (CARRANZA, 2000, p. 144).

O traço mariano é essencial para um movimento, que pretende se colocar como acesso vital para que os católicos afastados, retornem ao seio da Igreja. Na busca ou no reencontro com sua índole religiosa, muitos católicos abraçam de novo sua identidade, antes ameaçada ou esmorecida. É uma postura de vigilância frente a outras concepções religiosas e, que mostra toda a luta da RCC, para afastar dos seus seguidores qualquer semelhança com o pentecostalismo e reafirmar perante a hierarquia da Igreja que ela possui suporte católico. Péricles Andrade clareia bem essa separação:

⁶⁰Segundo os ensinamentos da Igreja, o Magistério é composto pelo papa e pelos bispos em união com ele, o Romano Pontífice. Tem o papel de ensinar e salvaguardar as doutrinas da fé. “O ofício de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo” (DV 10).

As diferenças entre carismáticos e pentecostais centram-se no *culto à Maria*. Para os católicos é a Santa Mãe de Jesus, da Igreja e de todos os cristãos, digna de todos os louvores; para os protestantes, uma mulher que recebeu uma graça especial e que deve ser lembrada como um exemplo de conduta, não mais. Movidas por sua ânsia de renovação espiritual, os carismáticos fomentam o culto à Nossa Senhora, colocando-se como premissa insubstituível na salvação dos homens. Com seu apego à Maria, cria-se uma marca explícita de separação entre pentecostais e carismáticos. Os segundos são pentecostais, mas com Maria (PRANDI, 1998: 125-142) (ANDRADE, 2004, p. 211. Grifo do autor).

Com essa descrição mariana, a RCC se coloca nos braços da Mãe de Jesus e provoca a sensibilidade dos seus seguidores. Ela captou os sentimentos devocionais mais urgentes do povo católico brasileiro. Essa “dependência” mariana se transforma em um ímã espiritual para os fiéis. Todos os trabalhos envolvendo a RCC terão essa marca identitária. O Pe. Jonas Abib – fundador da Canção Nova – dá toda direção de sua obra à Maria. “Maria é uma presença discreta, mas muito real em nossa vida de operários de Deus” (ABIB, 2010, p. 131). E, sem hesitar chega a uma conclusão paradigmática: “Posso dizer sem medo: “Na Canção Nova foi ela quem fez tudo; nada se fez sem sua participação. É ela quem nos conduzirá à plena realização da missão para a qual o Pai nos criou Canção Nova” (ABIB, 2010, p. 133).

3.2 O reafiliado como tipologia do convertido

As instituições religiosas, no século XX, passaram por momentos de muito desgaste. O que se verificou, no primeiro capítulo, quando se abordou o Concílio Vaticano II, foi uma questão de intensa mudança ocorrida nas relações da Igreja Católica com a sociedade moderna. Ele preconizou uma virada eclesial mas não pôde prever de que forma e em que condições elas ocorreriam. As vozes que se levantavam contra, eram fortes; outras a favor e, a disputa era intensa. “Para alguns, com o anúncio do Concílio, a Igreja Católica estava saindo da ‘segurança das trincheiras e baluartes em que se havia fechado, para o fascínio da busca” (BEOZZO, 2005, p. 11). Para que arriscar tanto, se no parecer de teólogos romanos, o Vaticano I já tinha resolvido as questões da Igreja? Não era mais preciso nenhum concílio (BEOZZO, 2005, p. 11). E o papa João XXIII cheio de otimismo procurava dar uma fisionomia menos condenatória a Igreja, fazendo-a mais acolhedora, e no tocante à pastoral, mais misericordiosa. Tempos difíceis para o papa. A busca pelo diálogo e consenso nas questões relacionadas com a sociedade era a tônica do papa João. E, Oscar Beozzo assim descreve:

Outra marca inovadora do Concílio convocado pelo Papa era seu caráter ‘pastoral’. Nenhuma grande divisão ou heresia ameaçava a Igreja, nem queria o Papa condenar erros ou pessoas, mas sim buscar, pelo diálogo, remédios pastorais para as aflições e indagações dos fiéis e da humanidade (BEOZZO, 2005, p. 12).

O fato do Vaticano II trazer na sua elaboração pastoral uma nova maneira de enxergar os problemas do homem e da mulher na modernidade, não impediu o que os sociólogos chamam de uma intensa “desregulação institucional”. Tudo devia ser questionado, inclusive, a maneira das instituições conduzirem a religião sob sua perene custódia. O século XX provou que a autonomia do ser humano no que tange a religião, seria bem amarga para o cristianismo e outros credos. Danièle-Hervieu Léger sublinha:

As crenças se disseminam. Conformam-se cada vez menos aos modelos estabelecidos. Comandam cada vez menos as práticas controladas pelas instituições. Tais tendências são os maiores sintomas do processo de ‘desregulação’ que caracteriza o campo religioso institucional no final do século XX (LEGÉR, 2008, p. 50).

O caminho, que se postula para o crente, é de uma identidade religiosa onde ele próprio faz a sua escolha. Livre dos ditames que são defendidos pelos representantes da esfera religiosa, que, tanto pode ser padre ou pastor e das formulações doutrinárias, o homem que crê decide buscar o sagrado à sua maneira e refazer sua experiência religiosa, escolhendo onde – lugar – como, que é o modo e para que – sentido – seguir uma religião. As perguntas são muitas e ele passará por intensos conflitos. Vislumbrará muitas propagandas ligadas à fé, a cura e a outras soluções que tanto o neopentecostalismo, como os Novos Movimentos Religiosos colocarão na agenda plural do séc. XX.

Essa diversidade religiosa é deveras muito acentuada. Um fenômeno inconteste na sociedade moderna. Por isso, “a própria expansão do pluralismo e do relativismo”, acabam gerando comportamentos “religiosos” extremamente subjetivados. “O traço peculiar e irresistível dessa paisagem é a ‘individualização’ e ‘subjetivização’ das crenças e praticas. Um claro exemplo dessa tendência vem visualizado pela autora na “nebulosa místico-esotérica” (TEIXEIRA, 2011, p. 4). Portanto, esses fatores podem despertar a conversão, a busca de nova experiência e a reafiliação. O desejo de encontrar um caminho espiritual dita as regras para o comportamento na vida de muitas pessoas. O fato, do trabalho de pesquisa ser na linha do catolicismo, aponta exatamente o esforço que a RCC vem fazendo para ser esse suporte. Portanto, a RCC vê a conversão como caminho de maturidade espiritual; *estimula* a conversão para que o reafiliado se desenvolva no campo da fé; e, ainda, *investe* na sua metodologia, como sendo eficaz para oferecer mecanismos de reencontro da pessoa com Deus. Reencontro

e afirmação de uma identidade religiosa escolhida por ela. Contudo, mesmo que tenha ingressado no catolicismo por intermédio de outras pessoas (pais, avós, padrinhos), postula agora uma nova realidade e, é responsável diretamente por sua escolha. A reafiliação passa a ser um modo de se portar no caminho religioso escolhido. Se a divulgação e a metodologia da RCC convence, o convertido se sente abraçado e acolhido numa proposta que não mais largará. O caminho de reencontro que se delineia é irreversível. Nisso, o fiel seguidor da RCC aposta.

A própria modernidade ajudou a descaracterizar a força das identidades religiosas que foram herdadas e que sustentavam o modo de viver no passado. O que prevalece agora é a decisão do sujeito que passa a governar sua vida sem se importar com as normas da religião que outrora exerciam força sobre ele. Uma posição arraigada numa racionalidade difusa que descarta ou deslegitima os traços da religião que não podem ser comprovados diante da autonomia nem do secularismo moderno. A modernidade exalta e abre caminho para o fortalecimento da subjetividade. E Hervieu-Léger descreve como ela expõe sua premissa:

O que é especificamente ‘moderno’ não é o fato de os homens ora se atermem ora abandonarem a religião, mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi-se tornando ilegítimo, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis (LÉGER, 2008, p. 34).

A questão colocada em foco por Hervieu-Léger se confirma quando a religião deixa de ser um aspecto essencial na vida das pessoas e de atração coletiva. As buscas agora seguem outra direção: a individualidade. Nesse caso, a posição defendida no trabalho não é de um juízo negativo sobre a realidade. Trata-se antes de uma constatação sobre os fatos que se apresentam e põe em debate o aspecto religioso. “Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são assunto de “opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja” (LÉGER, 2008, p. 34).

Dentro desse contexto, é possível analisar que o “reafiliado” se situa em um clima religioso bem paradoxal. Ele se encontra com a RCC e dentro da RCC para poder facilitar seu retorno às fileiras do catolicismo. Só que essa experiência será travada a partir de suas escolhas individuais. Mesmo dentro da RCC sua integração oscilará. A RCC mesmo com traços fortemente conservadores não pode ser vista como um “movimento inocente” e manipulável. Tem seus paradoxos. Dentro do esquema que redundou nos “*Novos Movimentos Religiosos*,” ela possui o poder de articular métodos e prover a necessidade espiritual dos seus

seguidores, tendo em vista a conversão dos mesmos e a manutenção de seu espaço na Igreja. Os autores nesse campo divergem. Libânio argumenta que ela – bem como esses “Novos Movimentos Eclesiais” – é plural mais que oscila. “Caracterizam-se pela pluralidade, variedade, crescimento rápido, ora integrados na instituição eclesiástica, ora a margem dela” (LIBÂNIO, 2002, p.33). Já Péricles Andrade apresenta a RCC dentro de um esquema voltado para dentro da instituição. “Seu programa defende e apresenta uma moralidade tradicional centrada na família, na sexualidade e nos costumes estreitos da vida quotidiana” (ANDRADE, 2004, p. 211). Creio que as posturas não se contradizem. Apenas ressaltam o alcance da RCC no catolicismo atual.

Outra evidência interessante é que, na diversidade do próprio catolicismo, a prática religiosa é bem heterogênea. Existe o católico “misseiro”, aquele que vem às celebrações dos dias santos e datas festivas. Pode até revelar tradição rica e ao mesmo tempo complexa, mas não convence muito. “No caso do catolicismo, constata-se que o número de praticantes, ao contrário da tradição protestante, é reduzido, se comparado com a grande massa dos católicos, que mantêm “frouxos vínculos nominais” com sua tradição religiosa” (TEIXEIRA, 2010, p.3). Essa “fatia” grande de católicos não se envolve nas atividades da Igreja para fora do templo. Apenas vive dos ritos e se considera praticante.

Em contrapartida, existe um número imenso de carismáticos que se dizem católicos romanos, veneram o papa e obedecem a seus ensinamentos (ABIB, apud CARRANZA, 2000, p. 144). Falam em romanidade, obediência, fidelidade e apostam no modelo católico de pura ortodoxia. E para confirmar certa dualidade entre os próprios católicos, é sabido que muitos não seguem “literalmente” à risca a orientação doutrinária da Igreja sobre o “uso de camisinha para evitar gravidez” ou até mesmo sobre o aborto e outros assuntos (CARRANZA, 2000, p.149). Existe uma variação imensa entre aquilo que a hierarquia católica prega e aquilo que os fiéis absorvem. Não há uma linearidade. É dentro dessa complexa relação religiosa que o seguidor obediente da RCC caracteriza o estilo de seu movimento e demonstra publicamente que se auto-identifica com ele.

Toda tentativa de homogeneizar o campo religioso católico é visto como em vão. Com sua conduta de reconquistar os fiéis, a RCC marca um modo peculiar na Igreja. Atrai os católicos para uma retomada da fé. Permanece dentro do espectro romano e com uma função de dobradiça que ora fecha e ora abre, estimula o indivíduo a aquecer seus múltiplos sentimentos pessoais. “É questionável se a celebração litúrgica cria um espírito comunitário ou se é simplesmente uma prolongação do individualismo moderno e pós-moderno”

(LIBÂNIO, 2002, p. 34). O reafiliado vai sentindo que a RCC é o lugar de sua realização espiritual.

3.2.1 As novas posturas do reafiliado

O reafiliado é uma figura que ganhou notoriedade no horizonte das buscas e das experiências religiosas no decorrer das transformações culturais e religiosas do século XX. No judaísmo, no islamismo e em outras crenças é forte a questão do retorno, pois “[...] a experiência da re-afiliação assume inicialmente a forma da descoberta da prática religiosa [...]” (LÉGER, 2008, p. 112). Como se vê, não é novidade apenas do cristianismo. Nele, há muitas bifurcações e também grupos que se assemelham, como é o caso da experiência dos fiéis carismáticos. Muitos retornam, redescobrem a fé pelo Movimento e ficam na Igreja Católica, dando resignificação à sua busca por causa do Movimento.

O protestantismo, como o catolicismo dos países ocidentais, oferece, hoje, exemplos múltiplos dessa dinâmica da re-afiliação, presente em particular (mas não exclusivamente) nos movimentos de renovação – do tipo neopentecostal e carismático – que oferecem a seus membros as condições comunitárias de uma experiência religiosa pessoal e fortemente emocional (LEGÉR, 2008, p. 111-112).

Não se trata de um fenômeno localizado apenas em um grupo social. Não é um estereótipo que se molda a qualquer grupo religioso e de forma equivocada almeja um momento de conforto espiritual. O reafiliado é um convertido que redescobre um segmento religioso, o qual devolve a garantia de viver “intensamente” sua experiência de fé. Ele crê na sua mudança e não esconde os motivos de seu retorno: oração mais intensa, acolhida dos fiéis que seguem o grupo e o amor de Deus manifestado em sinais na sua vida. Por isso, seu retorno é forte e radical e logo demonstrado pelas suas atitudes perante o grupo ao qual resolveu se engajar. O processo é contínuo e na RCC ele segue dois modos ou se possível chamar, dois blocos de interesse espiritual. É o que cita Brenda Carranza, dando destaque à transitoriedade de muitos católicos, que cessa quando entram em contato com a RCC:

De um lado os fiéis católicos que tiveram um trânsito religioso mais amplo, participando em outras religiões, mas ao terem contato com a RCC sofrem uma *reconversão*, isto é, voltam para o catolicismo. De outro lado, os fiéis católicos que sem terem saído da Igreja, tendo às vezes experiências só de migração interna (participar de diversos movimentos), ao entrarem em contato com a RCC sofrem uma *renovação espiritual*, reavivando assim sua religião de origem, a católica (CARRANZA, 2000, p. 124. Grifo da autora).

O convertido reafiliado não se encontra só nesse processo de uma religião em movimento e que muito desperta a atenção dos sociólogos. Existe também aquele que troca de

religião e o faz por motivos diversos. Às vezes, na religião em que está sente nostalgia de uma vida mais intensa de oração ou no abandono das coisas temporais; sente-se decepcionado com a religião que pratica e, por isso emigra para outra. É uma figura que Léger aponta como a inicial do seu estudo (LÉGER, 2008, p. 109). Uma figura comum na sociedade moderna.

A primeira é a do indivíduo que ‘muda de religião’, seja porque rejeita expressamente uma identidade religiosa herdada e assumida para adotar uma nova; seja porque abandona uma identidade religiosa imposta, mas à qual nunca havia aderido, para adotar uma nova (LÉGER, 2008, p. 109).

É outra categoria de convertido que ajuda no processo dialético de compreensão dos fenômenos religiosos atuais. No aparente descrédito das instituições petrificadas pelo tempo, surge a individualidade como novo paradigma de se possuir, de se alimentar e de se codificar um estilo de vida religiosa. Sem fixação, sem muita reflexão racional, sem a necessidade de construir sua busca em descobertas de cunho teológico. O que se vê com nitidez são as necessidades de cunho subjetivo.

O reafiliado é por natureza um convertido. Está disposto a viver com entusiasmo o caminho espiritual que havia perdido, só que de uma forma mais intensa e com vigor espiritual. Nesse caso, o caminho daquele que muda de religião ser diferenciado do reafiliado e ao mesmo tempo tão provocador. Eles são figuras descontentes com a vida que levam. Desejam mais, esperam mais, sonham com horizontes diferentes nos quais a experiência religiosa traga de volta sua felicidade. E, como a experiência espiritual cobra mais do indivíduo, o reafiliado se torna um observante fiel ao caminho que escolheu. Vai se tornar um crente destemido e exigente com ele mesmo. Não admitirá meio termo em suas decisões e, tudo isso provocado, até mesmo, pela ambiguidade e pela forma um tanto quanto amorfa da vida supostamente religiosa que ele levava antes.

Tudo aquilo que parecia normal e até natural na sua prática, agora não é mais. Procura observar e praticar novas condutas. Imerso pela reafiliação no universo carismático examina com prudência o que pode ou não fazer. A RCC vai nortear sua mudança de comportamento, como, por exemplo, fugir da permissividade que o mundo oferece; e insiste nesse traço. “Contrapondo-se ao clima dessacralizado, plural e permissivo da cultura em geral, ela cobra de seus membros um programa de vida no qual a espiritualidade e a fidelidade doutrinal e moral católicas constituem o eixo central” (VALLE, 2004, p. 102). O controle vai se verificar no modo de vestir-se, no domínio dos seus impulsos ligados a sexualidade e nesse caso, a

mulher sofre uma maior contenção porque a RCC mergulha no controle institucional que a Igreja sempre exerceu no Brasil. Brenda Carranza esclarece:

Assim a sexualidade no universo carismático é voltada para moralizar e disciplinar os impulsos sexuais, quando não se torna numa demonização da afetividade e da orientação sexual como último recurso para frear aquilo que, na sua concepção da sexualidade, a RCC condena como pecado. Essa última postura na Igreja não é nova, muito pelo contrário, ela acompanhou-a no processo de cristianização do Brasil (CARRANZA, 2000, p. 152).

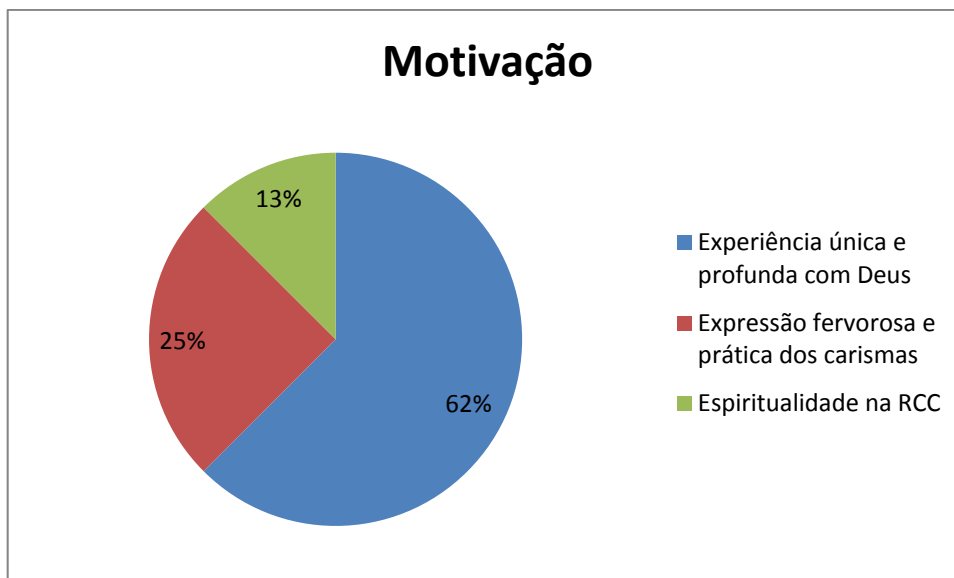
A predominância do grupo, a força da palavra de Deus, que escutada toca o coração do “convertido” o faz compor e recompor a vida com novas atitudes. Até na questão política, ele se envolve e deixa-se conduzir pelos ditames da RCC. Assim sendo, a RCC foi reafiliando novos fiéis e apresentando seu estilo de fazer política no Brasil, insistindo em seu modelo mais conservador e determinista (MIRANDA, 1999, p. 99).

Dentro desse quadro, o “reafiliado” está pronto para conviver com esse novo caminho espiritual. Ele, cheio de fervor encontrará na RCC o espaço que faltava para viver de novo cheio de motivação. Compreenderá a RCC como lugar para um encontro de cunho pessoal com Deus, já que o novo grupo que o acolheu – mesmo que seja dentro de sua religião – lhe oferece suporte. Léger aborda algo interessante que é a ligação entre “fé-vida” assumida com radicalidade por parte do reafiliado:

Mas o convertido raramente separa a observância e a escolha de uma “nova vida”: a prática, que marca sua integração na comunidade, manifesta também a reorganização ética e espiritual de sua vida, reorganização na qual se insere a singularidade de seu percurso pessoal (LÉGER, 2008, p. 112).

O entusiasmo impulsiona o fiel a procurar lugares onde possa ter conforto espiritual. As atividades corriqueiras que antes eram realizadas de forma aleatória e sem convergência, agora, são precedidas de oração e reordenadas pela leitura de um salmo na bíblia, de uma reflexão ou até a partir de um conselho. Motivado e religiosamente entusiasmado ele se sente capaz de edificar uma estrutura de vida diferente. De acordo com o levantamento dos dados⁶¹, este gráfico ilustra que 62% dos entrevistados afirmaram que a RCC é uma experiência única e profunda com Deus.

⁶¹Os dados do gráfico foram tabulados de acordo com os questionários. Na totalidade foram distribuídos para quarenta pessoas. Vinte duas acenaram positivamente. Um sacerdote diocesano respondeu. Também retornaram questionários de Comunidades de Aliança e de grupos de oração. Como foi pensado a princípio se trabalhar sobre a Emergência da RCC e seus desdobramentos pós-Vaticano II, pensou-se em não alargar muito a pesquisa devido aos dados que os autores também forneceram na leitura. Dos vinte e dois, apesar da insistência retornaram dezessete questionários.



Está preparado para arriscar dentro da Igreja Católica novas experiências religiosas. A RCC vai ajudá-lo através de seus ministérios de oração e intercessão. O Reino de Deus passa a ser o grande limite de sua busca. A perseverança é outra postura que ele vai alimentar constantemente. Sua identidade está em jogo. Convertido, não esquece os limites postos pela vida passada. Sempre nos grupos de cunho carismático, o destaque é dado ao pecado. Ele é o causador do distanciamento entre Deus e o fiel. Converter-se é abandonar de vez o mal e para perseverar é preciso muita vigilância. Crer na palavra, rezar, e viver em grupo, trazendo para ele os seus impulsos e sonhos. Péricles Andrade explicita como se dá essa vivência:

Esses momentos se baseiam em orações sob várias formas: louvor, ação de graças, orações contemplativas, orações em línguas, petições de graça e cura; os cânticos, que são uma forma de oração; o silêncio; o exercício dos dons carismáticos; a leitura da Bíblia; os testemunhos e as partilhas (ANDRADE, 2004, p. 211).

O convertido, com sua identidade religiosa, experimenta a crise da desregulação, pois, estando em xeque a transmissão religiosa oriunda do passado, percebe-se que “[...] a capacidade reguladora das instituições é questionada pela capacidade de autonomia dos indivíduos que podem rejeitar as identidades ‘pré-fabricadas’ [...]” (LÉGER, 2008, p. 72). Em meio aos conflitos de ordem cultural, social e religiosa, ele mesmo busca reconstruir “[...] seu próprio caminho de identificação” (LÉGER, 2008, p. 72). Uma religião como a católica, apresentada pelos métodos da RCC, acaba sendo essa porta. Agora re-encontrado, está disposto a viver intensamente sua “veia espiritual”. Os caminhos que outrora trilhou passam a ter valor apenas como um adubo espiritual para sua conduta religiosa reconquistada. Ele é um cristão renovado que não abre mão de suas prerrogativas. Mesmo estando dentro da religião,

constrói uma nova maneira de se identificar com ela e aposta no seu discernimento espiritual, para combater toda forma de relativismo que venha provocar rupturas na sua escolha. O convertido é um homem inserido numa prática religiosa de cunho paradigmático, que a modernidade acabou forjando, quando quis eliminar para sempre a religião da sociedade ocidental. Ou seja, apresenta uma postura diferente. Passa a crer que sua conversão é fruto da ação divina e não pensa mais em retroagir. Na perspectiva desenvolvida por Léger, ele reencontrou o fio condutor de sua interioridade:

De maneira geral, a ‘conversão de dentro, não significa apenas o reforço ou a intensificação radical de uma identidade religiosa até então ‘comedida’ ou ‘ocasional’: ela é um modo específico de construção da identidade religiosa que implica, de uma forma ou de outra, o questionamento de um ‘regime frágil’ de pertença religiosa (LÉGER, 2008, p. 113).

Os grupos que oferecem propostas de amadurecimento no campo espiritual estão de volta no cenário religioso do Brasil. A própria Renovação Carismática Católica se distingue nessa perspectiva. Muitos encontraram nela o caminho para dar corpo a essa retomada que foi chamada de reafiliação: pode ser leigo com uma formação mais alicerçada; também pessoas simples do povo que só frequentavam esporadicamente as celebrações das missas na Igreja católica. O reafiliado descobre sua identificação e aposta na espiritualidade do Movimento para construir um caminho de retomada com o evangelho de forma radical e segura. Um sacerdote demonstra essa coesão:

Creio que a relação que tenho com a espiritualidade da RCC é uma relação de identificação. Encontro nela o meu estilo específico de vida cristã. É evidente que a espiritualidade como um modo específico de viver a fé não pode ser fechada, mas é chamada a estar em comunhão com a 'grande espiritualidade da Igreja' e os demais caminhos de espiritualidade atuais, da mesma forma legítimos e autênticos (SCS).

Abordando a categoria defendida por Léger “O Convertido”, como aquele que expressa uma identidade religiosa, no contexto da modernidade, o fiel seguidor da RCC demonstra que escolheu um caminho. De agora por diante, irá desenvolver por meio da doutrina do grupo, os passos necessários para manter-se em sintonia com Deus. “O convertido manifesta e cumpre esse postulado fundamental da modernidade religiosa segundo o qual uma identidade religiosa ‘autêntica’ tem que ser uma identidade escolhida” (LÉGER, 2008, p. 116).

Na perspectiva apresentada no trabalho, a disputa do convertido é uma dentre outras, como o peregrino ou aquele que existe sem religião. A questão torna-se mais aguda quando se

nota a pertinência da modernidade nesse quadro de retorno ao religioso. Ela possui presença emblemática. A modernidade não fechou as portas para o dado religioso. Ela apenas foi obrigada a abrir “o processo de reorganização permanente do trabalho da religião, numa sociedade estruturalmente impotente para satisfazer as expectativas que ela é obrigada a suscitar para continuar existindo” (LÉGER, apud MIRANDA, 1999, p. 89). E mais, se é possível na atualidade falar em recusa deliberada a vínculos institucionais, porém a *experiência ansiosa* à procura de Deus e o “[...] surpreendente emergir do fenômeno religioso [...]” (LIBÂNIO, 2002, p. 21) continuam existindo de maneira expressiva. Muitos nomes se pronunciaram sobre esse retorno e o fato do foco religioso ser decisivo. Entre muitos teólogos está K. Rahner e o A. Malraux, um literato francês. A despeito do último, João B. Libânio comenta com propriedade sua impressão sob a religiosidade: “Esse testemunho soa mais estranho porque não se trata de nenhum teólogo espiritual, mas de alguém que se debateu entre a escuridão do agnosticismo e os lampejos de esperança no ser humano” (LIBÂNIO, 2002, p. 21)”. E mais, existe firme esperança de que o século XXI responda a muitas interrogações de ordem espiritual; por isso, Libânio cita no seu texto a Malraux: “Nossa civilização desde que perdeu a esperança de encontrar nas ciências o sentido do mundo, viu-se privada de todo fim espiritual” (MALRAUX, Apud Libânio, 2002, p. 22). De fato, a existência humana por meio de movimentos religiosos institucionais ou não clamam por respostas espirituais e anseia por “conversão”.

O lugar do convertido não está definido basicamente dentro de uma instituição, mas toma por base uma experiência que ele próprio acredita ser a porta de entrada para uma vida mais austera e conforme os desígnios de Deus. Depois, poderá até mover-se dentro de uma comunidade eclesial ou Comunidade de Vida. Suas posturas evidenciam o caráter de uma pessoa em busca de discernimento. Está à procura de um espaço ou de um tempo que julga ter perdido quando abandonou sua fé. No questionário aparece essa transição:

Não escolhi a RCC como caminho espiritual e sim a Comunidade Católica Shalom, que possui um carisma próprio e sendo assim, um itinerário espiritual particular, reconhecido pela Igreja, O que me fez escolhê-lo foi a experiência que tive com Deus dentro de um seminário de vida, organizado pela Comunidade em Fortaleza (CCA).

O convertido nunca está sozinho. Sua experiência radical de abandono nas mãos de Deus tem um forte aliado: o Espírito Santo que ele não vê e nem toca, mas sente. Essa experiência, logo, encontrará com outros e outras que também estão fazendo o caminho de volta. No caso da RCC pode ser o grupo de Oração pela sua especificidade.

Depois que o processo de mudança está em curso, o convertido começa a enxergar os desafios que terá para manter-se na direção espiritual que escolheu. Essa atmosfera de encantamento e reencantamento espiritual, fez com que muitas pessoas pensassem – depois de todo esforço envidado para acolher a voz do Espírito – numa consagração mais radical para manter acesa a chama da conversão.

CONCLUSÃO

A RCC pode ser considerada um fenômeno vasto, mas, procuramos apontar caminhos de reflexão sobre a origem e os desdobramentos do movimento, vendo-o sempre a partir do grande acontecimento eclesial do século XX que foi o Concílio Vaticano II, sobretudo no que tange à sua relação com o catolicismo.

As mudanças, no campo religioso brasileiro mostraram como ele é plural e cheio de paradoxos. Hoje, não só a face institucional tem primazia mas também a face do devocionalismo popular; também não é único o catolicismo santoral e nem a forte presença das Comunidades Eclesiais de Base – sobretudo nas décadas de sessenta a oitenta do séc. XX – que continua sua inserção com os Intereclesiais. O catolicismo pentecostal ou carismático assumiu um lugar de protagonismo, e foi se fortalecendo como opção à demanda de sinais e curas, num contexto cultural marcado pela subjetividade e pela emoção.

Descobrimos que é possível a convivência entre ramificações religiosas diferentes e que a RCC veio dos Estados Unidos – onde historicamente se deu o despertar dos “renascidos” – chamando a atenção dos estudiosos e pessoas ligadas à hierarquia católica, para a seguinte preocupação: por que a RCC, no séc. XX, passou a despertar experiências de conversão dentro do catolicismo? Tematizar essa questão foi um dos grandes desafios desse trabalho, o que se desenrolou no decorrer dos capítulos.

Outras indagações surgiram no decorrer da pesquisa e procuramos respondê-las tomando-se como base as pesquisas bibliográficas, e também mediante a utilização dos dezessete questionários, que foram trabalhados com Comunidades de Aliança, um sacerdote diocesano, além de alguns grupos de oração. Foram propostas questões dentro do espírito da RCC e do caminho traçado para o trabalho sobre o a Renovação Carismática, e a elaboração da identidade religiosa dos seguidores: desafios e limites dentro do catolicismo.

Destacamos com avidez a origem da RCC e sua chegada no Brasil por volta do ano de 1967. Sublinhamos no segundo capítulo, a relação entre a sociedade moderna, o catolicismo e as propostas das Novas Comunidades Católicas. Foi uma descoberta interessante porque deu-nos a oportunidade de investigar o caráter arrebatador de alguns fundadores, que atraem pessoas para viver, segundo a égide de seus carismas, onde o despojamento, a obediência e o próprio voto de castidade, são cobrados entre eles, recordando assim, as antigas ordens e congregações religiosas.

Vimos, ainda, no terceiro capítulo, o processo de conversão que identifica os fiéis católicos, dando uma visão mais detalhada de cada passo como a conversão, as celebrações com traços emotivos, os depoimentos em seminários e ao mesmo tempo, ressaltando os traços católicos como a devoção a Maria que, possui forte incidência na religião, confirmando assim na RCC um tipo de espiritualidade intimista e também plural. Cada um desses passos que o fiel católico vai dando, leva-o a descobrir os empecilhos que a sociedade atual coloca na construção ou re-construção de sua identidade. Ele se aproxima e vê na RCC o lugar por excelência para o amadurecimento de sua vida cristã e, como o Movimento é preñado de atividades ligadas a oração e ao intimismo espiritual, sua identidade será marcada por um intenso combate na sociedade e dentro da própria Igreja Católica.

O catolicismo carismático está posto. Destarte, sugerimos maior atenção a seus múltiplos aspectos, uma vez que, na pesquisa só tivemos a oportunidade de focar uma dimensão. Suas semelhanças e supostos antagonismos com o neopentecostalismo deve ser investigado. Sua influência na credibilidade da Igreja no Brasil também merece pesquisa. E, o caminho mais promissor, no momento, é sem dúvida sua inserção na mídia com personagens ecléticos e variados, como leigos e padres, assumindo papel de artistas do sagrado, e comovendo pessoas e multidões com suas presenças.

Na nossa ótica, fica nitidamente exposto que no século XXI, o catolicismo será estudado no aspecto da sua relação com os meios de comunicação. Quanto à sua mensagem e às metodologias utilizadas para sua apresentação, só o tempo nos dará condição de averiguar. No momento, o que se vislumbra é a RCC assumindo posturas arriscadas e pontos estratégicos dentro da Igreja Católica, para ousar a recatolização da sociedade brasileira.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1. A Renovação Carismática Católica possui várias atividades para reunir seus adeptos. Uma delas é o *grupo de oração* Você já participou ou participa de *grupo de oração*? Há quanto tempo?
2. Quais os motivos que te fizeram escolher a Renovação Carismática Católica como caminho espiritual e não outro movimento da Igreja?
3. Já participou anteriormente de outros grupos e/ou atividades dentro do catolicismo (ex. Grupo de Jovens, Legião de Maria, Cursilho de Cristandade)? E em outras religiões?
4. Conhece a doutrina da religião evangélica?
5. Quantas pessoas participam do *grupo de oração* com você e como está seu relacionamento com elas?
6. Há quanto tempo você faz parte da *Comunidade de Vida/Aliança*?
7. Em sua opinião como a Renovação Carismática Católica se coloca/posta enquanto Movimento dentro da Igreja Católica?
8. Em sua opinião a Renovação Carismática Católica enquanto Movimento religioso é livre para desenvolver suas atividades na Igreja Católica ou depende da aprovação do clero e do bispo?
9. Qual a missão específica da sua *Comunidade de Vida/Aliança* na Igreja particular onde está inserida? Acrescente outra (s) atividade (s) que desenvolve.
10. Que tipo de condição a hierarquia da Igreja Católica – padres e bispos – coloca para a Renovação Carismática Católica atuar? Ou seja, tanto o seu *grupo de oração* paroquial como na diocese?
11. Qual a sua opinião em relação a outros movimentos do catolicismo? Já ouviu falar Ceba (Comunidades Eclesiais de Base)?
12. Qual a sua opinião em relação ao crescimento do pentecostalismo?

13. Você acha que a RCC pode ser considerada um Movimento com características pentecostais? Por quê?
14. Qual a relação – no seu modo de pensar – entre a RCC e os demais movimentos?
15. Qual o seu parecer sobre as Comunidades Católicas como, Shalom, Canção Nova, Toca de Assis, que nasceram dentro da RCC?
16. Acrescente o que você julgar oportuno sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ABIB, Jonas. **Canção Nova uma obra de Deus**: nossa história, identidade e missão. São Paulo: Editora Canção Nova, 2010.

ANDRADE, Péricles; BURITY, Joanildo (Orgs.). **Religião e cidadania**. São Cristóvão: Editora UFS, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2011.

ANDRADE, Péricles. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Diálogos e tensões entre o catolicismo e a modernidade no Brasil**. São Cristóvão-SE, 2007, p. 197-217.

ANTONIAZZI, Alberto. **Porque o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** São Paulo: Paulus, 2005.

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil**: nunca mais, um relato para a história. Vozes: São Paulo, 1985.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Novos rumos do catolicismo. In: CARRANZA, Brenda, et al., **Novas comunidades católicas**: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Idéias e Letras, 2009, p. 17-32.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER, Aloísio, et al., **Vaticano II**: 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2005, p. 9-37.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Mulheres no caminho da salvação**: passos para um mundo mais justo. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=A+convers%C3%A3o+de+Edit+Stein&btnG=Pesquisar&lr=lang_pt&as_ylo=&as_vis=0>. Acesso em: 21 de out. 2011.

BLAQUIÈRE, Georgette. **Pentecostes é hoje**: os grupos de oração da Renovação Carismática. São Paulo: Paulus, 1993.

BOFF, Clodovis. **Uma igreja para o próximo milênio**. São Paulo: Paulus, 1998.

BOLETIM DA CNBB. **Renovação Carismática**. Junho, 1973, p. 654-655.

BORGES, Alexandre. **RCC no Brasil**. Disponível em: <<http://www.portalarismatico.com.br/menu/movimento/historia5.htm>>. Acesso em: 26 de abr. 2011.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica**: Origens, mudanças e tendências. Editora Santuário: Aparecida, 2000.

_____. CAMURÇA, Marcelo, MARIZ, Cecília, (Orgs.). **Novas Comunidades Católicas**: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

CASTRO, Regis; CASTRO, Maisa. **Terço da libertação**. São Paulo: Raboni Editora, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Vozes, 1993.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1987.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1983.

COMBLIN, José. **As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II**. In: LORSCHIEDER, Aloísio, et al., **Vaticano II**: 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2005, p. 51-70.

CLODOVIS, Boff. **Carismáticos e Libertadores na Igreja**. In: Revista Eclesiástica Brasileira (REB). Petrópolis: Vozes, mar. 2000, Fasc. 237, p. 36-53.

DOCUMENTOS DA CNBB, 20. **Vida e Ministério do Presbítero**. São Paulo: Paulinas, 1981.

DOCUMENTOS DA CNBB, 53. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HÉBRARD, Monique. **Os Carismáticos**. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1992.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOÃO XXIII; JOÃO PAULO I; JOÃO PAULO II. **Os papas falam sobre a Renovação Carismática**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1982.

JOÃO PAULO II. **Audiência aos carismáticos da Itália**. In: JOÃO XXIII; JOÃO PAULO I, 1982, p. 25-28.

JOÃO PAULO II. **Quarta conferência internacional de líderes**. In: JOÃO XXIII; JOÃO PAULO I, 1982, p. 29-31.

JUANES, Benigno. **As formas e os frutos do louvor**. São Paulo: Loyola, 2000.

JÚNIOR, Fernando Altemeyer. Igreja. **CEBs**: comunidades eclesiais de base. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs.htm>>. Acesso em: 28 de abr. 2011.

KEHL, Medard. **A Igreja**: uma eclesiologia católica. São Paulo: Loyola, 1997.

KUNG, Hans. **A Igreja católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A Religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Concílio Vaticano II**: os anos que se seguiram. In: LORSCHIEDER, Aloísio, et al., **Vaticano II**: 40 anos depois. Paulus: 2005, p. 71-88.

LORSCHIEDER, Aloísio (Org.). **Vaticano II**: 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2005, p. 39-49.

LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LUNEAU, René; MICHEL, Patrick (Orgs.). **Nem todos os caminhos levam a Roma**: as mutações atuais do catolicismo. Petrópolis, Vozes: 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. **A Renovação Carismática Católica**: uma igreja dentro da Igreja? Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/115>>. Acesso em: 15 de jul. 2011.

_____. **Sociologia da Religião: enfoques teóricos.** In: TEIXEIRA, Faustino (Org.), 2007, p. 67-92.

_____. **Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade.** In: MENEZES, Renata, TEIXEIRA, Faustino (Orgs.), 2006, p.53-68.

MIRANDA, Júlia. **Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político.** Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1999.

NASCIMENTO, Isaiás. **Dom Távora, o bispo dos operários: um homem além do seu tempo.** São Paulo: Paulinas, 2008.

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. **O Rosto Plural da Fé: da ambigüidade religiosa ao discernimento de crer.** São Paulo: Loyola, 2008.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. A “**Vida no Espírito**” e o dom de ser “**Canção Nova**”. In: CARRANZA, Brenda, et al., 2009, p. 195-221.

OLIVEIRA, Daniel. **Esclarecimentos sobre alguns pontos da RCC à CNBB.** Banco de dados. Disponível em:<<http://missaofidelidade.com/blogdaniel/?p=340>>. Acesso em: 26 de abr. 2011.

PORTELLA, Rodrigo. **Toca de Assis: viver uma vida pautada na diferença.** Disponível em:<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/25509-toca-de-assis-uma-vida-pautada-na-diferenca-entrevista-especial-com-rodrigo-portella>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

_____. **Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis.** In: CARRANZA, Brenada, et al., Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Idéias & Letras: 2009, p. 171-194.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático.** São Paulo: Edusp, 1998.

RIBEIRO, Sampaio Geraldo Lopes (Org.). **Dom José Maria Pires: uma voz fiel à mudança social.**São Paulo: Paulus, 2005.

RIOS, Myrian. **Eu.** São Paulo: Editora Canção Nova, 2006.

SANCHIS, Pierre.**O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?** Disponível em:<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=673&secao=208>. Acesso em: 25 de jul. 2011.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Elementos sócio-históricos do movimento carismático no Brasil.** Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/posgraduacao/simposio/m_10_Flavio_Munhoz_Sofiati.pdf>. Acesso em: 11 de jan. 2011.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez. **As várias faces da Igreja Católica.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 de abr. 2011.

TAVEIRA, Alberto Correia. **Esclarecimentos sobre alguns pontos da RCC à CNBB.** Disponível em: <<http://cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=4174>>. Acesso em: 26 de abr. 2011.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre: o catolicismo plural.** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/28849-%60%60muita-reza-e-pouca-missa-muito-santo-e-pouco-padre%60%60-o-catolicismo-plural-entrevista-especial-com-faustino-teixeira-e-renata-menezes>>. Acesso em: 14 de jan. 2010.

TEIXEIRA, Faustino. **O catolicismo no Brasil.** Banco de dados. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2010/04/o-catolicismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 6 de set. 2010.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas.** Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos.** Petrópolis: Vozes, 2007.

TERRA, João Evangelista Martins. **Os novos movimentos eclesiais.** São Paulo: Loyola, 2004.

THEIJE, Marjo de. **A Caminhada do louvor: ou como carismáticos e grupos católicos de base vem se relacionando na prática.** Disponível em <http://www.gomiam.org/marjo/images/stories/acaminhadodolouvor.pdf>. Acesso em: 30 de mar. 2012.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808).** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VALLE, Edênio. **A Renovação Carismática Católica: algumas observações.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a08v1852.pdf>>. Acesso em: 18 de ago. 2010.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WILLAIME, Jean-Paul. **A ambivalência ecumênica de João Paulo II.** In: LUNEAU, René; MICHEL, Patrick (Orgs.), 1999, p. 170-198.

ZAGHENI, Guido. **A Idade Contemporânea:** curso de história da igreja. São Paulo: Paulus, 1999.